

MARIA LETÍCIA DE OLIVEIRA BIANCHINI

**O trabalho das mulheres rurais e dos cachorros:
uma agroecologia dos afetos**

ASSIS

2023

MARIA LETÍCIA DE OLIVEIRA BIANCHINI

**O trabalho das mulheres rurais e dos cachorros:
uma agroecologia dos afetos**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para obtenção do título de mestre em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade)

Orientadora: Dolores Cristina Gomes Galindo

Coorientadora: Alejandra Leon Cedeno

ASSIS
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

B577t Bianchini, Maria Letícia de Oliveira
O trabalho das mulheres rurais e dos cachorros: uma agroecologia dos afetos / Maria Letícia de Oliveira Bianchini. — Assis, 2023
185 p. : il.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Dra. Dolores Cristina Gomes Galindo
Coorientadora: Dra. Alejandra Astrid Leon Cedeno

1. Trabalho de extensão rural. 2. Trabalhadoras rurais. 3. Relações multiespécies. 4. Mulheres. 5. Afeto (Psicologia). I. Título.

CDD 152.4

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: O trabalho das mulheres rurais e dos cachorros: uma agroecologia dos afetos

AUTORA: MARIA LETÍCIA DE OLIVEIRA BIANCHINI

ORIENTADORA: DOLORES CRISTINA GOMES GALINDO

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em Psicologia, área: Psicologia e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. DOLORES CRISTINA GOMES GALINDO (Participação Virtual)
Programa de Pós-graduação em Psicologia / UNESP/Assis

Prof. Dr. ARTHUR ARRUDA LEAL FERREIRA (Participação Virtual)
UFRJ/RIO DE JANEIRO

Prof. Dr. JÁDER FERREIRA LEITE (Participação Virtual)
Centro de Ciências Humanas Letras e Artes / UFRN/Natal

Assis, 13 de fevereiro de 2023

Dedico este trabalho a todas as mulheres rurais do nosso país, principalmente as de minha família, que me inspiram e incentivam.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Gionéia e Silvano, por todo o alicerce e incentivo que me proporcionaram.

Aos meus irmãos, Allan, Maria Isabele e André, por todo o apoio.

Às minhas famílias, Oliveira e Bianchini, que escrevem coletivamente comigo.

Ao meu amado Vô Zé (*in memoriam*), que me transmitiu a arte de contar causos.

Aos meus companheiros multiespécies de escrita: Scott, Neguinha, Maiado, Janete, Pastorzinhos, Loki e Messi.

Ao meu amado, Otávio, com quem divido meus sonhos.

Às minhas amigas, Priscila e Lavínia, por todo o incentivo e as risadas que me descontraíram.

Ao meu querido amigo da Graduação, Leonardo, que se tornou minha família em Ourinhos e acolheu minhas inseguranças.

À minha amada orientadora, Dolores Galindo, pela sua maestria em transformar o processo de pesquisa em bons encontros. Serei eternamente grata pelos anos que compartilhou comigo.

Ao querido Rony Farto Pereira, que leu e corrigiu minha pesquisa, com tanto zelo e paciência.

A todas as pessoas com as quais pude compartilhar afetos agroecológicos, em eventos, congressos, conversas e reuniões.

Ao Laboratório Tecnologias, Ciências e Criação – LABTECC – por todo o conhecimento compartilhado.

Aos meus professores de Graduação, que me apoiaram no processo seletivo, em especial ao meu orientador de TCC, Guilherme Providello, e ao querido professor Marcos Mariani Casadore (*in memoriam*).

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Sociedade da Universidade Estadual Paulista – Assis.

À Banca Examinadora, pelo comprometimento e compartilhamento de seus conhecimentos.

E na entrelinha

há coisa a se

perder de vista.

(Marcos Mariani Casadore).

RESUMO

Nesta Dissertação, abordam-se os mundos rurais que são ocupados por mulheres e seus cachorros, referindo-se ao trabalho multiespécie e à agroecologia dos afetos, a qual brota entre os galhos de café e as alfaces na horta. Esta pesquisa se tornou possível pelos encontros multiespécies, que foram vivenciados na infância, na roça, e pelos animais que habitam hoje a vida da pesquisadora, em casa. Não se pode dizer que foi escrita apenas pela autora, pois isso anularia as perguntas e respostas obtidas, através deles. O som dos pássaros cantando na horta, das galinhas cocoricando, dos porcos famintos pelas folhas de alface, dos cachorros correndo, dos gatos caçando os ratos na tulha de café – e mais, não só estes que residem com a família, mas os cachorros de passagem também, conceito usado para explicar sobre os animais que não querem estabelecer moradia, os quais romperam com os limites que humanos colocam, em relações edipianizadas, em estarem fadados a ter apenas uma casa e um tutor –, todos eles fizeram e fazem emergir novas possibilidades de escrita e pesquisa. A Dissertação foi construída no movimento entre o meio urbano e o mundo rural, especificamente, no município de Pinhalão, Paraná, baseando-se na convivência com cachorros, como mulher, psicóloga, pesquisadora e agricultora que se movimenta entre o rural e o urbano. Para tratar de agroecologia dos afetos, contou-se com os métodos inventivos de escrita, a fim de possibilitar vários caminhos de leitura que podem (ou não) ser seguidos pelas leitoras.

Palavras-chave: Trabalho. Mulheres rurais. Relações multiespécies.

ABSTRACT

We refer, in this dissertation, to the rural worlds that are occupied by women and their dogs, to the multi-species work and the agroecology of affections that sprouts between the branches of coffee and lettuce in the vegetable garden. This research was made possible by the multi-species encounters, which were experienced in childhood, in the countryside, and by the animals that inhabit our lives today, at home. We cannot say that it was written by me alone, for that would nullify the questions and answers that I got from them. The sound of the birds singing in the garden, of the chickens scratching, of the pigs hungry for the lettuce leaves, of the dogs running, of the cats hunting the mice in the coffee plantation, and more, not only those who live with us, but also the dogs in transit, a concept I use to explain about the animals that do not want to establish a home, that have broken the limits that humans place on oedipal relationships in being fated to have only a house and a guardian, all made and make emerge new possibilities of writing and research. The dissertation was built on the movement between the urban and the rural world, specifically, in the municipality of Pinhalão, Paraná, based on living with dogs as a woman, psychologist, researcher, and farmer who moves between the rural and the urban. To talk about the agroecology of affections, we rely on inventive writing methods in order to make possible several reading paths that may, or may not, be followed by female readers.

Keywords: Work. Rural women. Multispecies relations.

RESUMEN

Nos referimos, en esta disertación, a los mundos rurales que ocupan las mujeres y sus perros, al trabajo multiespecífico y a la agroecología de los afectos que brota entre las ramas del café y las lechugas del huerto. Esta investigación ha sido posible gracias a los encuentros multiespecies vividos en la infancia, en el campo, y a los animales que ahora habitan nuestras vidas, en casa. No podemos decir que lo escribí yo solo, pues eso anularía las preguntas y respuestas que obtuve a través de ellos. El sonido de los pájaros cantando en la huerta, de las gallinas rascando, de los cerdos hambrientos por las hojas de lechuga, de los perros corriendo, de los gatos cazando los ratones en la trilla del café, y más, no sólo los que viven con nosotros, sino también los perros en tránsito, concepto que utilizo para explicar sobre los animales que no quieren establecer un hogar, que han roto los límites que los humanos ponen en las relaciones edípicas al estar destinados a tener sólo una casa y un guardián, todo hizo y hace surgir nuevas posibilidades de escritura e investigación. La disertación fue construida en el movimiento entre el mundo urbano y rural, específicamente, en el municipio de Pinhalão, Paraná, a partir de la convivencia con perros como, mujer, psicóloga, investigadora y agricultora que se mueve entre lo rural y lo urbano. Para hablar de la agroecología de los afectos, nos basamos en los métodos inventivos de la escritura con el fin de posibilitar diversas vías de lectura que pueden, o no, ser seguidas por los lectores.

Palabras clave: Trabajo. Mujeres rurales. Relaciones multiespecies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Calçando a bota rosa	16
Figura 2– Gaiteiro caminhando entre a soja.....	33
Figura 3– Maiado e Janete.....	43
Figura 4– Primeira filhote fêmea de Neguinha	55
Figura 5– Segunda filhote fêmea de Neguinha	56
Figura 6– Alimentando as galinhas	59
Figura 7 – 1º dia do registro	66
Figura 8 – 2º dia do registro da aula.....	66
Figura 9 – 3º dia do registro da aula.....	66
Figura 10 – 4º dia do registro da aula.....	66
Figura 11 – 5º dia do registro da aula.....	66
Figura 12 – 7º dia do registro da aula.....	66
Figura 13 – 6º dia do registro da aula.....	67
Figura 14 – Onde era café e agora é soja.....	71
Figura 15– Eu e vô Zé no Thermas dos Laranjais.....	81
Figura 16 – Colhendo os frutos de vô Zé	84
Figura 17 – Horta do vô Zé.....	85
Figura 18 – Bolos e estudos.....	86
Figura 19 – Casa da Vó Cecília.....	88
Figura 20 – Mãos vermelhas de frio	93
<i>Figura 21 – Hora da merenda.</i>	<i>94</i>
Figura 22 – Sofia e o café	101
Figura 23 – Sofia e o pé de café da sua altura.....	102
Figura 24 – Vó Beth	104
Figura 25 – Colheita de alface roxa.....	106
Figura 26 – Mamãe Gionéia.....	108
Figura 27 – Preparando a terra para plantio	113
Figura 28 – À procura do Felipe	115
Figura 29 – Aparecido: primeiro cão de passagem em nossa chácara, neste ano de 2020	124
Figura 30 – Risonho: segundo cão de passagem que visitou nossa chácara	126
Figura 31 – Violeta fiscalizando a limpeza das folhagens	134
Figura 32- Galinha no ninho	137
Figura 33 - Porcos no Manguirão	138
Figura 34 – Afetos em uma manhã de inverno.....	145
Figura 35 – Leão no Zoológico Municipal de Curitiba	153
Figura 36 – Janete: a gata dorminhoca.....	157
Figura 37 – Aquecer.....	159
Figura 38 – Aconchego entre Scott e Janete	161
Figura 39 – Pipoca e Chiclete: cachorros da Vó Beth	163
Figura 40 – Violeta: cachorrinha da dona do cafezal que estávamos colhendo.....	165
Figura 41 – Peludo: cachorro da Vó Cecília.....	167

Figura 42 – A alface e a borboleta	168
Figura 43 – Cozinhando no fogão a lenha	169

LISTA DE NOMES

Scott – Cachorro que entrou na vida da autora, em Ourinhos-SP, no dia 30 de março de 2020, logo após o início da quarentena. Carinhoso e companheiro de viagem entre Ourinhos-SP e Pinhalão-PR.

Neguinha – Cachorra que entrou na família, através da irmã da autora (Maria Isabele), em 2019, em Pinhalão-PR. Protetora e amorosa, além de ser professora de Scott, na escola de travessuras.

Maiado – Cachorro que entrou na família, em 2010, através do irmão da autora (André Silvano) e faleceu em 28 de setembro. Guardião da casa, amoroso e paciente com os bichos mais novos.

Pastorzinhos – Irmãos da raça Pastor Alemão que entraram na família, através do irmão caçula da autora (Allan Geovane), em 18 de novembro de 2021, em Pinhalão. Bagunceiros, comilões e amorosos.

Janete Cat – Gata frajola que entrou na família, através de André Silvano, em 23 de maio de 2021, em Pinhalão. Amorosa e amiga dos cachorros.

Chiclete – Cachorro que mora na chácara de Vó Beth, responsável pela guarda da casa, à noite, protegendo de humanos e bichos predadores de galinha. Aparece nas Figuras 5 e 34.

Pipoca – Cachorro que mora na chácara de Vó Beth, amigo do Chiclete e companheiro de latido. Aparece nas Figuras 5 e 34.

Padrinho Sirlei – Filho de Vó Beth, irmão do pai da autora. Aparece na Figura 5, junto com as galinhas, Chiclete e Pipoca.

Gaiteiro - André Silvano, um dos irmãos da autora. Aparece nas Figuras 6 e 40.

Sofia – Neta de Vó Beth, uma das novas da família Bianchini. Aparece nas Figuras 19 e 20.

Vó Beth – Avó paterna da autora, agricultora familiar aposentada.

Gionéia – Mamãe da autora, mulher do mundo rural e professora.

Silvano – Pai da autora, agricultor familiar e fundador das Hortaliças Bianchini. Aparece na Figura 22, preparando a terra com Allan.

Allan – Irmão da autora, caçula da família. Aparece nas Figuras 22 e 27.

Aparecido – Cachorro de passagem, que esteve na chácara onde a família da autora cultivava hortaliças. Aparece na Figura 29.

Risonho – Cachorro de passagem que esteve na chácara onde a família da autora planta hortaliças. Aparece na Figura 30.

Violeta – Cachorra da chácara onde a autora e Allan colhem café, em 2021. Aparece nas Figuras 27 e 35.

Peludo – Cachorro de passagem, que fixou moradia na casa de Vó Cecília. Aparece na Figura 36.

Vô Zé – Pai da mãe da autora, senhor alegre, amável e bom de prosa. Aparece na Figura 39.

Tia Ju – Mulher, filha de vô Zé. Aparece na Figura 40.

Aninha – Filha de Tia Ju, aparece ao lado da mãe, na Figura 40.

Vó Cecília – Viúva de Vô Zé, mulher forte e bondosa. Aparece na Figura 43.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
BEM-VINDAS À ROÇA!	18
CAPÍTULO 1 – Agroecologia dos afetos	33
1.1 Capinar como prática da pesquisa	41
1.2 Por uma ruralidade multiespécie	42
1.3 Corpo Pesquisador	65
1.4 Causos, um método inventivo.....	73
CAPÍTULO 2 – PESQUISAR E ESCREVER EM MEIO AO LUTO	77
CAPÍTULO 3 - MULHERES E A TERRA.....	93
3.1 Trabalho das mulheres rurais na pandemia.....	106
3.2 Duas gerações	113
CAPÍTULO 4 – CÃES DE PASSAGEM.....	124
4.1 Trabalho dos cães no mundo rural.....	133
4.2 Cachorros no cotidiano rural e sua relação com as mulheres	144
4.3 Alimento da alma e do corpo	168
CONSIDERAÇÕES FINAIS	173
REFERÊNCIAS	175
ANEXOS	182
Descrição das imagens audiovisuais presentes nos <i>Qrcodes</i>	182

Figura 1– Calçando a bota rosa



Fonte: Acervo da autora.

29 de abril de 2021

Possibilidades de ser

Toda quinta é uma correria: a Letícia agricultora vai para a horta, depois faz entrega, chega em casa, vira a Maria, mestranda, professora, depois volta a ser Letícia na vida doméstica e volta a ser Maria, quando retorna às leituras até o sono vencer e ir dormir. É estranho: o nome composto me oferece duas possibilidades – óbvio que entre elas há diversas versões delas mesmas, mas, quando penso nesses nomes, prefiro ser Maria!

A Maria não tem medo, é mulher mestranda, professora, mora sozinha, dirige por aí tudo. A Letícia tem estado cansada de se impor, só queria ser ouvida, sem precisar se estressar.

Devaneios à parte, a Rede de Estudos Rurais tem possibilitado muito aprendizado, não consegui assistir a live completa, porém, teve uma fala que me marcou muito, quando a mulher pergunta: “Será que o mundo rural vai acabar? Nós nos tornaremos todos urbanos?” E isso vai ao encontro do texto para a orientação de amanhã, na parte na qual afirma que os brancos acham que a floresta está morta e vazia, por isso se veem no direito de invadi-la.

Fiquei pensando que, mesmo sendo triste o fato de as pessoas terem de sair do mundo rural para ganhar dinheiro e ter algo seu, ainda havia a possibilidade de retornar e comprar sua terrinha... percebo que daqui a um tempo não teremos mais oportunidade, pois tudo está virando soja e gado! Quem vende terra é o pequeno e médio produtor, o rico não vende! Como vamos voltar para o mundo rural? Vejo que um futuro totalmente urbano talvez não seja tão irreal assim.

Resistência pela cultura, pela tradição, pela segurança alimentar.

INTRODUÇÃO

BEM-VINDAS À ROÇA!

17 de novembro de 2020

Enquanto organizava minhas fotos para a aula de hoje, percebi algo que no dia a dia “passou batido”.

Minha pesquisa está em movimento, ora em Ourinhos ora em Pinhalão, no meio urbano, no rural, no entanto, quando falo que ela está no rural, não estou falando do arquivo, porém do meu próprio corpo!

Até que enfim o conceito de “corpo pesquisador” fez sentido para mim, agora entendo como é a pesquisa nos movimentar. Ao mesmo tempo que meu corpo movimenta a minha pesquisa, carregando para lá e para cá, a pesquisa movimenta meu corpo! Minha relação com a terra mudou muito, depois que comecei a pesquisar sobre, a forma como olho a plantação; os animais, as árvores têm uma outra dimensão. Percebo o quanto somos ligados à terra e agradeço por ter tido uma infância que me permitia desbravar o mato, as grandes árvores, as plantações de café, porque, por mais que eu não tenha percebido conscientemente, foi essa relação que me trouxe aqui, que, no momento certo, me trouxe para pesquisar o rural.

A pesquisa de Mestrado esteve em movimento entre Ourinhos/SP e Pinhalão/PR, mas não é sobre esse trajeto que gostaria de tratar aqui; quero falar do movimento que ela faz em meu corpo e me permite que esteja em todos os lugares. Busquei falar sobre o mundo rural no qual estou inserida, pois foi construída no trânsito entre urbano e rural – é no caminho, na estrada, que ela acontece.

Nos registros fotográficos do diário de campo, percebi o movimento do meu corpo sobre a pesquisa, carregando para baixo, para cima, para os lados ou em círculos entre as cidades onde moro, de sorte que foi nos momentos em que ela (o arquivo do *Word* propriamente dito) não estava comigo, que senti que a pesquisa estava presente, pois se move no meu corpo.

Os deslocamentos ensejaram ressignificações que não imaginávamos ser possível; em decorrência disso, o projeto mudou várias vezes, mas foi ao colocar em prática a arte da escrita que a pesquisa tomou seu rumo próprio. Quando iniciei o

Mestrado, o intuito era falar das mulheres rurais, contando com uma pesquisa de campo em uma cooperativa de mulheres do café de minha região paranaense, contudo, a pesquisa se movimentou e era preciso aludir primeiro ao lugar onde *a priori* aconteciam minhas provocações rurais. Seguindo os caminhos de Dolores Galindo e Daniele Milioli (2016, p. 139), “[...] propomos, assim, práticas de pesquisas que não definiriam por si mesmas os problemas a serem investigados; elas atuam nas situações que as fazem fazer; elas se abrem para experimentos onde a imprevisibilidade transita”; ora, o encontro do pesquisador com sua pesquisa se dá no inevitável, no inesperado, alcançando lugares não planejados.

Trata-se de uma pesquisa dos afetos e das afetações, da biointeração e da agricultura familiar, das mulheres e dos animais, os quais necessitam de métodos inventivos de escrita. Buscamos essa inspiração metodológica na obra *Inventive Methods. The happening of the social*, de Celia Lury e Nina Wakeford (2012), para transmitir a sensibilidade e a resistência dos mundos rurais e da mulheres que transitam por eles. Fotos, arquivos audiovisuais, recortes do diário de campo, contos e causos se juntam para tornar possível uma experiência que não pode ser apenas contada, devendo ser, entretanto, sentida.

Não podemos tratar de pesquisa dos afetos e afetações, sem dialogar com a obra de Jeanne Favret-Saada, à qual, diante da impossibilidade que a objetividade moderna colocava de se manter distante, não restou outro caminho a não ser deixar-se ser afetada para, então, ser digna de obter novas perguntas e respostas com os Camponeses do Bocage, em sua pesquisa sobre feitiçaria no Bocage francês (2005). A autora reconsidera a noção de afeto, durante o pesquisar, reivindicando ser urgente “[...] reabilitar a velha ‘sensibilidade’, visto que estamos mais bem equipados para abordá-la do que os filósofos do século XVII” (FAVRET-SAADA, 2005, p. 155) e, dessa forma, rompermos com a noção de que apenas a ciência é a mais indicada para explicitar os aspectos intelectuais da experiência humana.

Favret-Saada contribui para revisarmos a objetividade que tomamos como único meio de garantir bons resultados; ao contrário, defende que, quando estamos em campo, “[...] é-se bombardeado por intensidades específicas (chamemo-las de afetos), que geralmente não são significáveis. Esse lugar e as intensidades que lhe são ligadas têm então que ser experimentados: é a única maneira de aproximá-los” e, através dessa afetação, compreender o que expressamos, de uma maneira próxima,

mas não idêntica, pois o que foi ressignificado através dessa experiência perpassa o meu estoque de imagens e não de outros participantes.

Escolhemos, para compor a pesquisa, registros audiovisuais e fotografias, aparecendo entre os capítulos, mas como um texto à parte. O intuito é fazer com que as fotografias alcancem sua capacidade artística, sem estarem presas a provar os argumentos levantados no texto.

O problema é que fotografias como instrumento de pesquisa, se não houver um cuidado da fotógrafa, podem se tornar meios de exploração daqueles que são fotografados. Ariella Azoulay (2019, p.133) aponta que “[...] o direito de tirar fotografias foi imposto desde o início como estabelecido, ilimitado e inalienável, frequentemente contra a vontade dos outros.”

Fotógrafos foram convocados a construir a história, fotografando tudo o que fosse possível, pois o mundo pedia para conhecer a capacidade que uma câmera possuía; entretanto, as pessoas fotografadas não foram mencionadas e muito menos os animais e as plantas, que também foram capturados. Hoje, graças aos direitos de privacidade e de imagem, muitos aspectos de nossa vida passaram a ser objetos proibidos aos fotógrafos, podendo-se recorrer à Justiça, em casos de violação, com direito ao recebimento de indenizações. Não que isso seja fator de impedimento para aqueles que desejam um “furo” a todo custo, no entanto, impõe limites.

Quando pessoas, animais e plantas são fotografadas e não recebem nenhuma comissão, não contribuem para que os fotógrafos enriqueçam, mas os fotógrafos possibilitam “[...] que grandes corporações, coleções e instituições lucrem com o trabalho gratuito e com a presença dos incontáveis fotografados que abastecem a indústria.” (AZOULAY, 2019, p.132)

Como pagar comissão aos animais e plantas? Compartilhamos com o pensamento de Antônio Bispo, ao defender que o trabalho é feito através da atividade de humanos e animais, logo, o pagamento deverá ser dividido entre eles, pois os animais também têm gastos: a diferença é que algum humano será responsável pelo seu dinheiro, já que nossa moeda de pagamento é constituída por notas físicas.

Sendo hoje as redes sociais uma plataforma em que as pessoas postam fotos e vídeos para ganharem dinheiro, vemos com muita frequência “memes” de animais circulando nas redes sociais, porém, esses animais estão recebendo os devidos créditos e participação dos lucros?

Mesmo que tenhamos construído uma separação entre aqueles que são profissionais, que estudam e se dedicam à fotografia, bem como os que trabalham sendo fotografados, e aqueles que são amadores, a comunidade da fotografia não é organizada em torno dessas distinções, “[...] é uma comunidade ampla, que eu arrisco a chamar de ‘cidadania da fotografia’, e é sem fronteiras e aberta. As relações entre seus membros não podem ser definidas em termos de interesse profissional comum pela fotografia.” (AZOULAY, 2008, p. 93).

Ressalta ainda Ariella Azoulay (2008, p. 88, tradução nossa) que “[...] a invenção da fotografia foi a criação de uma nova situação em que diferentes pessoas, em diferentes lugares, podem simultaneamente usar uma caixa preta para fabricar uma imagem de seus encontros: não uma imagem deles, mas do encontro em si”; assim, a fotografia vai ser sempre feita na multiplicidade, porque estão envolvidos nela o fotógrafo, a pessoa fotografada e o espectador. A fotografia sempre vai alcançar além daquele momento em que ela é capturada, pois os espectadores podem dar a elas significados a esses encontros, os quais podem ser relacionados ao que foi fotografado, mas também significar coisa outra.

Ariella Azoulay (2014) remete a algo que tomamos o cuidado para não acontecer na pesquisa, já que pretendemos falar sobre a agroecologia dos afetos e encontros multiespécies e, para isso, não devemos induzir caminhos, apenas apresentar as possibilidades; às vezes, “[...] as fotografias cedem facilmente aos nomes e conceitos ligados a elas; outras vezes, permanecem como uma imagem embaçada que não se coagula em um objeto típico, e o gesto apontando ‘Isto é X’ requer muita força para ser capaz de se conectar com eles.” (AZOULLAY, 2014, p. 24, tradução nossa).

Forçar uma experiência com a fotografia impede que o encontro registrado ultrapasse os limites da captura e limita a participação de pessoas, animais e plantas, retirando a “[...] oportunidade que a câmera cria para as pessoas coincidirem no mesmo espaço e tempo e, assim, participar na criação de algo comum, algo que não poderia ser produzido de outro modo, isto é, sem a presença e a participação de outros.” (AZOULAY, 2018, s/p, tradução nossa).

Todos os fotografados que aparecem aqui foram convidados a tal ato e, quando direcionava a câmera aos cachorros, esperava alguns minutos para depois registrar a foto – assim, saberia se fui autorizada ou não para tal ato. Quando Scott não queria ser fotografado, ele saía de perto ou não olhava para a câmera, mas, quando permitia,

ele se posicionava para a câmera ou fazia graça, para “sair bem na foto”. As pessoas que aparecem nas fotos, autorizaram ¹por escrito os registros e muitas vezes enviavam fotos e vídeos para que fosse anexados na pesquisa.

Desejamos que as fotografias e arquivos audiovisuais aqui colocados produzam uma experiência que vá além daquela que vivenciamos, que as espectadoras possam dar significados outros que façam sentido a elas, ou que também não façam. Com esse objetivo, optamos por não definir as imagens em legendas e sem explicá-las no texto, aparecerão apenas causos que envolvam as imagens, mas sem definições, pois elas possuem informações por contra própria dos encontros registrados, ora fazendo o que Silvia Cusicanqui Rivera (2012, p. 17, tradução nossa) chama de montagem criativa.

A autora possibilita que a criatividade entre em jogo, para romper com técnicas sem inventividade que não permitem aos expectadores retirarem conclusões sobre a leitura da arte, que não seja aquela idealizada pelo seu criador, propondo “[...] produzir contrastes e oposições entre texto e imagem, para alcançar precisamente essa abertura pensativa” (CUSICANQUI, 2012, p.17, tradução nossa), ou seja, de dar aos expectadores elementos para que estimulem suas próprias conclusões, por um caminho de várias possibilidades.

Silvia Cusicanqui Rivera, socióloga e ativista boliviana, se dedicou ao estudo da sociologia de imagem, trabalhando com montagem de vídeos que surgiram através da história oral e suas necessidades de comunicação, em que a imagem capta outro tipo de expressividade, Cusicanqui não optou entre um e outro, mas aproveitou todos para construir uma relação de escuta, “[...] porque, no fundo, através de formatos muito diversos, continuo a fazer-me as mesmas perguntas básicas sobre a realidade, embora seguindo um percurso em ziguezague e descontínuo.” (CUSICANQUI, 2012, p.15).

A autora utiliza várias montagens que podem, ou não, ter sentido, mas que possuam a intenção de produzir algum tipo de reflexão, de modo a construir o seu roteiro de ficção ou docu-ficção, assim como ressalta: “[...] acredito que a realidade é reconstruída pelas ressonâncias mútuas criadas pela montagem entre diferentes

¹ Os humanos que aparecem nas fotografias e registros audiovisuais autorizaram, por escrito, sua participação nesta Dissertação, através do Termo de Autorização de Uso de Imagem; além de fazerem parte da família materna e paterna da autora, todo(a)s estavam inserido(a)s no diário de campo.

imagens, das quais extrai novos significados por meio de uma espécie de tratamento de choque” (CUSICANQUI, 2012, p.17), a fim de causar estranhezas que incomodem e façam refletir.

Precisamos, enquanto pesquisadoras inventivas, romper com técnicas e instrumentos de pesquisa e de escrita que induzem as pessoas a pensarem como nós, no ato de escrever sobre algo que nos implica, mas devemos permitir que as pessoas se choquem com o que veem e leem, não no sentido de ficarem horrorizadas, contudo, no sentido de que, ao terminar a leitura, estejam com mais inquietações do que quando a iniciaram.

Inspirada em Vinciane Despret (2021), no seu livro-jogo *O que diriam os animais*, o trajeto de leitura proposto na Dissertação possui vários fluxos: texto, fotografias e arquivos audiovisuais. São caminhos que desejam chegar ao mesmo destino, ou a destino próximo, mas que permitem ao condutor escolher por qual deles viajar, podendo ainda intercalar as possibilidades existentes no texto ou escolher apenas uma.

A escrita em si e as imagens trazem informações em linguagens diferentes, visto que as imagens aparecem sem estarem introduzidas com algum texto ou legenda explicativa, pois não é preciso que haja. Ora, emprestando o conceito de Silvia Cusicanqui Rivera (2012), chamo isso de “montagem criativa”, um fluxo à parte, que pode ou não ser aberto.

É o afeto com as plantas, com os animais, com o manejo sustentável, com as mulheres rurais que lutam por melhores condições de trabalho, além de garantir maiores oportunidades para as jovens rurais permanecerem na roça, dentre outras práticas que nos fazem defender aqui uma agroecologia dos afetos.

Exatamente por haver afeto, nesta pesquisa, sentimos a necessidade de contar com várias vias de leitura. Nos parágrafos, você encontrará registros fotográficos no início e meio de cada capítulo e arquivos audiovisuais no canto de página, os quais foram feitos enquanto a investigação acontecia, todavia, nem sempre as fotos e vídeos estarão conectadas ao texto, porque eles funcionam como fluxos alternativos de leitura: você pode decidir ou não acessá-los, porque, assim como assevera Silvia Cusicanqui Rivera (2012, p. 17, tradução nossa), estamos produzindo “[...] contrastes e oposições entre texto e imagem, para alcançar precisamente essa abertura pensativa.”

Em sintonia com Ariella Azoulay (2019), não desejamos aqui pactuar com fotógrafos que excluem a participação daqueles que foram fotografados ou que limitam a fotografia apenas à interpretação que a legenda propõe; na verdade, registramos aqui a proximidade simbólica, afetiva e física entre espécies não humanas e os humanos: por ora, aparecerão antes ou após algum caso, mas não há definições e legendas dessas fotos, pois, inspiradas em Azoulay (2019) e Cusicanqui (2012), compreendemos que elas por si bastam e que há várias formas de ler este texto, de sorte que as imagens e arquivos audiovisuais possuem linguagens e fluxos próprios.

Cusicanqui (2012, p.17) argumenta que, quando somos surpreendidos por uma imagem sem aviso, somos provocados a refletir sobre o que vemos, pois há um impacto sensorial, emocional e intelectual do tipo que choca, bate e transforma o expectador, a ponto de alguma coisa sair desse encontro inesperado.

Ao longo do texto, serão encontrados códigos de *qr code* que direcionarão para o acesso aos vídeos que foram feitos durante o dia a dia, na roça. Para acessá-los, é bem simples: os celulares mais novos já possuem o aplicativo para leitura de *qr code*, por isso, é só abrir sua câmera fotográfica e apontar para o *qr code* que o *link* aparecerá na tela; caso faça isso e nada aconteça, é porque seu celular não possui a ferramenta baixada. Nesse caso, vá até o *play store* e baixe um aplicativo de “leitor de *qr code*”; irão aparecer várias opções, escolha a que você achar melhor. Feito isso, é só acessar seu novo aplicativo, apontar a câmera e clicar no *link* que aparecer, surgirá outro *link* que direciona ao vídeo disponível em meu *drive*.

Cusicanqui (2012) trabalha com montagem criativa de vídeos e histórias orais, produzindo uma docu-ficção que provoca, ao mesclar imagens do real com cenas da ficção, em uma proposta de usar diferentes formatos para chocar, no intuito de levar ao pensamento e não horrorizar.

Na mesma direção de produzir obras que saiam do comum e a fim de desvelar caminhos alternativos de pensamento está Vinciane Despret (2021), ao propor um livro-jogo que incita o leitor a decidir o fluxo da leitura, um livro que não é um dicionário, mas que pode ser um abecedário. Despret traz textos que remetem aos animais e às diversas facetas onde estão inseridos, provocando reflexões se os animais trabalham, se são as novas celebridades, se cavalos devem ou não consentir em uma montaria, entre outros casos fantásticos, nos quais há remissões que podem ou não ser seguidas. É, no fim das contas, um livro que instiga a curiosidade, ao passo que, toda vez que trocar de caminho, posso ter novas reflexões e casos.

Juntando a provocação proposta por Silvia Rivera Cusicanqui (2012) e a ideia genial de livro-jogo de Vinciane Despret (2021), mas não tão surpreendente como elas, reunimos, nos capítulos e subcapítulos, indicações para retomada ou avanço para um capítulo que explicará melhor algum conceito elencado. Não prejudicará aqueles que escolherem ler o texto em sequência das páginas, porque são apenas sugestões de caminhos para compreender melhor o conceito que trago.

Também no início dos capítulos, haverá recortes do diário de campo onde evidenciei o dia a dia do desafio de ser pesquisadora e trabalhadora rural familiar, ao mesmo tempo, além de sofrer o luto que esses tempos sombrios nos causam. Tratando-se de uma pesquisa que se conecta com o corpo de quem lhes fala e que traz mais de mim do que eu mesma imaginava, o jeito como escrevo é da maneira que ouvi tudo que aprendi com minha família: através dos causos! Moradora do interior do Paraná e neta de mineiro, não havia outro modo de escrever, a não ser contando os causos que se passaram e passam, no espaço rural onde eu vivo. Espero conseguir trazê-las para a roça ou ao menos deixá-las curiosas para tentar exercer uma psicologia realmente implicada com a cultura local, com os nossos causos, com a vida que se apresenta a cada um de nós.

O caminho que foi feito para construir a pesquisa não foi uma rodovia asfaltada, reta e sem obstáculos, mas uma estrada de chão e pedra, que, algumas vezes, contava com retas onde se tornava possível apreciar a paisagem com mais calma e, outras vezes, ficava sinuosa e precisava de muita atenção, para não se perder os detalhes. Não foi uma estrada fácil, porém, uma estrada linda, onde apreciar as paisagens das montanhas, dos rios e da mata foi de tamanho deleite. Não nos limitamos a um destino, aceitamos apenas possibilidades de novos caminhos e estamos caminhando constantemente, nesta aventura chamada pesquisa!

O que falta nas graduações em Psicologia, para que os universitários se impliquem com temas insurgentes? Em cinco anos de graduação, não me recordo de debater sobre o mundo rural, etnocídios, comunidades indígenas, relações multiespécies, trabalhadores que vivem na marginalidade, como discutimos sobre Psicanálise, psicopatologias, organizações, clínica, gestão de empresas. Para esses assuntos, semanas específicas no ano foram reservadas ou eventos, em que os alunos submetem seus trabalhos; o fato é que a academia, lembrando que me situo no Sul do país, ainda possui grades defasadas com a realidade dos povos brasileiros.

Para contar sobre as políticas de pesquisa e escrita que encontramos aqui, estaremos alinhadas com Isabelle Stengers (2021, p.09), sobre não haver “[...] nenhuma ambição de descrever práticas como elas são”; o que queremos é contar as possibilidades de práticas que foram emergindo em cada situação vivenciada, nestes dois anos de Mestrado.

Isabelle Stengers (2021, p. 07) enfatiza que “[...] aproximar-se de uma prática é abordá-la conforme ela diverge, ou seja, sentir suas fronteiras, experimentando questões que os praticantes podem aceitar como relevantes, mesmo que não seja suas próprias questões”, ela chama de ecologia de práticas essa ferramenta de pensar as práticas em meio ao que está acontecendo, logo, nenhuma ferramenta é neutra, pois, mesmo que siga os mesmos passos de outra pesquisadora para obter resultados de pesquisa parecidos, ainda assim, o resultado que obtiver será particular, porque há uma relação de relevância entre a situação e a ferramenta (STENGERS, 2021, p. 07).

O que a autora propõe são ferramentas para pensar e não para reconhecer métodos e resultados, porque reconhecer não nos leva a algo novo, não possibilita novas questões e nem deixa em aberto espaço para perguntas e recusas, não só de pesquisadoras, todavia, de todos os que participam da pesquisa. Ela visa à construção de novas “[...] práticas para as práticas, ou seja, novas possibilidades para que elas estejam presentes, ou em outras palavras, para que elas se conectem” (STENGERS, 2021, p. 09); não é sobre como as práticas acontecem fisicamente em campo, mas o que cada prática pode viver, com seu meio.

Compreendemos que “[...] não há identidade de uma prática independente de seu ambiente. Mas, não significa que a identidade de uma prática possa ser derivada de seu ambiente. Pensar “pelo meio” não dá poder ao meio ambiente.” (STENGERS, 2021, p.10). Em meio, não queremos nos restringir apenas ao espaço físico no qual as ferramentas e práticas acontecem, porque não é uma questão de poder e lugar, mas de envolvimento, o *ethos* que compõe a paisagem, espécies humanas e não humanas, a maneira como a gente define ou aborda uma prática define também o ambiente.

Pensando nesse envolvimento com o meio, Antônio Bispo dos Santos (2015) pode contribuir com essa discussão, ao ressaltar que somente quando a universidade estiver disposta a aprender com os povos tradicionais é que vamos construir saberes

localizados; ademais, o autor também alude à prática de assédio intelectual que as pesquisadoras praticam, quando vão a campo e colocam os povos como inferiores.

Se as práticas de pesquisa não incluem a participação ativa de todos os envolvidos, estaremos, por conseguinte, nos colocando em posição de saber/poder, limitando a participação dos seres humanos e não humanos, como o caso da primatóloga Bárbara Smuts: se nos mantemos distantes, impedimos o acesso a nós e à pesquisa, um risco muito caro para aqueles que realmente querem fazer pesquisa inventiva.

A fim de construir saberes localizados e trazer a potência e singularidade do mundo rural, das mulheres que ocupam esse espaço, dos animais e plantas que com elas constituem um relacionamento interespecies, a investigação conta com os recortes do diário de campo, fotografias, arquivos audiovisuais, contos e histórias, afinal, “[...] contar causos está no centro do trabalho de pesquisa e é uma atividade, historicamente, ligada a mulheres.” (DESPRET; STENGERS, 2011 *apud* GALINDO; MILIOLI, 2018, p. 93).

Dessa forma, a pesquisa-causo das mulheres e cachorros nos mundos rurais se divide em cinco capítulos. No primeiro, nomeado como “Agroecologia dos afetos”, trazemos as ecologias de práticas que utilizamos, aprofundamos o conceito de causo como um método inventivo de escrita, visto que ele faz conexão com a espécie de escrita da autora que vos escreve. Após, a discussão sobre corpo pesquisador e as afetações que a investigação causa, quando é feita com implicação e envolvimento. Por fim, trazemos a importância das relações multiespecies nos mundos rurais.

No segundo capítulo, enfocam-se as experiências em escrever a dissertação, em meio à pandemia e ao luto de perder meu avô para a Covid-19, utilizando os registros no diário de campo, para trazer à tona o bloqueio criativo que me acometeu, em meio aos prazos do Mestrado.

No terceiro capítulo, intitulado “Mulheres e a terra”, fazemos a discussão do reconhecimento do trabalho da mulher rural, embasado na agroecologia e na agricultura familiar, as quais protagonizam uma produção implicada na sustentabilidade e no zelo pelo ecossistema, além de reconhecer o trabalho de todos os envolvidos, trazendo os dados da Articulação Nacional da Agroecologia e autoras e autores que pesquisam o tema, para construir a escrita. No subcapítulo “Trabalho das mulheres rurais na pandemia”, apontamos quanto o trabalho das mulheres nos mundos rurais ficou ainda mais sobrecarregado com a pandemia, pois ensinar as

atividades escolares passou a ser responsabilidade da mulher, porque os homens continuaram com seus trabalhos na roça, o qual aumentou consideravelmente, por conta da necessidade de melhorar a alimentação, a fim de combater a Covid-19, sem mencionarmos os contextos em que a violência doméstica cresceu, utilizando os dados obtidos pelo estudo “Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia” realizado pela SempreViva Organização Feminista (SOF) (2020), em parceria com a organização Gênero e Número, para trazer números que mostram o quanto esse trabalho aumentou.

No subcapítulo “Duas gerações”, fazemos um recorte sobre a desvalorização do mundo rural propiciada pela valorização exacerbada do meio urbano e causada pelo agronegócio, pois ele precisa de um ambiente desfavorável para as agricultoras familiares, de sorte a facilitar a expulsão delas da terra. Além disso, focalizamos as dificuldades de acesso aos serviços básicos de saúde, lazer e educação, não com o intuito de promover o sentimento de pena ou de reafirmar que o urbano é melhor, mas para evidenciar o debate que pouco se menciona, trazendo vários autores que pesquisam sobre o assunto, a fim de mostrar como a situação de desvalorização dos mundos rurais assola o país todo.

No quarto capítulo, evidenciamos um conceito nosso, que chamamos de “cachorros de passagem” presentes nos mundos rurais e no meio urbano. Em seu subcapítulo, discutimos sobre a terra e os animais e seu processo de domesticação, uma atividade que fizemos juntos com os animais, em uma relação de contribuição mútua. Elencamos também o protagonismo do trabalho animal, no mundo rural, que, por muitos, não é reconhecido, trazendo vários artigos de revistas que estudaram o processo de domesticação, além de autoras como Donna Haraway e Despret, para abordar o reconhecimento do trabalho animal. No segundo subcapítulo, tratamos da relação entre as mulheres e os cachorros, no mundo rural, sublinhando a reciprocidade entre eles e o trabalho dos cães no mundo rural, no qual eles revelam que ser apenas “os melhores amigos do homem” é reduzi-los a projeções perigosas e antiéticas. Para a discussão acerca dos animais, contamos com as obras de Donna Haraway, Anna Tsing, Dolores Galindo e Daniele Milioli e Jocelyne Porcher. Para fechar o capítulo, mencionamos as plantas e um convite a refletirmos mais sobre elas, pois, antes de sermos do reino animal, somos do reino vegetal. De modo a constituir essa reflexão, contamos com as obras de Emanuele Coccia e Donna Haraway sobre as espécies companheiras e de Elaine Azevedo, que nos alerta sobre a necessidade

de migrarmos nossa alimentação, colocando as plantas como alimento principal, para que a sobrevivência da terra seja garantida.

Os instrumentos de pesquisa usados nesta escrita se localizam na metodologia inventiva de escrita, pois são os meios que possibilitaram trazer a afetividade que está nas entrelinhas e onde o que, como fala Célia Lury e Nina Wakeford (2012, p.6) “[...] os une, no entanto, é que eles são métodos ou meios pelos quais o mundo social não é apenas investigado, mas pode também estar envolvido”, permitindo aos animais humanos e não humanos serem os legítimos coautores desta pesquisa.

Atravessadas pelas leituras feitas na obra Daniela Dalbosco Dell’Aglia (2021), buscamos nos atentar na escolha das palavras utilizadas, a fim de respeitar a história dos seres humanos e não humanos que vivem nas roças, nas florestas e nas águas. Muitas palavras usadas em pesquisas propagam preconceitos, racismo e machismo com os povos desses ambientes citados; não usamos, por exemplo, a palavra “pioneiro”, presente no nome designado para representar a região em que vivo, no Paraná (Norte Pioneiro do Paraná), porque desrespeita os povos originários, que tiveram suas terras, casas e famílias invadidas pelos ditos “pioneiros” a chegarem nessas terras.

A pesquisa-causo possui como eixo central reconhecer e narrar o trabalho dos animais e das mulheres na agricultura familiar: Posto isso, justificamos a investigação realizada na dissertação pelo desejo de construir possibilidades de uma agroecologia dos afetos para com as mulheres rurais, animais e plantas que possuem contato com os mundos rurais de variadas formas e fazem dele um território carregado de potência e trabalho coletivo. Justificamos, ainda, pela oportunidade dessas mulheres, que lhes escrevem, que tiveram suas infâncias atravessadas pela roça, no contexto familiar, e que chegaram ao mundo científico com o desejo de reparação histórica para com sua ancestralidade, que formou mulheres pesquisadoras potentes e implicadas com sua cultura.

Objetivamos construir uma pesquisa-causo envolvendo a pesquisadora e os animais, para falar sobre o trabalho da mulher rural e dos cachorros a fim de propor uma reflexão sobre essas práticas e reconhecê-las como existentes. Objetivamos ainda, especificamente: 1) situar a noção de mundos rurais; 2) trazer os causos que atravessam o mundo rural, aqui contado, como forma de transmitir as vivências rurais; 3) apresentar o conceito de cachorros de passagem.

Ao escrever, permiti que as notas fossem acontecendo e não escrevi com regularidade, porque o trabalho na roça exigia esforços físicos que muitas vezes retiraram a destreza de escrever. Entretanto, percebi que esses momentos eram centrais para compreender como construir um equilíbrio entre meus dois trabalhos e como um afetava o outro; as expectativas iam mudando, de acordo com as atividades que ia executando na roça, e nem sempre os resultados eram o que esperava.

O diário começou a ser escrito em 26 de julho de 2020, dia que eu e meu irmão retornamos para Pinhalão-PR para ajudar nosso pai na horta, visto que a demanda estava aumentando, por conta da pandemia; encerrei sua escrita no dia 15 de dezembro de 2021, ao presenciar a primeira cria de Neguinha, nossa cachorrinha. Quando estávamos em Ourinhos-SP, não conseguia escrever sobre meu pesquisar, mesmo estando assiduamente nessa atividade por conta das disciplinas do Mestrado. As primeiras definições da escrita da Dissertação aconteceram em 21 de março de 2021, oito meses depois do início do diário.

Escrever no diário enquanto estava na roça, por um ano e cinco meses, só foi possível, por ironia do destino, devido à pandemia, pois, com a universidade fechada, tive tempo de me dedicar ao trabalho rural e disponibilidade para ficar em Pinhalão-PR, visto que o câmpus onde estudo fica em Assis-SP, sem contar as diversas vezes nas quais assisti a aulas no meio da horta, com o celular conectado à internet por redes móveis.

Por meio dos registros sobre minha rotina rural, foi possível visualizar as demandas que faziam parte do meu mundo rural e que atravessavam também o mundo de outras mulheres rurais. Essas constatações foram possíveis, através de conversas que surgiam com colegas da roça ou das mulheres que encontrava nos eventos de que participei, dos artigos e livros que compõem os capítulos e subcapítulos escritos aqui na pesquisa.

Enquanto pesquisadoras, sabemos o quanto o processo de pesquisar afeta aquela que se dedica a tal ato. Nem sempre os resultados são os esperados, a pesquisa muda ao longo da execução, inúmeros artigos e livros para ler, *Lattes* para preencher, palestras, congressos, monitoria, pandemias podem surgir e dificultar a coleta de dados, prazos a cumprir, se estiver no Mestrado ou Doutorado, aulas para assistir, artigos para escrever, créditos a cumprir, estágio de docência, qualificação, defesa, correção atrás de correção – e, se for no contexto brasileiro, precisa trabalhar em outro emprego para se sustentar e ainda ter de defender ou provar que a ciência

existe e é verdadeira, mais uma infinidade de coisas que acontecem e precisariam do capítulo inteiro para contar.

Diante de todo esse contexto acadêmico, propomos a escrita do diário de campo, ao longo da pesquisa, pois segundo com Maria Lívia do Nascimento e Flávia Lemos (2020, p.242) “[...] há intempestivos no trabalho, inquietações e intrigas que trazem perguntas e movimentos sem linha reta, em setas para um futuro em continuidade”, principalmente quando a investigação ocorre em território onde a diversidade e a inventividade são as peças centrais, como no mundo rural.

Detalhes essenciais desses territórios podem escapar aos olhos da pesquisadora, quando o ambiente é rico em perguntas, porque escrever para além do espaço do texto oficial disponibiliza a oportunidade de escrever sem linha reta, de anotar coisas que ressignificam uma pesquisa inteira, de pensar e repensar o que foi escrito.

O diário de campo não é uma ferramenta, nesta pesquisa, mas um dispositivo de intervenção: conteúdos levantados em sua construção ensejaram observar o movimento que a pesquisa tinha, não só de habitar vários ambientes, visto que a pós-graduanda residia em duas cidades e na roça, mas o próprio movimento no corpo da pesquisadora, que ainda desconhecia o que era ter um corpo pesquisador.

De acordo com Maria Lívia do Nascimento e Flávia Lemos (2020, p. 244), “[...] o diário de campo não é mero suporte da memória, um baú de lembranças, mas um processo de subjetivação”; quando lemos um texto, em seguida escrevemos no diário, lemos outro texto, voltamos ao diário e relemos tudo o que foi anotado, estamos, nesse momento, fazendo uma análise de implicação, a partir do que essas leituras nos causam, provocando-nos um posicionamento ético, ao ver o que cabe e não cabe a nossa pesquisa, ou até mesmo discordar e concordar com as autoras.

Esse diário vibra com as afetações que foram possíveis, no decorrer da pesquisa, pois ele, como René Lorau, “[...] não é neutro, nem política nem afetivamente” (LORAU, 2007, p. 88); é um material etnográfico onde a intimidade da pesquisa possa ser relatada de acordo como é vivenciada na prática, dando espaço para que a pesquisadora não só registre como os fatos aconteceram e como a afetaram, mas que também a levem a se posicionar politicamente diante desses sentimentos e acontecimentos.

Não se trata de um resumo do dia a dia da pesquisadora, feito para registrar assuntos que não estejam engajados com o conteúdo do estudo em si, porém, de um

espaço onde anotar as etapas que falharam. Nessa linha, os prazos que não foram cumpridos, os descaminhos que não estavam previstos no cronograma, contrapontos, os quais, mesmo *a priori*, sejam negativos, desafiam pesquisadoras a repensar suas estratégias e que provocam novas perguntas.

Definimos que os registros contariam com fotos, arquivos audiovisuais e textos, todavia, que não fosse algo forçado, mas que fluísse junto com meu trabalho rural, porque não deixei minha atividade como produtora rural de lado, para me dedicar ao Mestrado; então, houve dias em que apenas fotografei, outros em que escrevi, alguns em que não apareci, entretanto, os registros feitos possibilitaram que o foco da pesquisa mudasse várias vezes e, quando trazia para o grupo de orientação, podia repensar e propor novas perguntas.

O diário, conforme já perceberam, integra o texto da Dissertação, pois, se tratando de uma pesquisa da agroecologia dos afetos, os ricos detalhes que aparecem nas entrelinhas do pesquisar precisavam compor o resultado, além de servir de registro do momento em que meus copitos (animais e plantas) propõem novos assuntos.

CAPÍTULO 1 – AGROECOLOGIA DOS AFETOS

Figura 2– Gaiteiro caminhando entre a soja



Fonte: Acervo da autora.

28 de março de 2021

Hoje é domingo, eu não iria na minha vó, tenho medo de carregar comigo, o vírus maldito. Porém, acabei indo para lá, queria muito ir até a chácara de que meu pai cuidava – ela não era nossa, meu pai cuidava para um outro homem, não lembro se era arrendo.

Disseram-me que lá agora é plantação de soja, quis ir até lá para ver se lembrava como era o cafezal. Não tenho fotos de quando lá era café, mas tenho algumas lembranças de como eu brincava naquele lugar, minha mãe improvisava uma boneca com a própria blusa de frio, ela dava alguns nós e, no final, parecia uma boneca de pano.

A minha casa e das bonecas eram os pés de café; eu morava debaixo deles e, na minha cabeça, eu construía fortalezas para que nenhum bicho me pegasse, eu acreditava em bicho papão, tinha medo das cobras e pessoas más, então, lá embaixo ninguém me pegaria.

Tenho saudade das aventuras embaixo do pé de café, não me preocupava com as aranhas, nessa época.

Quando chegamos lá no sítio, hoje, lembrei exatamente como era a porteira e as primeiras ruas de café: está tudo bem diferente; o Dé foi comigo, andamos por lá, ele não se lembrava de quando colhíamos café.

Dé também levou a gaita, aproveitou para tocar para a vó dançar, já que os bailes gaúchos pararam!

Dominique Guhur e Nívia Silva (2021, p. 60) informam que a *agroecologia* é um termo que surgiu em meados do século XX, mas se estima que seu início veio através das atividades de camponesas e povos originários há 12 mil anos, sendo desenvolvidas por meio das gerações que criavam e recriavam as agriculturas a que tinham acesso. Somente no século XXI, passou-se a ter maior envolvimento na luta política, com as organizações da sociedade civil, principalmente os movimentos camponeses.

Susanna Hecht (2002, p. 22), citada por Emma Siliprandi (2015, p. 82), afirma que nossas primeiras experiências com a agricultura foram agroecológicas, “[...] pois eram o resultado de adaptações contínuas dos seres humanos aos ecossistemas e às variações ambientais, por meio das quais foram acumulando conhecimentos e aperfeiçoando seus métodos”; assim, compreendemos que a agroecologia é anterior ao aparecimento do termo, nos registros, porque as práticas agrícolas e a ciência, “[...] desde os seus primórdios, haviam sido ‘agroecológicas’.” (SILIPRANDI, 2015 *apud* HECHT, 2002, p. 22). Dessa forma, reconhecemos que os povos originários e camponesas foram as primeiras agricultoras, criadoras e pesquisadoras da base dos conhecimentos que se usam ainda hoje; através dele/as, a bagagem de prática e sabedoria envolta do plantar foi sendo passada de geração em geração, além de permitir que cada geração se aprimorasse nas espécies que nos eram úteis e nas ferramentas que foram se modernizando.

Contudo, a ascensão do modo de produção capitalista alterou amplamente e violentamente a dinâmica milenar de reprodução do campesinato, ao se apropriar dos conhecimentos e saberes tradicionais agroecológicos, ao passo que produzia a desqualificação das camponesas. Por vários séculos permaneceu assim, até que veio a necessidade de resgatar os métodos de plantar que não agredissem a natureza, porque a “[...] consolidação e expansão do capitalismo industrial exigiu uma intensificação da agricultura que já no século XIX levava à exaustão dos solos na Europa e na América do Norte.” (GUHUR; SILVA, 2021, p. 61).

Os primeiros registros da palavra *agroecologia* foi em 1928, em um livro escrito por Basil Bensing, para descrever o uso de métodos ecológicos na produção de cultivos, entretanto, com o avanço da Segunda Revolução Agrícola, as iniciativas para o movimento da construção de uma agricultura ecológica permaneceram marginalizadas, culminando no avanço, de forma separada, da agronomia e da ecologia (GUHUR; SILVA, 2021, p. 62). A separação contribuiu para que a agricultura

ficasse cada vez mais subordinada à indústria, culminando no que ficou conhecido como Revolução Verde, assunto de que não trataremos com detalhes, nesta pesquisa.

As décadas de 1960 e 1970 foram marcadas pelo movimento de contracultura e as pesquisas a respeito dos sistemas tradicionais de agricultura camponesa e indígena, o que alimentou os movimentos políticos, acadêmicos e camponeses. No Brasil, o movimento ganhou força, a partir da década de 1970, com grupos de intelectuais, profissionais das ciências agrárias, contando, como precursores do pensamento agroecológico, Artur Primavesi, Ana Maria Primavesi, José Lutzenberger, Adilson Paschoal, Sebastião Pinheiro e Luiz Carlos Pinheiro Machado (GUHUR; SILVA, 2021, p.63). Desde os anos 1980, a agroecologia se popularizou entre os países, como um conjunto de práticas agrícolas tradicionais e formas de organização do trabalho rural, as quais foram desenvolvidas pelas camponesas e povos originários.

Em nosso país, começou nos anos 2000 um calendário de eventos, mobilizações e atividades que permitiram ocasiões para debates e articulações nacionais, estaduais e regionais para movimentos e organizações agroecológicas, como o Encontro Nacional de Agroecologia, o qual resultou na criação da Articulação Nacional da Agroecologia (ANA), e a Jornada de Agroecologia no Paraná, conduzindo também a diversas Campanhas para dar suporte à práxis das produtoras rurais agroecológicas e da própria luta envolvendo tanto pessoas dos mundos rurais quanto do meio urbano (GUHUR; SILVA, 2021, p. 64).

Atualmente, a dimensão política da agroecologia atravessa não só as camponesas, mas mulheres urbanas também, de acordo com Dominique Guhur e Nívia Silva (2021, p. 60), “[...] seja na luta dos camponeses, povos tradicionais e originários pelas condições de sua própria reprodução social; seja na importância da agroecologia para a saúde e a soberania alimentar”, pois, para a garantia de alimentos saudáveis e de alimentação para todos, é necessário que as pessoas do meio urbano se mobilizem junto com as pessoas dos mundos rurais, a fim de que estas tenham condições de produzir esses alimentos.

Eu me inspiro no reconhecimento que a agroecologia traz dos povos originários e camponeses, os quais construíram a base para o que temos hoje, para propor uma pesquisa agroecológica, pois também contei com a minha ancestralidade para obter os resultados que a pesquisa oferece, precisei dos conhecimentos da minha família,

que também escreve comigo, ao compartilhar seus mundos rurais e participar dos registros audiovisuais.

Nos mundos rurais, existe uma prática conhecida como “mutirão”, que acontece quando alguém está com a colheita atrasada e tem tempestade vindo, quando alguma produtora se machuca ou adoece, quando algo inesperado acontece e, naquele ano, a produtora rural precisa de ajuda. Recordo-me de um ano em que meu pai adoeceu e estávamos no meio da colheita de café; o pessoal do bairro rural se juntou e fez um mutirão para a colheita. Eu fiquei ajudando na cozinha, onde algumas mulheres dedicaram seus trabalhos na preparação do almoço e café da tarde.

Trago esse caso, porque, nos mundos rurais, não há espaço para individualidade, ninguém consegue fazer colheita sozinho, uma pessoa precisa da outra, e os lares que não reconhecem esse trabalho coletivo não estão aliados à agricultura familiar e nem à agroecologia.

Uma das chamadas para a produção agroecológica de mulheres rurais se deve à circunstância de que, na agricultura familiar, acontece facilmente o julgamento de que é executada apenas por homens. Dentre os fatores que contribuem para isso estão os empréstimos rurais, amplamente divulgados para os homens, que ainda dificultam o processo financeiro para as mulheres. Refiro-me à agricultura familiar na pesquisa, pois é o local de onde falo, entretanto, reconheço que a agroecologia é mais adequada para tratar da experiência das relações multiespécies e do reconhecimento do trabalho de todos, na roça.

Por que uma agroecologia dos afetos? Primeiramente, porque a pesquisa foi construída através da minha experiência como agricultora, mas também sobre a experiência de outras pessoas, animais e plantas, os quais se expressam por meio das fotografias e arquivos audiovisuais que formam outro texto, no corpo da Dissertação, saindo de uma pesquisa embasada apenas pela ciência e avançando também pelo saber popular.

Segundo, colocar “Agroecologia” no título não é apenas para trazer a dimensão ecológica desta pesquisa, na área da Psicologia, mas possibilita enfocar “[...] novas categorias conceituais que permitam o desenho de um sistema de produção agrícola em que os seres humanos cultivam a terra sem degradá-la e sem degradar-se enquanto organizações sociais” (SILIPRANDI, 2015, p. 93), numa relação mútua de oferta com a terra, no sentido de que, ao mesmo tempo que a agricultora oferta para a terra seu trabalho, tempo e atenção, essa mesma terra oferece para ela alimento

que garantirá a sua sobrevivência e daqueles que estão com ela, sejam humanos, sejam não humanos. Por isso, escrever sobre essa relação somente com a palavra “afeto”, no título, sem estar acoplada à palavra “agroecologia”, não transmitiria a dimensão simbólica presente.

Ter acesso a essa terra enseja que a sociedade ligada a essas mulheres tenha possibilidades maiores de constituírem relações que não são atravessadas pela colonização do espaço e dos seres, uma vez que todos têm algo a contribuir, para que sociedade exista. Vejamos: há a compreensão de que a árvore que está no meu terreno não faz “sujeira”, mas garante sombra, oxigênio e alimento, independentemente de ser para mim ou para os fungos que estão na terra e se alimentam de suas folhas – ora, os animais que compartilham o espaço trabalham, assim como os humanos.

Quando estamos abordando agroecologia, estamos nos referindo a um modo de plantar e colher que tem como base o respeito pelo ecossistema e que preza pela igualdade e respeito entre as pessoas. Durante o IV Encontro Nacional de Agroecologia (ENA), ocorrido em Belo Horizonte – MG, do dia 31 de maio a 03 de junho de 2018, o Grupo de Trabalho Mulheres da Ana criaram o boletim “Sem feminismo não há agroecologia”, começando com a seguinte afirmação:

Para nós, mulheres feministas agroecológicas, a Agroecologia tem sido um caminho coletivo de construção de uma filosofia de vida que, a partir de uma forma de pensar e fazer a agricultura, propõe relações justas, igualitárias e equilibradas entre as pessoas e dessas com o ambiente, orientando assim visões de mundo, ações cotidianas, atuações políticas e práticas produtivas, de consumo e da construção de novas relações sociais pautadas nos valores da ética, solidariedade, reciprocidade e princípios da precaução e responsabilidade. Com essa afirmação, recusamos uma visão cientificista e tecnicista, ainda muito presente no mundo acadêmico e na prática cotidiana de parte das organizações, que resume a agroecologia à transição do modelo de produção. Não basta substituir os venenos e adubos químicos por insumos agroecológicos ou orgânicos na produção de alimentos, energia, fibras, etc. Na nossa perspectiva é preciso enfrentar as contradições de classe, transformar as relações sociais entre homens e mulheres e entre as gerações, combater o racismo e ressignificar as conexões entre campo e cidade para a construção de outro mundo possível! (ARTICULAÇÃO NACIONAL DA AGROECOLOGIA, 2018).

Podemos afirmar que, além de uma prática e movimento, a agroecologia é também uma ciência que se preocupa não só em desenvolver técnicas e tecnologias sustentáveis, mas também em produzir evidências científicas e práticas políticas que

questionem o modo de produzir capitalista, o qual explora o ecossistema, animais e humanos.

Como ciência, a agroecologia não compactua com a visão cientificista e tecnicista de produzir saberes apenas através da objetividade e do discurso em manter-se distante do “objeto”, todavia, empenha-se em produzir conhecimento em meio à luta. Conforme aprendemos com Arturo Escobar (2014, p. 26), os campos teórico-políticos, ao passo que estão interligados, possuem também suas especificidades, o papel de quem quer produzir ciência e política, levando em consideração que esses campos se complementam; por conseguinte, não se pode cair na armadilha de manter-se distante.

Como envolver-se em uma pesquisa? Não é apenas se colocar em primeira pessoa, na escrita do texto, ou afeiçoar-se com aqueles que estão envolvidos; contudo, é permitir que esses envolvidos possam propor novos caminhos, mesmo que eles resultem em dados opostos ao que se esperava.

Ao propor uma agroecologia dos afetos, não queremos ser interpretadas como se os afetos nos mundos rurais fossem perfeitos, atravessados por estradas largas e lisas; entretanto, também têm terras esburacadas e cheias de pedras grandes, que exigem atenção e esforço, para que não impeçam as pessoas de passar ou que se machuquem na passagem. Por muitas vezes, os conflitos vão além de buracos e pedras e se tornam uma ponte que caiu com a força da chuva e escancara os limites entre o rural e o urbano, entre os locais onde as máquinas do agronegócio passam e onde passam as picapes ou charretes dos agroecológicos.

Agricultura Familiar

A agroecologia é o fio condutor desta pesquisa, contudo, no dia a dia da nossa roça, é a agricultura familiar que sustenta nossa organização de trabalho. Delma Pessanha Neves (2012, p. 35) enfatiza que esse modo de trabalho “[...] corresponde a formas de organização da produção em que a família é ao mesmo tempo proprietária dos meios de produção e executora das atividades produtivas.”

Ou seja, a mão de obra do trabalho vem da própria família que é dona daquele pedaço de terra, cujos membros são responsáveis por todas as fases que compõem a produção, a comercialização, a administração financeira e até mesmo a divulgação. No início do nosso trabalho familiar, cultivávamos o café; como éramos mais jovens,

meu pai dedicava mais tempo aos cuidados, porém, na colheita, como coincidia com as férias escolares, todos nós íamos para dar conta do cafezal inteiro. Devido à geada que assolou Pinhalão/PR, em 2010, provocando grande perda dos pés de café, migramos para as hortaliças, onde pudemos participar ativamente do trabalho, pois havia demandas com pouco esforço físico até aquelas que exigiam mais força bruta.

Neves (*apud* CHAYANOV, 1981; SILVA; STOLCKE, 1981, p. 133-146) ressalta que a agricultura familiar também “[...] engloba a pressuposta agricultura de subsistência – isto é, de orientação do uso de fatores de produção por referências fundantes da vida familiar e marginais aos princípios de mercado.” A produção realizada na terra familiar, em sua maioria, tem o objetivo principal de alimentar a família, enquanto os excedentes se destinam ao mercado, mas com um preço que seja acessível à população local. A agricultura de subsistência esteve em voga, na pandemia, quando os grandes centros de distribuição fecharam e os pequenos e médios produtores locais abasteceram as prateleiras dos mercados.

Agricultores familiares não são apenas os ligados a serviços de plantio e colheita, “[...] na modalidade das atividades do meio rural e dos modos de apropriação dos recursos naturais, reconhecem-se diversas posições sociais e situacionais: agricultoras, silvicultoras, aquicultoras, extrativistas e pescadoras” (NEVES, 2012, p. 37), todavia, cada uma dessas modalidades possui definições próprias, na legislação, garantindo a inclusão desses produtores em projetos sociais governamentais e programas de financiamento, como o PRONAF.

É certo que a inclusão desses produtores foi “[...] reconhecida mediante reivindicações políticas de representações delegadas de grupos que se veem como agricultoras familiares e que lutam por se adequar ou redimensionar os critérios básicos da referida categorização socioeconômica” (NEVES, 2012, p.37), sendo importante para diminuir o afastamento cultural e político desses trabalhadores, além da precariedade do trabalho.

De fato, conseguir essa aproximação e ter acesso a projetos e direitos também criam uma outra situação na qual as agricultoras se veem competindo umas com as outras, ao que passo que são colocadas como concorrentes no processo de aquisição de tais projetos ou até mesmo na busca de mercado para vender seus excedentes. Por muitas vezes, fomos postos em situação de competir com cooperativas vizinhas, no processo de aquisição da compra direta ou nas vendas individuais, ao sermos requisitados a cobrir o preço de nossas colegas produtoras.

Frequentemente, é necessário contar com um trabalho assalariado, na família, para que a renda seja complementada, devido a essas competições do mercado em que as agricultoras também são inseridas, pois, mesmo garantindo a própria alimentação, através de seu plantio, há outros investimentos que a vida capitalista nos traz, como, por exemplo, ter um número de telefone. Dessa maneira, podemos concluir, com Delma Neves (2012, p. 39), que a agricultura familiar é um “[...] modelo de organização da produção agropecuária onde predominam a interação entre gestão e trabalho, a direção do processo produtivo pelos proprietários e o trabalho familiar, complementado pelo trabalho assalariado”, que, muitas vezes, vem da esposa ou das filhas mulheres, na oferta de serviços domésticos ou artesanais.

1.1 Capinar como prática da pesquisa

Capinar não é uma tarefa fácil; nem sempre é feita porque se ama fazer isso, mas porque é necessário, para que as plantas consigam respirar e crescer, mas as costas e as pernas doem, criam-se calos na mão e, se estiver muito quente, fica mais cansativo terminar a tarefa. O fato é que nem tudo na roça é fácil de se fazer ou fácil de se amar, contudo, esses momentos fazem o que vem depois valer a pena.

Capinar é a tarefa de pegar a enxada, um instrumento que possui um cabo longo de madeira e, na ponta, uma lâmina em formato oval, e ir batendo entre a terra e a raiz da planta, porém, esse bater não tem o objetivo de fazer buracos no chão: para capinar, é preciso fazer o mesmo movimento que fazemos com um rodo de passar pano no chão, só que com mais força, para que o mato saia. Assim, se bater muito reto, faz buraco no chão e junto com o mato sai muita terra, o vai atrapalhar no plantio; se bater muito longe da raiz, logo o mato cresce de novo – é uma tarefa que exige esforço físico e mental. Capinar na horta é ainda mais trabalhoso, porque se tem de tomar cuidado para não retirar muita terra dos canteiros e de cortar os canos sem intenção.

Uma agroecologia dos afetos está longe da ideia romantizada de trabalho, já que é saber que seu trabalho exige do seu corpo uma força e perseverança que, em dias de sol quente, se tornam mais difíceis de ter. Os afetos são construídos também em momentos de tensão, quando o problema está ali, diante das produtoras, e forçam a pensar fora do contexto. Um livro que inspira essa proposta de afetos e agroecologia é *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, uma escrita potente que focaliza a história das

mulheres quilombolas na fazenda Água Negra, principalmente sobre a vida das irmãs Bibiana e Belonisia, contando os causos sobre as coisas que aconteciam com a terra, com os encantados, a natureza, e como viviam as famílias que ali residiam e que tinham como pagamento do trabalho árduo o empréstimo de um pedaço de terra para construir uma casa de barro e uma pequena plantação.

A história não trata apenas das irmãs e do elo que as unia, das paixões que construíam rivalidades, mas o autor traz detalhadamente a relação dessas mulheres com a terra, os animais e as plantas, cada uma seguindo um envolvimento diferente com a terra: Belonisia era do arado, do plantio, era valente e capinava melhor que todo mundo, na fazenda. Bibiana também era valente, queria ser professora, para ensinar as crianças da fazenda, sem deixar de contar a história do seu povo, pois as professoras que por ali passavam só diziam histórias do homem branco e colonizador. O livro todo é narrado através das personagens femininas, as quais protagonizam uma história linda, todavia, carregada de dor e tentativas de silenciamento.

Queremos, com a escrita agroecológica, fertilizar não só as terras, porém também o debate sobre assuntos emergentes e sobre a nossa ancestralidade, segundo apontam as mulheres que escrevem a Carta lida no III Encontro Nacional de Agroecologia (III ENA), realizado em maio de 2014, na cidade de Juazeiro – Bahia: “as mulheres inventaram a agroecologia, elas constroem agroecologia assim como suas mães e avós que a praticavam mesmo sem saber este nome.” (CARTA DE MULHERES DA AGROECOLOGIA, 2014, s/p).

A agroecologia mostra que, com carinho e respeito, a natureza retribui em dobro o que semear, indo de encontro ao modo de produção das monoculturas que agredem a natureza, os animais e os humanos, com prática de extorsão da terra para sua produção incessante da mesma variedade de planta.

Salientam Amanda Silva *et al.* (2020, s/p): “A transição agroecológica, entendida então como um processo eminentemente social, apresenta desafios diversos, e dentre eles está o reconhecimento e eliminação de qualquer tipo de violência de gênero”, de forma que, para alcançar o caráter de escrita agroecológica, evitam-se os termos que agredem e desrespeitam a diversidade de mundos, como apresentamos na introdução.

1.2 Por uma ruralidade multiespécie

28 de setembro de 2021

Figura 3– Maiado e Janete



Fonte: Acervo da autora.

Estamos de luto!

Depois de 11 anos, Maiado, nosso guarda-costas, chegou ao fim de sua trajetória. Não foi fácil dar adeus: compramos remédios, cuidamos e pedíamos, por favor, para que ele acordasse vivo no outro dia. Ele foi aguentando, aguentando, até que, quando ninguém estava em casa, ele partiu, evitando ver as lágrimas que rolaram em nossos rostos.

Passamos o resto daquela noite lembrando os momentos que tivemos com ele, da vez que outro cachorro tentou me morder, quando chegava da faculdade, na madrugada, e, quando eu o gritei, correu para me salvar. De quando tentaram roubar a moto de Belinha e impediu que o ladrão a levasse, custando a ele que sua pata ficasse machucada. Quando ele decidiu que não moraria mais na chácara, veio para a cidade e, com o ótimo olfato que tinha, foi parar em casa, mesmo sem nunca ter ido lá, quando filhote. Aprendeu a abrir o portão de casa e saía sempre que queria; se voltasse e encontrasse o portão amarrado ou com cadeado, latia sem parar, até alguém abrir para ele. Rimos várias vezes, quando o vizinho ia lhe fazer o favor de abrir o portão, mas depois que passava para dentro, começava a latir para que o vizinho se afastasse do portão.

Foram inúmeros os momentos, que necessitaria de várias páginas deste arquivo para contar tudo. Estamos em luto e nos agarrando às lembranças, para matar um pouco da saudade que ele nos deixa, além do sentimento de não estarmos mais seguros, pois Maiado não deixava ninguém passar do portão para dentro, a menos que pedíssemos a ele para deixar. Dessa maneira, perdê-lo faz nos sentirmos indefesos e com receio. Já não dá mais para deixar a janela aberta.

Havia uma conexão e uma parceria muito grande com ele, era uma relação de companheirismo que também contava com momentos de ressentimento: quando ele estava chateado, não olhava para nós nem correspondia às nossas brincadeiras.

Nestes meses de diário de campo, eu me despeço do nosso fiel companheiro, antes de terminar a Dissertação.

Lemos muito pouco sobre as práticas cotidianas das mulheres agricultoras e dos cachorros como atividades de trabalho. O que sabemos sobre as mulheres está sendo contado por escritoras, como Donna Haraway, Jocelyne Porcher, Isabelle Stengers, Vinciane Despret, Dolores Galindo, Danielle Miliolli, Lynn Margulis, Tiphaine

Schmitt, Anna Tsing, Camila Araújo Alves, Marcia Moraes que, assim como nós, estão cansadas de ouvir afirmações que nos excluem da sociedade.

Junto com as mulheres, estão os animais, que também têm participação de grande importância para a sociedade que temos hoje. Quando as sociedades urbanas começaram a crescer, as tecnologias mecanizadas eram inexistentes ou poucas, os animais eram protagonistas no transporte das pessoas, nas cidades, os cães dos países frios puxavam trenós ou até mesmo existiam os pombos-correios.

As sociedades modernas patriarcais destinaram apenas aos homens brancos o *status* de pessoas com potencial e detentores de todo reconhecimento. Afinal, mulheres e bichos nem tinham direito, até pouco tempo atrás, por que iriam ter reconhecimento?

Gabriela Marques e Denise Silva (2018, p.9) falam que comparado aos homens, o direito da mulher urbana branca é conquistado tardiamente. Entretanto, os primeiros direitos das mulheres rurais são adquiridos na década de 1990; no caso, o direito à aposentadoria como agricultora, em 1991, e salário-maternidade, em 1992, são conquistas recentes.

Segundo Sandra Harding (2019, p. 3), “[...] os economistas se dedicaram a desafiar a maneira como ‘trabalho’ foi conceituado de tal forma que todas as atividades realizadas pelas mulheres na casa, na família e ‘ajuda’ no trabalho, fossem desconsideradas como o trabalho formal.” No mundo rural, a atividade da mulher é considerada como ajuda, mesmo quando elas trabalham tanto quanto os homens, ou até mais, se considerarmos a rotina de cuidado com a casa, os filhos, a horta e os animais domésticos ou de pequeno porte, para comercialização.

É essencial que as ciências sociais se aproximem, para que possam oferecer suporte às mulheres dos mundos rurais, porque a invisibilidade não se dá apenas pelo não reconhecimento do trabalho, mas por, como fala Parry Scott, Ana Cláudia Rodrigues e Jeíza Saraiva (2010, p.66), “[...] fatores como a distância entre as moradias, o precário transporte e comunicações para localidades de difícil acesso também contribuem para que a violência contra estas mulheres permaneça”, dificultando a construção de rede de apoio.

Angelica Almeida (2019, s/p) assinala que, “[...] além das violências físicas, mulheres rurais enfrentam uma série de violências simbólicas e materiais, como a invisibilização e desconsideração de suas contribuições econômicas”, podendo ainda ser violentadas não só em casa, como também no contexto agrário, por conta da luta

por distribuição justa de terra, melhores condições de trabalho, por produzir em sistema agroecológico e colocar em xeque o modelo do agronegócio (SCOTT; RODRIGUES; SARAIVA, 2010, p. 66).

Parry Scott, Ana Cláudia Rodrigues e Jeíza Saraiva (2010, p. 66) ressaltam que, nos últimos anos, a “[...] violência contra mulher rural vem sendo reivindicada como pauta de debate nos movimentos de mulheres trabalhadoras rurais”, fazendo com que esse assunto seja visto e ouvido, já que ainda há uma lacuna ao redor do debate sobre o assunto, nos mundos rurais.

Movimentos sociais articulados com os Movimentos Feministas, como a Marcha das Margaridas² (http://transformatoriomargaridas.org.br/?page_id=139), a Aliança Internacional das Mulheres do Café - IWCA Brasil³ (<http://iwcabrasil.com.br/iwca>), o Movimento das Mulheres Camponesas⁴ (<https://mmcbrasil.org/>), a Articulação Nacional de Agroecologia (<https://agroecologia.org.br/>)⁵, a Embrapa⁶ (<https://www.embrapa.br/home>), entre vários outros movimentos que promovem encontros, congressos, publicações, manifestações, estão formando redes para que essas mulheres, juntas, encontrem forças para enfrentar a violência que atravessa os corpos femininos.

Formar rede é extremamente importante, pois o isolamento não só separa fisicamente essas mulheres, como também faz crescer um sentimento de impotência e solidão que não permite que as forças de enfrentamento passem pela cabeça da mulher rural. Essa realidade também é um desafio para a criação de políticas públicas

² A Marcha das Margaridas é uma ampla ação estratégica das mulheres do campo e da floresta, promovida pela CONTAG, Federações e Sindicatos, que se consolidou na agenda do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais – MSTTR – e das organizações parceiras – movimentos feministas e de mulheres trabalhadoras e centrais sindicais e organizações internacionais.

³ A Aliança Internacional das Mulheres do Café – IWCA Brasil – é um capítulo da IWCA (International Women's Coffee Alliance, em inglês), organização sem fins de lucro que foi criada em 2003, a partir do encontro de mulheres da indústria do café dos Estados Unidos com produtoras de café na Nicarágua. A IWCA BRASIL – Aliança Internacional das Mulheres do Café – é uma rede formada por mulheres envolvidas em toda a cadeia do negócio café – do grão à xícara.

⁴ Motivadas pela bandeira do Reconhecimento e Valorização das Trabalhadoras Rurais, as mulheres rurais criaram seu próprio movimento, desencadeando diversas lutas, como libertação da mulher, sindicalização, documentação, direitos previdenciários (salário-maternidade, aposentadoria...), participação política, entre outras.

⁵ É um espaço de articulação e convergência entre movimentos, redes e organizações da sociedade civil brasileira engajadas em experiências concretas de promoção da agroecologia, de fortalecimento da produção familiar e de construção de alternativas sustentáveis de desenvolvimento rural.

⁶ A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) foi criada em 26 de abril de 1973 e é vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), com o desafio de desenvolver, em conjunto com o Sistema Nacional de Pesquisa Agropecuária (SNPA), um modelo de agricultura e pecuária tropical genuinamente brasileiro, superando as barreiras que limitavam a produção de alimentos, fibras e energia, no nosso País.

que se encaixem na necessidade rural, já que as estratégias usadas no mundo urbano não são eficientes, nessa realidade.

Estamos nos referindo a políticas que objetivem desde a melhoria da qualidade de estradas a acesso facilitado aos serviços de saúde. Melhorar as estradas, iluminá-las, aumentar o transporte público não tem significa urbanizar os mundos rurais, porém, garantir qualidade de vida para as moradoras e moradores rurais. Ora, um caso comum em Pinhalão/PR, as crianças e jovens rurais serem obrigados a estudar em horários determinados pela escola, pois somente nesse período haverá ônibus escolar; por isso, crianças da Educação Infantil ou Ensino Fundamental I e II só podem estudar no período da manhã, fazendo com que muitas se levantem às cinco horas, para ter acesso ao ônibus. Aquelas que quiserem estudar em outro período precisarão arcar com sua locomoção.

Dos encontros multiespécie

A pesquisa se tornou possível pelos encontros multiespécies, que foram vivenciados na infância, na roça, e pelos animais que habitam hoje nossa vida, em casa. Não podemos dizer que foi escrita apenas por mim, pois anularia as perguntas e respostas que obtive, através deles.

O som dos pássaros cantando na horta, das galinhas cocoricando, dos porcos famintos pelas folhas de alface, dos cachorros correndo, dos gatos caçando os ratos na tulha de café – Scott, Neguinha, Janete Cat, Maiado, os Pastorzinhos, todos fazem emergir novas possibilidades de escrita e pesquisa.

A biointeração, como ressalta Antônio Bispo dos Santos (2015, p. 81), no seu livro *Colonização, quilombos: modos e significado*. se constrói entre os animais, plantas, águas e humanos, e isso pode ser observado nas roças, mostrando-nos que alternativas de compartilhamento são possíveis; não se trata de recusar a mecanização da agricultura, como muitos pensam que seria necessário, para viver bem com a natureza, todavia, pensar técnicas e tecnologias que não agredam o ecossistema ou que excluam algumas pessoas de terem acesso.

Assim, a biointeração nos revela que espécies humanas e não humanas estão em práticas de compartilhamento, nos mundos rurais; há um caso que Antônio Bispo (2020) cita, em uma entrevista que concedeu, muito bom para ajudar a compreender

que essas práticas de compartilhamento não se dão apenas no espaço territorial e no trabalho, mas em todos os aspectos. O pensador conta que, conversando com um mestre farinha sobre confluenciamento, o colega explica que confluuiu com os porcos, pois, ao escolher as mangas no pé, pegou as boas para que ele pudesse comer e as outras partilhou com os porcos e, dessa forma, eles biointeragiram.

O mesmo acontece em nossa roça: as verduras e legumes que estão bons nós levamos para vender, aquelas que passaram do ponto de venda ou as folhas que caíram no momento de lavar são levadas aos porcos e galinhas. Por isso, nesta escrita, os animais e as plantas são os coautores, porque seria impossível dissertar sobre biointeração, agroecologia dos afetos e mundo multiespécies, sem a presença deles, pois, segundo salienta Donna Haraway (2021), ninguém constrói relação multiespécie sozinho.

O que compreendemos por multiespécie vai ao encontro do que Jailson Rocha (2020, p.15) identifica como “[...] aporte que evidencia as limitações do isolamento humano no mundo da cultura. Isolamento que é referendado pelos dualismos constitutivos da *doxa* moderna: natureza/cultura; sujeito/objeto; humano/animal; corpo/mente; racional/irracional.” Entendemos que esse isolamento nos priva de termos bons encontros com as espécies que compõem nosso planeta e de nos enredarmos com suas inventividades e seus mundos.

Se tomarmos como possível apenas o mundo que nós, humanos, construímos (ou que estamos destruindo), estaremos fadados a viver a única possibilidade de vida que temos, presos em dualismos, ao invés de experimentarmos as inúmeras possibilidades que existem, quando nos permitimos viver sob perspectivas não humanas.

Quando Dolores Galindo e Daniele Milioli (2020, p. 66) enfatizam que “[...] há muitas histórias acontecendo, sendo gestadas nos encontros entre humanos e não humanos”, podemos pensar esses encontros, usando o mesmo caminho de Silvia Cusicanqui Rivera (2012), a fim de refletir sobre os contrastes entre imagem e texto: quem convive com animais (ou até quem se assusta com eles, na rua ou na mata) sabe que, muitas vezes, somos surpreendidos por comportamentos sem avisar, contudo, não é como as relações entre humanos, que correm o risco de não serem sinceras, porque os animais são autênticos em suas decisões, e essas ações sem avisar nos provocam a pensar, pois há um impacto sensorial, seja ele bom ou ruim.

Não devemos atribuir uma pretensa autenticidade aos animais. Nesse sentido, Vinciane Despret (2021, p. 160) apresenta, no capítulo “M de Mentirosos”, de seu livro-jogo, algumas anedotas que se tornaram projetos científicos, trazendo situações em que os animais utilizaram de artimanhas para enganar outros animais ou humanos.

Na obra, a autora narra certos causos, como o de um macaco que fingiu estar doente para que a gralha que roubava sua comida, todos os dias, pudesse chegar perto e ele ameaçá-la ferozmente, a fim de que não voltasse mais. Há ainda a do orangotango de um zoológico, que roubou as laranjas do tratador, enquanto ele fingia dormir para espionar o animal. Os porcos também entraram nos causos, quando se relata um experimento onde se reuniram, em um labirinto, um porco informado sobre onde estava a comida e um sem o saber: o que estava “informado” despistou o “desinformado”, para que ele não reivindicasse o alimento.

Pensando nos causos contados por Despret, lembro-me dos causos de infância, quando, ao atravessar pastos para ir nas festas rurais ou nas comadres, com minha vó, ou até mesmo para brincar com as primas, encontrávamos vacas que impediam nosso caminho; ficávamos por um bom tempo esperando que elas saíssem e pudéssemos passar, o que não acontecia facilmente; quando, finalmente, achávamos que haviam se esquecido de nós, pois elas se demonstravam distraídas com a grama que comiam, começávamos a caminhar para ir embora, contudo, nesse momento elas começavam a correr atrás de nós. As vacas fingiam que não se importavam conosco, para nos perseguir, assim que dêssemos as costas para elas.

Outro caso presente no livro-jogo é sobre um casal de gralhas que planejavam roubar o ovo de um cisne. Ao perceberem que o cisne não saía de seu ninho, quando ameaçavam atacar, um deles fingiu estar com a asa quebrada e o cisne finalmente passa a persegui-lo, dando oportunidade para a outra gralha acessar o ninho e roubar o ovo. Despret faz o seguinte questionamento, ao aludir à esperteza das gralhas:

Será que a explicação do instinto não se impõe pelo fato de as gralhas o manifestarem num contexto inédito e de modo totalmente inabitual? Ou será que é porque Heinrich confiava na inteligência de suas gralhas que pôde fazer uma leitura menos redutora delas? Mas, se essa pergunta nos faz hesitar, significa que talvez seja a hora de reabri-la para aqueles que a consideravam resolvida. (DESPRET, 2021, p.168).

Haraway (*apud* DESPRET, 2021, p. 259) argumenta que “[...] precisamos aprender a nos deparar com os animais como se fossem estranhos, para desaprender

todas as suposições idiotas que forjamos sobre eles”, ou seja, interpretar os comportamentos dos animais sob a ótica dos comportamentos humanos é arriscar perder de vista o que realmente pode estar acontecendo. Pensar que as vacas que corriam atrás de nós, nos pastos, estavam apenas defendendo seus bezerros, é ignorar o fato de que elas nos enganaram para, depois, nos ameaçarem com sua corrida.

Dolores Galindo e Daniele Milioli (2020, p. 65) começam seu texto aludindo ao conto “Amor”, de Clarice Lispector ([1960]1998), onde se conta a história de Ana, que, sentada no banco do Jardim Botânico, é arrebatada pelo movimento de um gato. O susto faz com que ela se prenda às cambalhotas do gato e nem percebe a noite chegar, entretanto, já não havia como retornar para casa sendo a mesma mulher de antes do encontro com o gato. Indagam as autoras: “Quem se assustaria com um gato a ponto de perder-se? Quais afetos são acionados no corpo intensivo de Ana?” (GALINDO; MILIOLI, 2020, p. 66).

Algo sairá de um encontro inusitado como esse; não podemos afirmar que serão sempre encontros pairados pelo romantismo de relações edipianas de afeto, mas podem ser encontros que nos remontam, a ponto de provocar a descobrir mais sobre essas relações ou de nos fazer evitar passar por determinada rua, porque, como frisado, os animais são autênticos em sua decisão: se não gostam de algo ou alguém, deixam bem direto isso.

Donna Haraway, em seu livro *O manifesto das espécies companheiras* (2021, p. 37), menciona sua relação com a cachorra Cayenne e as competições de *agility* de que participam juntas, além de abordar outros momentos que são importantes nessa história interespecie. Cayenne é uma cachorra da raça pastor-australiano de pelos avermelhados, ágil e forte, garantindo bons resultados nos jogos de que participa, além de ser madrinha canina do afilhado de Haraway, Marco, parentesco construído entre os momentos de treinos de adestramento, até que ambos coconstruíram uma relação de perceber um ao outro, escapando de Marco apenas direcionar comandos a Cayenne.

Haraway não apenas cita Cayenne, mas a reconhece como sua “copilota” nesse caso de falar e viver as relações entre as espécies companheiras, uma vez que ninguém constrói companhia interespecie sozinho. Pensando nisso, os copilotos da pesquisa são os cachorros, a gata e as plantas, seres que, desde a infância, ou agora, fizeram brotar em meu corpo afetações que cresceram e floriram nesta

pesquisa de Mestrado. Logo, não só os cito nesses parágrafos que se seguem, mas os reconheço como os copilotos e coautores.

Se Haraway vivesse os jogos com Cayenne apenas da perspectiva na qual ela a condiciona a fazer tal comando, estaria presa a experimentar esse jogo só de uma forma, somente da posição de superioridade humana; no entanto, quando ela reconhece que Cayenne toma iniciativas e decide coisas, o jogo fica mais interessante e produz novas possibilidades nessa experiência

O mundo rural é composto por relações multiespécies e pela coletividade; as pesquisas que envolvem esse meio não devem seguir pelo campo da individualidade, sob o risco de perder toda potência e a oportunidade de fazer boas perguntas. Como fala Jailson Rocha (2020, p.11) “A partir do descentramento humano, a etnografia multiespécie abre espaço para o reconhecimento da agência animal, capturando movimentos, ações e intencionalidades que se entrelaçam às vivências e experiências sociais humanas.”

Mas o que é, afinal, uma pesquisa escrita em perspectiva multiespécie? Essa corrente conta com uma base forte na Antropologia, todavia, ao mesmo tempo, é multidisciplinar, pois rompe com os limites de pesquisa entre as ciências humanas e as biológicas. Thais Pereira (2018) explica que essa corrente

[t]oma para si a observação através da imersão etnográfica nos modos de vida dos seres, antes deixados às margens dos estudos antropológicos – tais como animais, plantas e fungos –, e preocupa-se em entender as relações construídas entre diferentes espécies que se entrelaçam dentro do mesmo ambiente. (PEREIRA, 2018, p. 114).

Desse modo, as ciências naturais deixam de ser a única maneira de abordar as espécies e passam ser uma das vertentes que se dedicam a estudos sobre a área. Na perspectiva multiespécie, não só os mundos de vida dessas espécies importam, mas também a forma como um mundo se comunica, se relaciona e constrói um ponto de intersecção com outros mundos.

Partimos do pressuposto de que cada espécie possui seu mundo e sua completude: ao dividir o ambiente, somos capazes de coabitar sobre esses mundos e de construir comunidade, sem perder autenticidade. O ecossistema deixa de ser definido apenas pela visão dos humanos e se torna mais interessante, através das versões das plantas, dos animais, das águas e do vento.

A noção das versões de mundo é proposta por Vinciane Despret (2021, p. 279), para explicar que há vários significados sobre algo e esses significados não excluem um ao outro, no entanto, eles se integram. A autora frisa que enxergar o mundo através da ótica das visões, tão utilizada no meio científico, nos prende em dualismos e nos deixa sem oportunidade de encontrar maneiras interessantes de sentir o mundo.

Uma versão sugere ou dita algo; isso não significa que todas as respostas estão certas, porém, possibilitam a dúvida e a oportunidade de perguntar se só isso seria suficiente para explicar algo ou alguém. Ressalta a autora (2021, p. 272): “Não há, portanto, tradução de um termo a outro, mas um duplo movimento de comparações, dentro de cada universo de sentidos possíveis, sob o efeito do que o outro termo induz.” Ora, as versões não querem de forma alguma dizer que todos estão certos, todavia, nos instigam a questionar se determinada definição é redundante ou se ela propõe novas ideias e, diferentes de visões que reduzem fenômenos a respostas rígidas e impositivas, se definem como mais verdadeiras, porque se mantêm distantes do objeto de estudo. Por isso, as versões são tão importantes para construirmos relações multiespécies, porque, se nos distanciarmos daqueles que compõem a pesquisa (e que não são objetos), nada conseguiremos.

Despret utiliza os termos “tradução” e “homônimo”, para pensar a noção de “versão”. Assim, com base na obra do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, a autora frisa que traduzir é considerar que haverá sempre uma equivocação, pois a tradução ocorre na comunicação entre as diferenças presentes nas línguas. Desse modo, a tradução acontece na comparação entre as diferenças de uma língua a outra, encontrando significados próximos, de sorte que “[...] não se traduz para comparar; compara-se com o único objetivo de conseguir traduzir. E comparam-se diferenças, equívocos, homônimos. A equivocação é a implementação das versões.” (DESPRET, 2021, p.272).

Para fazer tradução de algo, é necessário fazer escolhas – e essas escolhas serão fundamentadas na multiplicidade de significados que há nos sentidos das coisas. Para explicar essa multiplicidade, Despret emprega as homonímias, pois “[...] um mesmo termo pode abrir inúmeros significados e fazer os sentidos divergirem” (DESPRET, 2021, p.272), ou seja, uma palavra pode ser igual, entretanto, possuir um significado diferente, o que fará com que os sentidos também se alterem. Traduzir não é apenas encontrar palavras que expressem o mesmo significado, todavia, é fazer uma dupla comparação para saber quais sentidos um termo induz ao outro. É comum

vermos, em várias obras de tradução, notas de rodapé explicando o que se pretendia significar com tal palavra ou até mesmo correções de tradução, já que um termo foi capaz de mudar a ideia inicial do autor em sua língua própria.

Utilizando esses conceitos apresentados, Despret constrói a ideia de que as versões buscam a equivocação na tradução, para exemplificar que, na diferença, há um mundo de significados e sentidos que possibilitam um leque de experimentações do mundo caracterizadas por ser apenas as dos humanos; assim, “[...] a tradução em versões, por outro lado, consiste em conectar relações de diferenças.” (DESPRET, 2021, p. 272).

É como o caso do trabalho de campo da primatóloga Barbara Smuts, especialista em babuínos, que é mencionado por Donna Haraway (2008) e por Dolores Galindo e Daniele Milioli (2020, p.74). No início do trabalho, a primatóloga tentou se manter distante dos macacos, para ir aproximando aos poucos e, dessa forma, habitar entre eles, sem influenciar suas respostas. Entretanto, ela percebeu que, quanto mais ignorava os olhares vindo deles, menos pareciam satisfeitos; para resolver esse problema, Barbara Smuts passou a adotar comportamentos parecidos aos dos babuínos, tomando emprestado o modo babuíno de viver no mundo. Por conseguinte, de uma presença evitada, passou a receber olhares com pedido para que ela se afastasse, ou seja, passou a ser digna de dialogar com esses macacos, mesmo em conversas ríspidas, com olhares de desafio.

Misturar-se com os macacos é um caso para pensar sobre as relações que coconstituímos, nos mundos rurais. Com efeito, nas chácaras de agricultoras familiares, são quase imperceptíveis as linhas que separam os mundos das espécies e dos humanos: são humanos habitando os pastos, galinheiros, chiqueiros, represas, e espécies habitando casas, áreas e terreiros dos humanos, bem como as espécies que habitam o mundo de outras espécies.

Escrever um diário sobre um ambiente de pesquisa, que transitava entre o acadêmico e o espaço de trabalho familiar, deixava-me receosa sobre o que exatamente escrever, não compreendia onde era a linha tênue entre abordar minhas questões pessoais e aquilo que era passivo de interpretação científica.

Assumi o compromisso de escrever sobre o meu trabalho rural e, confesso, até o último dia que escrevi em meu diário, o receio sobre ultrapassar os limites ainda ecoava com muita intensidade. Ao ler Jeanne Favret-Saada (2005,) em seu texto “Ser

afetado”, compreendi o que minhas inquietações rurais propuseram que escrevesse naquele espaço de diário e trazê-las com confiança para compor a Dissertação.

Jeanne Favret-Saada (2005, p.155) escreve sobre as afetações que sentiu em seu campo de pesquisa, quando estudou sobre feitiçaria no Bocage francês. A autora enfatiza que, para obter suas informações de campo, precisou deixar-se afetar pela feitiçaria e adotar um dispositivo metodológico capaz de elaborar um certo saber, posteriormente, não com o intuito de se aproveitar da situação para obter informações privilegiadas, mas de que podemos construir saberes sem manter-nos distantes, como expressa a autora:

Como se vê, quando um etnógrafo aceita ser afetado, isso não implica identificar-se com o ponto de vista nativo, nem aproveitar-se da experiência de campo para exercitar seu narcisismo. Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assuma o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada. Mas se acontece alguma coisa e se o projeto de conhecimento não se perde em meio a uma aventura, então uma etnografia é possível. (FAVRET-SAADA, 2005, p.160).

Figura 4– Primeira filhote fêmea de Neguinha



Fonte: Acervo da autora.

Figura 5– Segunda filhote fêmea de Neguinha



Fonte: Acervo da autora.

15 de dezembro de 2021

Hoje presenciei o parto de Neguinha; foi a primeira vez que vi uma cachorrinha companheira nossa parir. Quando cheguei das entregas, percebi que Neguinha estava diferente, acelerada e chorando para entrar no meu carro. Ela ama passear de carro, mas nunca a vi chorar para entrar nele, quando estava na garagem, ainda mais sabendo que eu não sairia naquele momento.

Busquei no Google o tempo gestacional de uma cachorra, fiz as contas e, bimba, Neguinha estava em trabalho de parto. Passei a pesquisar o que fazer nesse momento e descobri que a bichinha estava estressada, pois os outros cachorros da casa, notando seu comportamento estranho, não a deixavam sozinha, Neguinha é protetora demais e não queria parir perto dos outros bichos que ainda não tinham sua confiança. Saí novamente de casa e, quando voltei, ela estava deitada na cadeira de balanço na área, o lugar onde conseguira mais privacidade, pois os cachorros continuavam ali a sua volta. Quando me viu chegar, percebi que ela pedia minha ajuda, veio ao meu encontro, me seguia e estava com a respiração ofegante. Concentrei toda minha atenção nela e fui ajudar.

Primeiro, construí uma barreira com as caixas e a cadeira lá na área mesmo, mas os pastorzinhos começaram a latir, querendo chamar a atenção, Neguinha começou a latir também; tive a ideia de levar ela para dentro de casa. Arrumei a sala para acomodá-la e notei que ela ficou mais calma, sem os cachorros por perto. Começaram algumas contrações esporádicas, fiquei assustada na primeira, achando que estava passando mal. Eu continuei com o trabalho de pesquisas na internet: nunca havia presenciado um parto, não sabia o que fazer, percebi que a sala não seria adequada, porque eles ficariam um tempo ali e Neguinha ficaria muito brava com quem se aproximasse.

Fui até a lavanderia e preparei o lugar para ela, limpei, coloquei panos e uma almofada. Ela já não tinha mais disposição para caminhar até lá, peguei-a no colo e fomos. Fechei a porta da lavanderia e, finalmente, se sentiu confortável para ter seus filhotes. As contrações começaram a aumentar, eu sentia o corpo dela ficando rígido e via a dor que ela sentia; olhava para mim com pedido de socorro e comecei a massagear sua barriga, quando a contração passava, ela se levantava, pegava a coberta em que estava sentada e rasgava com seus dentes. Na verdade, desejei morar em uma cidade maior para ter veterinário naquele horário, já passava da meia

noite. Fiquei o tempo todo dando água para ela, evitando que ficasse desidratada e fazendo massagem em sua barriga.

1h30 nasceu a primeira fêmea, Neguinha rapidamente começou limpá-la, fiquei lá até que conseguisse terminar a limpeza e, quando vi que estava tudo bem e nada de contrações, fui dormir. Porém, de manhã, uma surpresa: nasceu mais uma filhotinha. Neguinha permitia apenas que eu chegasse perto de suas fêmeas; para todos os humanos e cachorros que se aproximavam ela rosnava, em uma das vezes que fui levar comida, aproveitou para sair urinar, deu uma voltinha e, quando percebeu que os cachorros queriam entrar na lavadeira, brigou com todos e voltou. Nenhum deles desobedece Neguinha, nem mesmo Maiado, que era mais, velho fazia isso.

Neguinha está se saindo bem como mãe; já sabíamos disso, sempre foi muito cuidadosa e protetora conosco – se saíssemos com ela na rua, sempre queria estar na frente, pois ia observar se tinha algum perigo, se houvesse cachorros, mesmo que estivessem quietos, ela latia avisando. Se algum cachorro da rua brigasse com Scott, ela corria defendê-lo, se os pastorzinhos latiam para Janete, ela corria brigar com eles, ou se perguntássemos a ela: “Neguinha, cadê a Janete?” ela e Scott saíam correndo procurá-la no quintal.

Alimentar as galinhas, um refúgio no chthuluceno

Figura 6– Alimentando as galinhas



Fonte: Acervo da autora.

Os mundos se entrelaçam de uma maneira muito íntima, e todos são atores importantes, para que o ambiente em que vivem exista; diferentemente do mundo urbano, a ordem em que as coisas acontecem é revista, nesses mundos, aspecto que Donna Haraway define como *chthuluceno*. Esse conceito é complexo de entender, quando tentamos compreendê-lo através das nossas experiências urbanas ou com as explicações urbanizadas das coisas que habitam nossa mente, há muito tempo.

Donna Haraway propõe o *chthuluceno* para pensar além, com uma história que fosse suficientemente grande para abarcar os inúmeros mundos os quais compõem o que chamamos de Terra. Mundos na Terra? Sim! Mundos na Terra, se considerarmos que cada humano, cada espécie possui um corpo diferente e com ele suas particularidades de experimentar a vida, então, podemos considerar que cada um possui um mundo só seu.

Vinciane Despret retoma a teoria do *Umwelt*, proposta por Jakob von Uexküll, naturalista estoniano nascido em 1864, para pensar “[...] os animais como estranhos, como ‘alguéns’ cujo comportamento incompreensível não somente convida a suspender o julgamento, mas também convida ao tato e à curiosidade.” (2021, p. 261). Entretanto, mesmo a teoria não permitindo os caminhos que a autora esperava, ela prosseguiu repensando outros caminhos que no qual que vivemos.

Podemos pensar nos morcegos, que possuem uma audição aguçada e se orientam pela ecolocalização, ou uma águia, a qual tem uma ótima capacidade de enxergar – cada um desses animais irá se localizar, utilizando elementos diferentes, e isso proporciona a eles modos diferentes de viver, mesmo que em alguns momentos eles tenham pontos de semelhança, como, por exemplo, a dieta de algumas espécies que podem ser iguais. Assim, o morcego *Chrotopterus auritus* e a águia-cinzenta *Harpyhaliaetus coronatus* se alimentam de mamíferos, estando a caça orientada pelo órgão sensorial mais aguçado de cada um.

Dessa forma, os instintos e os órgãos sensoriais de cada espécie se importarão com algo diferente do outro, e dessa forma, um precisará do outro para que tudo ocorra de forma fluida, evidenciando a interdependência entre cada ser, de sorte que, se espécies deixam de existir, o ecossistema muda e o desequilíbrio é causado: uma espécie é predadora da outra e isso faz com que tudo funcione. Nos sítios, as galinhas são ótimas aliadas para evitar a presença de escorpiões, cobras, aranhas, pois elas são predadoras de animais peçonhentos.

Ao argumentar que cada ser possui um mundo próprio, o qual se coconstitui emaranhado a outros mundos, Despret (2021, p. 265) postula, não que cada um possua um mundo próprio de maneira individualizada, porém, que haja um mundo associado, onde um se associa com o outro, na convivência, e metamorfoseiam em conjunto, de sorte que um ser com seu mundo associado se associa com outro ser com seu mundo associado. A autora cita o exemplo das vacas, para melhor compreensão: agora que não são mais selvagens, passaram a associar-se a um mundo com estábulos, pessoas, cercas, carícias, gritos, equipamentos de ordenha e afins, em um novo mundo associado ao que as afetava e constituía; não só isso, porque uma vaca líder passa a ser mediadora da relação entre as companheiras que a seguem e o criador, articulando a coexistência onde se enlaçam esses mundos.

Desse modo, a vaca, que possuía um mundo próprio, passa a associar-se, através da domesticação, com o criador que possuía um mundo próprio: logo, vacas e criador constituem um mundo associado, onde se metamorfoseiam em conjunto, ao constituir um mundo múltiplo. Despret, através da teoria do Umwelt, enfatiza que o mundo não é objetivo, no sentido de ser unificado, nem subjetivo, no sentido de cada um possuir o seu, relacionando-se através de seu suporte estável, todavia, há um mundo múltiplo, onde não importa o fato de uma espécie aprender como a outra vê o mundo, “[...] e sim que uma espécie aprende a descobrir qual mundo é expresso pela outra, de qual mundo a outra é o ponto de vista.” (DESPRET, 2021, p. 266).

As vacas, as quais coexistiam com outras espécies, florestas e água, passam a coexistir com os seres humanos, em seu mundo, onde todos estão em um processo de transformação, ao identificar o que um requer do outro. O mundo é múltiplo exatamente por estarmos em construção de um “nós” e um “em casa” com esses seres que compõem essas relações. Exemplifico com as espécies companheiras de minha casa: somos seres humanos coexistindo com cachorros e uma gata, construindo um nós, onde compartilhamos nossa existência, ao mesmo tempo que construímos uma existência em conjunto.

A história da evolução costuma se basear em modelos que defendem a criatividade humana na dominação do mundo natural, sem pensar nos outros seres que compartilharam essa jornada, segundo enfatizam Lynn Margulis *et al.* (2020, p. 6): “[...] somos uma espécie altamente social, tão preocupados com nossos relacionamentos uns com os outros que tendemos a esquecer nossos

relacionamentos com outras espécies”, embora isso também esteja mudando, com as múltiplas disciplinas longe do excepcionalíssimo humano.

Dolores Galindo, Flávia Lemos e Fábio Silva (2021, p. 4), alicerçadas em Lynn Margulis, apontam que, “[...] no lugar da competição, a interdependência como condição para vida, incluindo-se aí desde pequenas criaturas como bactérias e águas vivas a humanos e humanas”; mesmo que um animal faça parte da cadeia alimentar do outro, não se trata de competir para saber quem caça mais, entretanto, de necessitar do outro para que sua existência seja possível.

Se precisamos das proteínas das carnes vermelhas para a boa saúde de nosso corpo, quais resquícios os bois e porcos deixam em nosso corpo, depois que consumimos sua carne? Lynn Margulis (*apud* SILVA; GALINDO; LEMOS, 2021, p. 5) cria uma reviravolta feminista nas narrativas biológicas, ao sugerir que “[...] vamos nos constituindo por meio de infecções mútuas, não sendo possível rastrear cada espécie isoladamente”, resultando em um corpo que não é meu, mas nosso, de sorte, quando partir desta terra, outros continuarão a viver nesse corpo ou sobreviver dele.

Lynn Margulis *et al.* (2020, p. 5) salientam que “[...] o comportamento dos micróbios, dentro de suas próprias populações e em suas interações com os outros, determina o curso complexo e expansivo da evolução”, de sorte que o mundo vivo invisível tornou, e torna, possível a evolução dos corpos. O excepcionalíssimo humano fez crer que evoluímos sozinhos e isso faz do ser humano “o melhor” de todos os seres vivos, no entanto, estamos em coevolução e interdependência com outros seres vivos, principalmente com aqueles que habitam dentro do corpo que chamo de “meu”.

Esse contato fez o corpo humano atingir o resultado que tem até o momento; logo, a história de que evoluímos dos macacos é pequena para explicar todo o trabalho coletivo feito para chegarmos ao que somos e o que seremos, quando o que pensamos ser e ao morrer.

Outro pensador que defende a interdependência é o naturalista e anarquista russo Pyotr Alexeyevich Kropotkin. Opondo-se a Darwin, “[...] uma vez que o primeiro refutava a importância da competição na obra da seleção natural e descrevia uma natureza essencialmente regida pela solidariedade” (DESPRET, 2008, p. 67), defendeu que tanto a ajuda mútua e a luta de todos contra todos são leis da vida animal, entretanto, no quesito evolução, a ajuda mútua se mostra mais importante, para garantir desenvolvimento de hábitos e características que contribuem para

garantir suas necessidades de nutrição e propagação das espécies (KROPOTKIN, 2009, p.22).

Para Kropotkin (2009), a necessidade de nutrição pode levar à condição de luta de todos contra todos, mas a propagação das espécies faz com que se apoiem e se articulem, para defender os seus. As espécies se unem para ajudar uns aos outros e, ao fazerem isso, contribuem para a sua evolução e desenvolvimento intelectual. O autor fornece inúmeros exemplos, a fim de explicitar situações de ajuda mútua entre as espécies, como o das formigas, tão conhecidas por nós, por serem trabalhadoras. Formigas são notáveis por todos, elas não buscam se esconder ou camuflar nos ambientes, seus ninhos se destacam no chão e sua cor destoa das outras, no ambiente; a maioria de suas espécies não possui veneno letal a outras espécies, contudo, é evidente que se, porventura, receber o ferrão de várias delas, algum ser poderá ter uma reação mais grave, entretanto, na sua maioria, não oferecem tanto perigo.

Mas as formigas andam juntas e colaboram umas com as outras, de forma que a ajuda mútua as fortalece e faz com que se multipliquem abundantemente. Kropotkin (2009, p. 27) cita o experimento de Forel, ao colocar uma sacola de formigas em um arbusto: observou que grilos, gafanhotos, aranhas e besouros abandonaram suas tocas ou teias, para fugir da imensidão das formigas e não se tornarem presas, concluindo que “[...] nem os insetos mais rápidos conseguem escapar, e Forel viu frequentemente borboletas, mosquitos, moscas e outros serem surpreendidos e mortos pelas formigas. Sua força está na ajuda e na confiança mútuas.” (KROPOTKIN, 2009, p. 28).

Apenas uma formiga não produz estrago em nossa horta, porém, quando elas atacam em conjunto, é visível a sua passagem pelas alfaces. Ressaltamos, até aqui, o quanto a união de pequenas formigas faz com que outras espécies maiores temam sua força, mas podemos também pensar na união das vacas, ao defender um bezerro. É comum, nos sítios onde as vacas ficam soltas no pasto, notar que elas se tornam mais ríspidas, quando há um bezerro entre elas; ora, é sabido que a mãe fica mais brava para defender sua prole, mas, comumente, acontece com as outras vacas que não tiveram bezerro de ficarem igualmente mais ríspidas.

É imperioso conhecermos os mundos que nos rodeiam, não para controlá-los, assim como os humanos têm feito, mas para nos lembrarmos da diversidade que está à nossa volta, por isso, é tão importante assumir o *Chthuluceno*, porque ele “[...] é feito

de histórias e práticas multiespécies contínuas de devir-com em tempos que permanecem em jogo, em tempos precários, quando o mundo não acabou e o céu não caiu – ainda. Estamos em jogo um com o outro.” (HARAWAY, 2016, p.11, tradução nossa).

Entretanto, se houver envolvimento, ao se observar a delicadeza e fortaleza do jeito que se desenrola a vida, no mundo rural, o *Chthuluceno* se torna palpável e mostra que é alcançável a mudança necessária para que o planeta continue existindo, pois nos lembra “[...] que a desordem estabelecida não é necessária; outro mundo não é apenas urgentemente necessário, é possível, mas, se não estivermos enfeitiçados pelo desespero, cinismo ou otimismo e pelo discurso de crença/descrença do progresso.” (HARAWAY, 2016, p. 08, tradução nossa).

Antônio Bispo dos Santos (2015, p. 76) alude a como o discurso de progresso é um enredo para justificar a expropriação, pois há uma prática de desenvolvimento constante, a qual visa a modernizar o orgânico com as tecnologias; as comunidades que possuem raízes nas suas ancestralidades são tidas como empecilho – “[...] do que todas essas comunidades são acusadas? De serem povos atrasados, improdutivos e sem cultura, portanto, um empecilho ao avanço e ao desenvolvimento da integridade moral, social e econômica e cultural dos colonizadores.” (SANTOS, 2015, p.76). Isso se coaduna com o caso que conto mais adiante, sobre um pedaço de terra perto de minha avó, onde se produzia com variedade e hoje é apenas soja; atualmente, é considerada produção de ponta, devido à máquinas e equipamentos de colheita modernos, entretanto, está longe de chegar perto da excelência do trabalho das pessoas que plantaram e colheram várias espécies com as próprias mãos.

Na corrida para modernizar tudo, as consequências ambientais têm estado em segundo plano, porque, mesmo que haja um movimento para reduzir as poluições, ainda será inviável, pois o problema está na produção, conforme ressalta Bispo dos Santos (2015, p. 98): “[...] no desenvolvimento sustentável a tríade ‘reduzir, reutilizar e reciclar’ tem como pano de fundo o problema do uso indiscriminado de recursos naturais finitos e não renováveis nos processos de sintetização e de manufaturamento, característicos do desenvolvimentismo”. A questão aqui não é continuar desenvolvendo dentro da lógica capitalista e consumista, mas envolver-se no processo na forma de biointerção com o ambiente, tendo como princípio “a tríade ‘extrair, utilizar e reeditar’” (SANTOS, 2015, p.100), ou seja, extrair quando é preciso, utilizar e devolver de modo que as espécies consumam de outra maneira. É como o

causo de nossa horta, onde plantamos as alfaces e entregamos somente a quantidade que sabemos que irá vender no mercado e, mesmo que o comprador peça mais, as alfaces que não são vendidas ou que passam do tempo de colheita são direcionadas aos porcos ou as deixamos nos próprios canteiros, onde servirão de adubo.

O progresso importa para quem? Conforme acrescenta Donna Haraway (2016, p. 12, tradução nossa), “[...] importa quais pensamentos geram pensamentos”; devemos pensar, ou aprender a pensar, nossas histórias partindo da perspectiva do viver-com, porque “[...] os seres humanos não são os únicos atores importantes no Chthuluceno, com todos os seres capazes de simplesmente reagir. A ordem é refeita: os seres humanos estão com e da Terra, e os poderes bióticos e abióticos desta Terra são a história principal.” (HARAWAY, 2016, p. 11, tradução nossa).

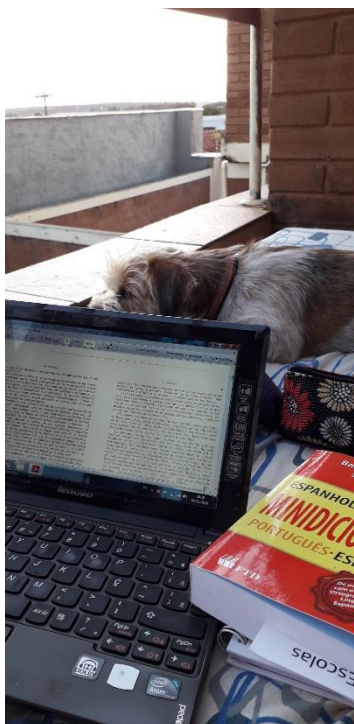
Pensar o viver-com os animais é algo que pode soar estranho, quando o debate acontece em lugares onde o contato afetivo e inventivo com os animais é distante, a história que continuamos a reproduzir da nossa evolução é definida apenas pelo protagonismo humano, como se tudo dependesse da nossa intervenção, para que “evoluísse”. Na verdade, sabemos que o mundo viveu muito bem sem nossa presença e sabemos também que o colapso ambiental não é culpa dos animais e das plantas.

Por não termos esse contato com animais, de forma livre e espontânea, nas cidades, falta-nos criatividade para pensar com os animais – ou ficaremos fadados a pensar neles apenas como pobres coitados que precisam de ativistas para garantir sua sobrevivência.

A Dissertação propõe contar causos, mostrar fotografias e vídeos do mundo rural no qual estou submersa, para tornar visível que possibilidades outras de vida são possíveis, porque o que Donna Haraway salienta sobre o *Chthuluceno* está mais próximo daqueles de vivem suas ruralidades.

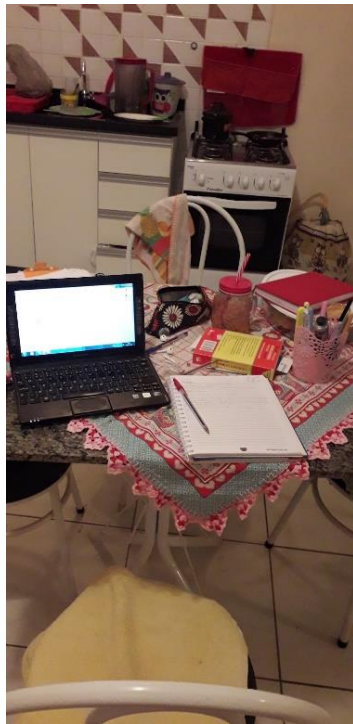
1.3 Corpo Pesquisador

Figura 7 – 1º dia do registro



Fonte: Acervo da autora.

Figura 8 – 2º dia do registro da aula



Fonte: Acervo da autora.

Figura 9 – 3º dia do registro da aula



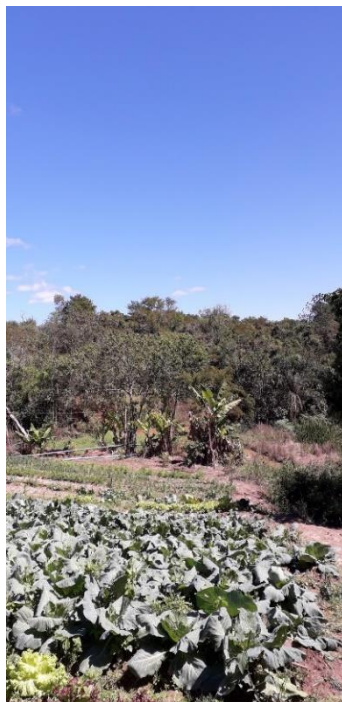
Fonte: Acervo da autora.

Figura 10 – 4º dia do registro da aula



Fonte: Acervo da autora.

Figura 11 – 5º dia do registro da aula



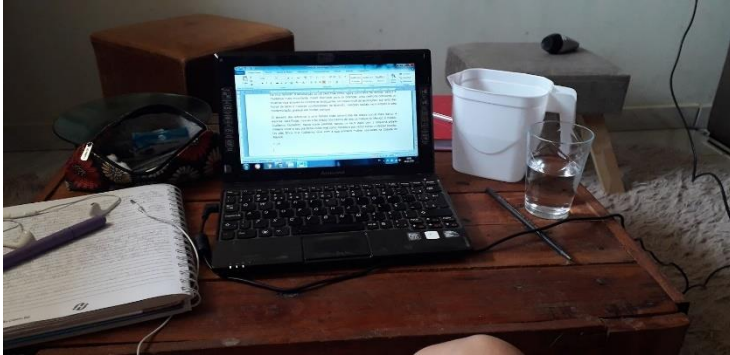
Fonte: Acervo da autora.

Figura 12 – 7º dia do registro da aula



Fonte: Acervo da autora.

Figura 13 – 6º dia do registro da aula



Fonte: Acervo da autora.

10 de novembro de 2020

Dia de aula da Dolores e da Tati, o encaminhamento da semana é registrar todo dia uma foto do nosso momento de pesquisar, de algo que nos capturou.

Tenho gostado muito das aulas, me tiram da zona de conforto, às vezes, não entendo nada, mas, quando corro atrás para aprender, tudo faz muito sentido.

As aulas das professoras são iguais quando eu lia Deleuze e Guattari: eu não entendia nada no começo, depois me questionava "como nunca pensei nisso?"

11 de novembro de 2020

Registro 1. Atividade Dolores e Tati

Confesso que, ao ouvir a Tati falando da atividade, achei superfácil, contudo, na hora de fazer o registro, parece que não encontrei nada que me capturasse. Não sei bem se era esse o conceito, mas gosto muito de estudar aqui nessa sacadinha, coloco um colchão de solteiro, o Scott logo vem e dá para ver as montanhas do Paraná; a paisagem paranaense me faz muita falta, aqui no estado de São Paulo é só cana-de-açúcar e tudo se enxerga no horizonte; como diz meu avô, "é tudo reto por aqui". Então, como era para fotografar o pesquisar, tirei essa foto do ambiente onde estou pesquisando hoje.

12 de novembro 2020

Registro 2. Atividade Dolores e Tati

13 de novembro de 2020

Ainda em Ourinhos, mas logo terei que ir para Pinhalão me preparar para as eleições: o resultado da campanha eleitoral começa a aparecer, 7 pessoas contaminadas com covid. Espero que não passe disso, Pinhalão é muito pequeno e não há recursos por lá. Ver os casos aumentando só me deixa com mais medo.

14 de novembro de 2020

Na horta, sem estudos por hoje.

15 de novembro de 2020

Dedicado às leituras para a aula desta semana.

16 de novembro de 2020

Último texto para a aula de hoje.

01 de dezembro de 2021

Eu e Dolores estávamos conversando hoje e enviei a ela um vídeo de Scott brincando com a bolinha de Natal, ao mesmo tempo que interagia com a câmera, olhava para ela, vazia pose, e foi aí que percebi que, quando ele não quer ser fotografado, Scott sai correndo ou vira o rosto; dessa forma, penso que essa é sua forma de autorizar os registros fotográficos. É respeitoso de minha parte esperar ele, ou qualquer outro cachorro, decidir se quer ou não interagir com a câmera, assim como Neguinha faz com tamanha disposição.

Em algum momento da vida de pesquisadoras, ouvimos falar sobre o "corpo pesquisador". Não é um conceito difícil de entender, entretanto, como exercer esse corpo pesquisador diante da rigidez que encontramos nos modelos esperados de pesquisa? Estes, embasados na academia tradicional, se tornam insuficientes para construir saberes localizados e diversificados.

Donna Haraway, em seu livro *O manifesto das espécies companheiras*, além de abordar com maestria as relações interespecies, traz algo ainda maior: escrever sobre aquilo que realmente importa. Em um trecho, (2021, p. 9), relata: “Ofereço aqui equipamentos mordidos e argumentos mal treinados para dar nova forma a algumas histórias com as quais me importo bastante, como pesquisadora e como pessoa no meu aqui e agora.”

O que escrevemos realmente nos importa? Uma pesquisa toma muito do nosso tempo, exige esforço, dedicação, inúmeras leituras, e é exaustivo. Só a pesquisadora sabe a linha tênue entre escrever e exaustão, em um país onde, com o desmonte da educação e da ciência, publicar vai além da renovação do campo e passa a ser cobrança – quem não produzir perde bolsa, a Universidade que não mantiver a nota perde curso, perde financiamento, é fechada.

Isso coloca o mundo da pesquisa na lógica capitalista, que precisa produzir freneticamente para conseguir se manter no mercado, principalmente para os cursos de Humanas. Todo esse contexto, somado com a hierarquização da ciência, os temas que são aceitos com mais facilidade pela academia ou até das próprias revistas, a objetividade que a ciência tradicional impôs que teríamos de ter, faz com que muitas pesquisadoras investiguem assuntos que possuem uma quantidade considerável de publicações.

Quero ressaltar que isso não é errado, porém, é o que realmente importa? Reforço essa pergunta, porque, na cobrança frenética de produzir, estamos deixando de lado a realidade dos povos, das culturas, das nossas cidades, das divergências que precisam ser consideradas. Em umas das aulas do projeto ⁷“Vozes contra genocídios”, Antônio Bispo dos Santos (2021) fez um alerta muito importante: “Cadê as universidades, os cursos de doutorado, pós-doutorado, os cursos de pós-graduação que não vão estudar essas questões? Quantas teses de doutorado têm sobre Cadeirão, Pau de Colher, Canudos, por que não fazem?” Não abordarei o

⁷ Projeto executado em formato de disciplina de pós-graduação remota na Unesp-Assis e na UFMT. Link para acesso das aulas: <https://www.youtube.com/c/EducandoparaaDiversidade/videos>.

assunto sobre genocídio dos povos negros, quilombola e de terreiro, nesta pesquisa, entretanto, sua indagação serve para as demais insurgências da realidade brasileira: onde estão os universitários de Humanas, os quais, diante do avanço do agronegócio, ainda se encontram distantes do mundo rural? Há claramente uma expulsão das pessoas de suas terras e uma superlotação das cidades e por que ainda estudamos tão pouco?

O autor, ao participar de uma entrevista com Dandara Rodrigues Dorneles (2021, p. 24), afirma que a “[...] universidade não é um espaço de confluência, ela é um espaço de transfluência, então, a universidade é uma fronteira entre o saber orgânico e o saber sintético.” Saberes orgânicos envolvem a composição do mundo do ser, movimentado pela oralidade entre os povos que confluem seus conhecimentos, sua linguagem, havendo uma comunicação para a vida. Já o saber sintético é aquele produzido pelos colonialistas, pela universidade, onde se extraem os saberes do ser para beneficiar o ter, sendo operacionalizado pela escrita, de uma forma desconectada da vida, a fim de produzir coisas.

O conceito de confluência foi elaborado por Nêgo Bispo, ao observar o movimento das águas e seu encontro, formando um mesmo cosmo; assim, um rio e um outro rio encontrado pelo primeiro se confluem, se potencializam, mas deixam de ser os rios que eram antes.

Já a transfluência foi pensada por causa das águas que se movimentam no céu, mostrando sua força em superar obstáculos. Desse modo, o autor (2021, p.17) sustenta que a universidade é um espaço de transfluência, no sentido de ser um espaço possível para dialogar, conversar e até mesmo compartilhar saberes, desde que não haja apropriação dos saberes do ser para o ter.

Nos resultados da pesquisa bibliográfica, vimos o quanto o Sul ainda está distante, sendo que o agronegócio está fortemente instalado nessas terras, poluindo não só o nosso ar, mas secando nossas águas e prejudicando nossa paisagem, que antes era diversa e agora só é constituída por soja, trigo e aveia.

Figura 14 – Onde era café e agora é soja



Fonte: Acervo da autora.

Arturo Escobar (2014) destaca que os campos teórico-políticos não estão completamente separados, mas cada um possui sua especificidade: a academia tem o critério de distância crítica do objeto de estudo, enquanto, nos movimentos políticos, a produção de conhecimento se constrói no envolvimento intenso.

Logo, se entendemos o pesquisar como um ato político, devemos então repensar os nossos métodos de pesquisa, os quais excluem o envolvimento entre pesquisadora e os participantes, de sorte que, nesse caminho, conseguiremos ultrapassar o “pesquisar sobre” para alcançar o “pesquisar com”, segundo frisa Haraway (2019, p. 27): “[...] ser um é sempre tornar-se com muitos.”

Quando vivemos o corpo como um corpo pesquisador, compreendemos que, assim como a minha presença provoca alguma alteração no ambiente onde proponho pesquisa, seres humanos e não humanos que estão envolvidos nesse processo, também provoca alterações nesta pesquisadora, porque todos estão dispostos a descobrir algo interessante, mesmo que o resultado disso seja algo que um dos lados não espera.

O corpo pesquisador é um tema contemplado com frequência, nas pesquisas sociais e humanas, contudo, nem sempre realmente sentimos o que é esse corpo pesquisador, de fato. Desde o início da graduação em Psicologia, eu ouvia sobre esse assunto, mas só o senti, quando realizei uma atividade no Mestrado, da disciplina “Políticas de Escrita e Pesquisa em Psicologia: conversações e práticas”, ministrada por Dolores Galindo e Tatiana Bichara. A tarefa era registrar por sete dias um momento do ato de pesquisar que me tivesse capturado.

Como já mencionado, a pesquisa esteve em movimento entre as cidades de Ourinhos-SP e Pinhalão-PR e entre o urbano e o rural; ao longo desse tempo, ficou evidente essa transição; e mais, como todos os registros que fiz foram para “cumprir” a tarefa, a impressão que me atravessava era de que eu não havia encontrado nada que me capturasse, então, eu fotografava o momento em que estava com o computador ligado e os dias quando estava na horta, para cumprir os sete dias propostos, visto que as nossas aulas eram semanais.

Além dos registros, teríamos de apresentar as nossas imagens na aula e relatar os encontros e desencontros da atividade, ficando explícito para mim, até o momento que antecedia a análise das fotos, que eu focaria a apresentação nos desencontros, pois eu não achava que nada tinha me capturado, a ponto de querer fotografar.

Ao analisar minhas fotos, consegui perceber que, mesmo nos dias em que não escrevera, pois estava trabalhando na horta, que a pesquisa não deixou de ser elaborada, porque aqueles momentos de lida na roça permitiam que as noções como produtora rural familiar acontecessem. E foi nesse momento que o movimento da pesquisa no meu corpo ficou evidente e, a partir dessa atividade, passei a registrar todos os momentos possíveis, durante o trajeto da pesquisa.

Escrever o diário de campo com registros audiovisuais e palavras me levaram a compreender e sentir o que era ter o corpo pesquisador e evidenciar o quanto a afetação e o envolvimento com a pesquisa eram essenciais para escrever aquilo que realmente importava para mim e para o mundo rural do qual faço parte, mesmo que, neste texto, as mulheres se expressem através do que eu vivencio, e, em outras pesquisas, se expressarão por intermédio do que é importante para o contexto de outras pesquisadoras.

1.4 Causos, um método inventivo

É através dos causos, das fotografias e da escrita que as mulheres trazem à tona sua realidade e fortalecem suas lutas por direitos; se nós não aparecemos nos dados da história brasileira, principalmente nos mundos rurais, que foram construídos por homens ricos e brancos, nós tornaremos visível a nossa participação, através de registros elaborados por nós, “[...] pois as figuras unem as pessoas, convidando-as a habitar a história corpóreo narrado em suas diretrizes.” (HARAWAY, 2019, p. 27).

Conto por meio de “causos”, por sua intencionalidade afetiva, resgatando na pesquisa ancestralidades de meu avô, que me deixou uma herança de afeto, e a genética do povo mineiro, o qual gosta de uma boa prosa e café bem quente, para demorar a esfriar, porque causo bom tem que ser contado com detalhes.

Os causos que conto aqui são sobre mulheres rurais alinhadas com a agricultura familiar e a agroecologia, as quais possuem uma relação de respeito e cuidado com a terra. Ao lado das mulheres rurais, os cachorros são os grandes protagonistas da escrita: eles não são superiores a nenhum outro animal, foram escolhidos por serem tão presentes na família e por fazerem parte da minha história. Scott, Neguinha e Maiado são os grandes responsáveis pela inspiração canina na escrita – e não posso esquecer de Janete Cat, a gata caçula da família, que vem nos ensinando com sua delicadeza como construir amizades interespecies

Como boa neta de um avô mineiro, a presente pesquisa é um “causo”: não significa que terá início, meio e fim, pois uma boa mineira nunca termina uma história, da primeira ela emenda na segunda, na terceira, na quarta e é chegada a hora de ir embora. O intuito dos capítulos é trazer as vivências da autora sobre o trabalho de produtora rural familiar e pesquisadora, de sorte que não encontrarão apenas as citações de grandes autoras implicadas com os assuntos que trago, mas também dos causos que contei no diário de campo e outros que surgiram na hora da escrita na Dissertação. Ou seja, causos e escrita acadêmica se atravessam e compõem cada linha do trabalho.

Por que contar um causo? Recordo-me de meu avô contando causos de pessoas que nem cheguei a conhecer; não eram só histórias aleatórias, eram conhecimentos que passaram de geração em geração, o mesmo acontecendo com a população que vive nos mundos rurais, os quais são lugares passados de geração em geração – após meu avô falecer, suas terras agora são de suas filhas, depois serão de seus netos, bisnetos, assim por diante.

Nos mundos rurais, o hábito de contar causos é muito frequente; famílias se reúnem nos finais de semana, para almoçarem juntas, compadres e comadres vão a casa um do outro tomar café e, nas colheitas, não há a sistematização do trabalho capitalista, onde os funcionários não podem conversar, de modo que as pessoas passam o dia contando causos e transmitindo suas histórias, ao mesmo tempo que fazem a história da colheita daquele ano.

Segundo Angelita Martins e Deisily Quadros (2010, s/p), “[...] a arte de contar histórias representa uma importante fonte de identidade cultural e social, simbolizando a perpetuação de uma tradição e preservação da memória, a união de gerações, a interação de grupos”. Nessa perspectiva, nós nos propomos aqui não somente refletir sobre o trabalho feminino, dos animais e das plantas, nos mundos rurais, todavia, trazer causos que perpassam o período de pesquisa e preenchem a local onde a mesma acontece.

Dessa forma, os causos contribuem para a transmissão da ancestralidade que atravessa esta pesquisa, que atravessa o rural; o que trago aqui, são vivências minhas e da minha família, no mundo rural. Com efeito, expor histórias não seria tão potente, na realidade desta pesquisa, como trazer causos, pois, como fala Maiane Magalhães (2019, p.40) a “[...] leitura das histórias nos aproxima dos personagens, mas não nos

aproxima das pessoas que as escrevem”, o que seria ir ao oposto do que desejo com esta pesquisa, porque ela não é escrita apenas por mim, mas por várias pessoas.

Não se trata apenas de ser descendente de mineiro, mas de trazer um estilo de conversa que é forjado lá nos roçados de Pinhalão, além de utilizar esta comunicação acadêmica para dizer que os causos ainda existem, como realça Maiane Magalhães (2019, p. 44): “[...] apesar de alguns teóricos já terem desenvolvido estudos sobre os contadores de causos, ainda há muito a ser estudado sobre essa prática. Como se pode dizer que algo está desaparecendo se ele é pouco enxergado e conhecido?” Alguns autores retratam que a tradição de contar causo está acabando, mas me alinho a Maiane, para dizer que não está acabando, porém, que não se conhece a prática de contar causos com esse termo.

Contar causos em nível de um Mestrado Acadêmico é também um ato de resistência à escrita colonial e a ameaças de fraquejar o povo, retirando suas crenças e costumes, ao valorizar a escrita acadêmica. A palavra *causo* foi escolhida de acordo com os nossos costumes em Pinhalão-PR, mas é sabido que cada comunidade se refere a essa tradição de forma diferente, talvez por regionalidade ou por desconhecer que se sentar para contar coisas que aconteceram com você ou com pessoas próximas é um causo.

Escrevemos nesta pesquisa de forma coletiva, contar causos também é algo feito no coletivo, pois ao contar a pessoa retoma fatos ocorridos por outras pessoas formando uma memória coletiva sobre a comunidade transmitindo a ancestralidade de todo um povo, fazendo com que os mais novos possam tomar conhecimento sobre suas raízes.

Flávio Leonel Abreu da Silveira, biólogo brasileiro e doutor em antropologia, saiu de sua morada em Porto Alegre para realizar a pesquisa de campo do seu doutorado em São Miguel das Missões, um de seus objetivos era entrevistar os contadores de causo na pequena cidade rural de 3.000 habitantes.

Ouvir os causos dos moradores, fazer registros fotográficos e morar na cidade da coleta de dados possibilitou criar um elo com alguns de seus participantes, com o fala o autor (2004, p. 131) “a proximidade me causou imensa satisfação, possibilitaram que dessa relação intersubjetiva emergissem as minhas próprias questões, enquanto ‘sujeito descentrado’ pela imersão etnográfica”.

Ao longo da tese, Silveira (2004) traz as narrativas dos causos ouvidos e podemos observar a cumplicidade geracional entre os participantes ao transmitir a

tradição de contar causos aos mais novos ou aos moradores urbanos que ainda não conheciam tal causo.

Desta forma, torna-se resistência escrever causos ao trazer para um meio, em que muito se valoriza a escrita objetiva e individualizada, uma escrita que busca falar através de práticas coletivas de transmissão de conhecimento ao mesmo tempo que se conecta com a realidade atual das pessoas. Quando ouvimos um causo, nos relacionamos com ele ao passo que conseguimos identificar e trazer os nossos causos à tona. Com fala Silveira (2004) sobre o causo:

Demonstrar a configuração de um sentir em comum, de uma 'identidade coletiva' que o individualismo moderno não consegue eliminar, pelo fato de que a vivência e o englobamento por unidades abrangentes e experiências comunitárias permitem e sustentam maiores possibilidades de trânsito e circulação, não só em termos sociológicos, mas entre dimensões de esferas simbólicas. (SILVEIRA, 2004, p.80)

Ao transmitir um causo é transmitido também a esfera simbólica de uma comunidade que se expressa e é revivida através desta experiência, contar causo aqui é uma forma de transmitir não só o conhecido aprendido, mas os afetos sentidos, permitindo que o leitor se aproxime e tenha a possibilidade de experimentar, ou ao menos imaginar, os afetos agroecológicos aqui escritos e sentidos, além de rememorar os seus próprios causos.

Evidente, que esta pesquisa fala muito sobre os causos no mundo rural, e apesar de ter uma proporção de contadores de causos maiores nos mundos rurais, também existem no meio urbano, esta tradição não está morrendo, mas talvez o termo esteja ficando esquecido nos meios urbanos, afinal estamos tão entrelaçados as nossas redes sociais que muitas vezes não sobra tempo para sentar em volta da mesa para conversar sobre o hoje, quiçá sobre os causos passados.

Publicar sobre os causos no meio acadêmico também é uma forma de chamar a uma retomada de nossos costumes ancestrais e trazer ao debate acadêmico sobre a essa forma de expressar-se que possibilita a transmissão de conhecimento, mas também de superstições e, sobretudo, afeto.

CAPÍTULO 2 – PESQUISAR E ESCREVER EM MEIO AO LUTO

01 de abril de 2021

Hoje foi minha apresentação em um evento da ABRAPSO. Acordei me sentindo superpreparada para a minha exposição, pois não falaria só da minha pesquisa, mas do que estamos vivendo, na pandemia, como produtores rurais.

Entretanto, minhas expectativas não foram alcançadas. Faltava meia hora para começar o evento, quando minha mãe mandou mensagem, dizendo que Vô Zé tinha positivado para Covid. Meu coração apertou na hora, uma angústia tomou conta de mim, pela primeira vez senti um medo terrível desse vírus. Vô Zé é a pessoa mais forte que conheço, em quase 25 anos de vida, só o vi doente uma vez; ele fica o dia todo mexendo com as coisas lá no sítio, de domingo a domingo, e saber que ele está doente, desanimado e sem apetite parte meu coração. Sempre digo que a energia que ele tem dá de 1.000 a 0 na minha.

Guardei minha angústia e fui para o evento; minha apresentação foi mediana, porém, mesmo assim, fico contente; recebi várias indicações de leitura, conheci outros profissionais e consegui cumprir um compromisso que assumi, com minha pesquisa, de levar o debate sobre as ruralidades nos eventos de Psicologia, porque é alcançando para a academia que começaremos a mudar a realidade da Psicologia, no nosso país.

03 de abril de 2021

Hoje meu coração está mais calmo, fui até a casa dos meus avós levar verduras, meu avô recebeu o positivo antes de minha avó receber o salário e fazer compras e, como estavam todos isolados, eles estavam sem algumas coisas em casa.

Fui até o mercado, comprei uma caixa de bombom e uma bandeja de iogurte: meu avô gosta dessas coisas e ele não tem conseguido comer bem. Levei bastante frutas e legumes verdes, beterraba, cenoura, e deixei lá no portão, ficando uns dois metros longe. Falei com eles, pedi para que meu avô tentasse comer pelo menos as verduras, pedi para que minha avó fizesse batida de fruta com leite para ele e disse para ela manter a calma, que Deus está cuidando de tudo.

Enquanto fazia as entregas nos mercados, fiquei chocada com a quantidade de pessoas que estavam lá. Embora a região toda estivesse fechada, apenas Pinhalão abriu, e o resultado foi a superlotação do comércio. Tenho medo do que isso vai resultar.

05 de abril de 2021

Estabeleci que escreveria todo dia à noite, antes de dormir, para conseguir anotar a experiência do dia todo; não é sempre que consigo tempo para escrever no diário várias vezes ao dia.

Todavia, hoje cheguei cedo por aqui! Dormi mal, tive sonhos estranhos que atormentaram minha noite. Acordei angustiada, com medo, com a sensação de que coisas ruins aconteceriam. Senti vontade de escrever.

Vô Zé está há uma semana com sintomas de Covid, ele começou a perder o apetite, está emagrecendo, minha avó está nervosa e deixa ele ainda mais preocupado. Minha vontade era guardá-lo em um potinho e não deixar nada de ruim acontecer. Com a pandemia, os dias oscilam em bons e ruins – em um, você está confiante e feliz, no seguinte, já é tomado por uma tristeza e um medo de tudo! A vida de antes parece tão distante, parece que vivíamos em um sonho, luto para relembrar as sensações que eu tinha, como eu me sentia na faculdade, na rua, nas lanchonetes, nas festas! Apego-me a qualquer traço de coisa boa que aparece, ajudo quem eu puder, não estou guardando nada de dinheiro, pois as pessoas passam no portão vendendo coisas, não consigo dizer “não”, me vejo neles.

Estamos tentando declarar amor ao vô da maneira que podemos, ligamos no celular, falamos com ele, mandamos muita comida, desde verduras até os doces que ele ama. Meu irmão caçula pegou todo o dinheiro que ganhou com as entregas dessa semana, gastou com coisas de que o vô gosta: doces e iogurtes! Até o presente de Páscoa que dei para Allan ele mandou para o vô.

Lendo Calibã e a Bruxa, comecei a refletir sobre o controle dos corpos e a associação com o capitalismo, como isso tem uma profunda ligação com a imagem objetificada da mulher que o século XXI propaga. Mas a indagação que me veio, de repente, é se o distanciamento das atividades sociais tem um “dedinho” do capitalismo nele, porque é sabido que não é favorável aos dominantes ter cidadãos críticos e conhecedores dos seus direitos, entretanto, no campo, essa negligência de promover espaços de

reflexão é ainda maior e é escancarada, quanto mais a ideia de que mundo rural é só para trabalho e não há perspectiva de crescimento, mais facilitada fica a expulsão das camponesas da terra. Será que nós, das Ciências Sociais, estamos sendo coniventes com a expulsão dos camponeses? Será que o intuito é esse mesmo, de nos atrair para o meio urbano e seus dilemas e, ao virar as costas para o mundo rural, mais o agronegócio domina, sem encontrar barreiras nas terras das pequenas agricultoras?

08 de abril de 2021

Hoje não fui para colheita, meu corpo está exausto com as entregas de ontem, fico me questionando sobre como é difícil conciliar o trabalho rural com a academia, e isso me faz pensar na quantidade de jovens que se ausentam da escola, para dar conta do plantio.

Aqueles que conseguem estudar abandonam totalmente o trabalho na roça ou precisam se mudar para o meio urbano. Esse é mais um dos fatores que evidenciam o fato de que a academia não é para todos!

Não posso dizer que tirei o dia para descansar, pois estou na organização da casa, mas, enquanto limpo, assisto o 1º Encontro da Rede de Estudos Rurais no YouTube. Trouxeram uma questão que me tocou muito: o professor falava sobre como os pescadores estão perdendo seus mestres para a Covid, e que isso é algo que os afeta muito, porque a tradição é passada entre gerações e perder aqueles que os ensinam e que dominam a pesca é algo de extrema importância afetiva – e ele finalizava com a ideia de estarem perdendo sua ancestralidade.

Fiquei me lembrando do assunto que tivemos no grupo da família sobre o vô Zé, sendo um mineiro arretado e cheio de histórias para contar, agora não ter forças nem para comer. Assim, a bagagem histórica que estamos perdendo é surreal, nossa história vive no corpo dos mais velhos e perder tantos, de uma só vez, enterra nossa história junto!

09 de abril de 2021

A inspiração é algo muito curioso. A manhã de hoje rendeu vários aprendizados, a aula que lecionei foi ótima e a aula de Psicologia, trabalho e saúde também.

Falamos sobre o caso Carlos e sobre como a pressão para produção está presente em quase todos os lugares, inclusive na academia. Como o relógio, que não está visível como o de Carlos, mas que está internalizado em nós e nos atormenta com a sensação de sempre estarmos atrasados.

Na pandemia, tudo é muito instável, os dias começam bem e ficam cinzas rapidamente. Vô Zé precisou ser internado, o médico disse a minha tia que demoraram muito para levá-lo ao hospital e que só um milagre poderá salvá-lo. Realmente, acho que deveria ter levado o mais rápido possível, mas que culpa temos? O que habita em nós é o medo de ir para hospital e nunca mais voltar: como se separar, se não há mais a certeza da cura? A certeza de que ficará bem? A fé é o que nos resta, e alimentar a fé é algo desafiador, diante de tanto sangue.

O que resta a minha família agora é orar, clamar a Deus para que ele seja salvo. A última frase que disse a minha avó, antes de ser internado, foi: -"Mulher, fica calma que Maria vai passar na frente." Meu avô, que sua fé seja inspiração para a nossa!

Vô Zé foi entubado, a primeira vitória veio aqui, o médico temia que, por conta da idade, ele não aguentasse a entubação! Pediu para que nos despedíssemos dele, mas meu avô mais, uma vez, mostrou o quanto é forte, passando por uma entubação "tranquila".

Nossa próxima batalha agora é conseguir uma vaga na UTI, antes que se acabe o sedativo em Pinhalão. O médico disse que, na semana anterior, havia pessoas na frente de um paciente e demorou dois dias para conseguir vaga.

10 de abril de 2021

Figura 15– Eu e vô Zé no Thermas dos Laranjais



Fonte: Acervo da autora.

Vô Zé conseguiu vaga na UTI!!! Nessas horas, estamos nos apegando a qualquer sinal de Deus, muitas mensagens têm aparecido para nós.

Tenho pensado muito nisso; a ciência nos salva e fico grata a ela por cada conquista, por ter tantos meios para lutar. Quanto à fé, independentemente da crença, é capaz de fortalecer, enquanto a ciência faz seu excelente papel, nos faz crer que amanhã será um novo dia, dá esperança!

11 de abril de 2021

Luto

18 de abril de 2021

7 dias que vô Zé partiu: ainda não consigo acreditar que é verdade, já me peguei algumas vezes tentando acordar desse pesadelo, mas é real, ele morreu.

É estranho enterrar uma caixa sem saber o que tem dentro, dá a sensação de que pode ser qualquer coisa, menos ele. Não estou de luto, porque acredito que ele começa, quando existe a consciência de que alguém partiu; eu não me despedi, não o velei, não vi seu rosto.

Nesses dias que passaram, não escrevi e nem li nada, de modo que me sinto culpada por isso, mas incapacitada de escrever. Hoje me acendeu um desejo de escrever algo, então, estou aqui!

Só nessa semana, três pessoas partiram em decorrência da covid; vovô foi o segundo. Para uma cidade pequena, isso é muito! Em 2020, ficávamos semanas sem ter nenhum positivo ou suspeito, mas agora temos três famílias enlutadas por isso. A última vítima foi uma moça de 27 anos, casada apenas há dois anos. Eu senti muito por essa morte, porque agora sei pelo que as famílias passam.

A colheita está chegando e, ao que tudo indica, o inverno será mais forte. Tenho medo pela colheita de 2021: as pessoas não podem adoecer, não há vagas para nada. Tenho pensado em estratégias para a colheita, em como podemos nos proteger, eu e meu pai temos pensado muito nisso. Estou pensando em conversar com alguma enfermeira sobre isso.

19 de abril de 2021

Hoje é o último dia de novena em intenção ao vô Zé; normalmente, é no horário da noite que consigo ler alguma coisa e preencher o diário, estou com todas as minhas demandas atrasadas, levei o final de semana todo para conseguir organizar a casa.

Estou tentando encontrar meios para conseguir organizar meus estudos, eles já estavam atrasados, mas, com o falecimento do vô, ficaram ainda mais.

Há uma doutoranda da Unesp que sigo, ela está fazendo doutorado em cotutela, ela compartilhou como organiza sua agenda, acho que se encaixa bem no que preciso, vou começar a fazer igual.

Estou aproveitando também o tempo em que estou limpando casa, cozinhando ou embalando alguma coisa da horta ,para assistir as lives do canal "Rede de Estudos Rurais", Dolores me apresentou o perfil do Instagram deles já tem algumas semanas, vi que irão promover um evento em outubro, eu tinha perdido o prazo de submissão porque ele se encerrava na semana em que vovô foi internado, mas prorrogaram para hoje; infelizmente, descobri isso só hoje. Vou tentar correr contra o tempo, mas preciso ir pousar com a avó, e no sítio não pega internet.

Figura 16 – Colhendo os frutos de vô Zé



Fonte: Acervo da autora.

25 de abril de 2021

Colhendo os alimentos que o vô deixou

Figura 17 – Horta do vô Zé



Fonte: Acervo da autora.

11 de maio de 2021

Horta do vô Zé

Um mês da partida de vô Zé, que saudade! Não sei se estou vivenciando o luto; a sensação que tenho é que ele está isolado, mas que, quando a pandemia acabar, ele vai voltar.

É estranho, é triste, é desesperador saber que não me despedi, que não o abracei, que não pude vê-lo sorrir uma última vez. Agora estamos colhendo as coisas que deixou semeado, vô cuidando de nós, mesmo quando não está mais neste mundo.

Figura 18 – Bolos e estudos



Fonte: Acervo da autora.

08 de junho de 2021

Sempre gostei de estudar e ter algo para comer ao lado; vou gastando energias e repondo tudo, ao mesmo tempo.

Lembro-me das aulas de Dolores e Tati, quando Ruth me disse: "Traga o peso da pesquisa para a escrita". Pesquisa é resistir, e isso não é fácil, ainda mais em um contexto onde a pesquisa é desvalorizada, mas há coisas que ajudam a diminuir o peso e, quando a cabeça ferve, paro, faço um carinho em Scott, como algo e volto. As estratégias de escrita deveriam aparecer mais nas nossas pesquisas, as coisas que passamos ao escrever também.

Vô Zé partiu no dia 11 de abril e até agora não consegui voltar a escrever; o bloqueio criativo que me atormenta é desesperador, o final de semestre chegou, os artigos finais também e não sei como escrever... Os planos de terminar a Dissertação ainda em 2021 parecem distantes, a sensação é de impotência. Entretanto, tenho tentado seguir por outros meios enquanto não consigo escrever, afinal, tudo está acontecendo normalmente, o governo finge que nada está acontecendo, então nós, os enlutados, engolimos o choro e vamos deixar o luto para viver quando der. Tenho assistido a lives, alimentando o diário de campo com fotos e tentando refletir sobre o que der.

Lembro que, em uma das lives da Rede de Estudos Rurais, o palestrante dizia: "É preciso dar mais destaque aos bastidores dos movimentos sociais." Penso que isso vale igualmente para o movimento de pesquisa. Se meu corpo move a pesquisa e ela move meu corpo, isso deveria transparecer na pesquisa. Não dá para pesquisar e não se envolver, como adverte Arturo Escobar; ora, os métodos científicos ordenam o distanciamento do objeto de pesquisa, mas a política é feita no envolvimento intrínseco com o meio e, se pesquisar é um ato político, não deveríamos então nos envolver? Porque, se não acontece esse envolvimento, o aspecto político não acontece, segundo bem realça Haraway: "Ser um é sempre tornar-se com muitos."

Figura 19 – Casa da Vó Cecília



Fonte: Acervo da autora.

17 de outubro de 2021

No dia 14 de outubro, tive uma reunião de correção da Dissertação com Dolores, quando conversamos sobre o capítulo em que falo sobre meu avô. De fato, esta pesquisa é atravessada pela minha ancestralidade, já que trago tanto de mim e de minha família. Conteí que a última coisa que estava sendo “colhida” das plantações que meu avô deixou foi a madeira nova casa de Vó Cecília. Dolores sugeriu que entrevistasse a minha avó, para compor o capítulo sobre luto e pesquisa, mas, infelizmente, não conseguimos, por falta de tempo; porém, fiz esse registro fotográfico e deixo aqui a história e a ancestralidade dessa casa.

Chuto que os eucaliptos que foram usados na casa foram plantados há uns 15 anos. Quando meu avô teve a ideia de plantar eucaliptos, minha avó questionou a necessidade; ele disse que faria isso, pensando nas filhas ou nas netas, pois poderia ser útil, caso alguma deles quisesse casar e construir casa, ou até mesmo se as outras já casadas quisessem construir outra casa.

A única filha que faltava para casar-se era tia Gê, mas ela optou por uma casa de alvenaria, logo, a madeira seria útil para as netas. Mas não foram as netas que usaram.

Meus avós eram muito unidos; a partida de meu avô foi uma dor tremenda para vó Cecilia; assim, a primeira coisa que desejou fazer, depois de partida de seu amado,

foi sair de sua casa, esta que era grande demais fisicamente, mas que fazia com que minha avó se sentisse sufocada, estando sozinha.

Pois bem, as madeiras que seriam para as filhas passaram a ser cortadas para a nova casa de minha avó. De uma maneira simbólica, meu avô permanece com ela, no cuidado que ele teve, quando plantou essas árvores para uma necessidade futura. A construção da casa ocupou a cabeça de minha avó por meses; parece que, no fundo, ele sabia que ela precisaria ter algo para fazer sem ele, já que ela vivia, como dizia ele, “inventando moda” na casa.

Agora, minha avó morava na outra ponta do sítio; vive sozinha no alto da terra, onde ela tem a vista plena de onde meu avô dorme agora.

Em se tratando de uma investigação com métodos inventivos, trouxe para a pesquisa a dor da perda: não havia outro caminho para prosseguir, pois falar do mundo rural é também falar de meu avô. Cresci na casa dele e de minha avó, brincando com minhas primas, correndo no cafezal, subindo nas árvores, ouvindo-o tocar seu violão e cantar músicas que ele inventava, mineiro de mão cheia, vivia contando causos.

Entendo a pesquisa como um ato político, no qual me envolvo intrinsecamente; logo, escrever uma Dissertação e não trazer o sofrimento da perda que a atravessou e a atrasou seria o mesmo que contribuir para a lógica da exploração intelectual.

Iniciei o Mestrado com os parabéns do meu avô, com a felicidade de me ver escrevendo sobre nosso mundo, na universidade pública; agora, irei terminar sem poder dizer a ele que serei Mestra em Psicologia. A pandemia da Covid não levou apenas o nosso tempo, mas carregou a ancestralidade, nossas histórias, nossas memórias, nossas raízes.

Não há nenhuma metodologia convencional que possibilite uma objetividade da pesquisadora, quando ele é tomado pelo luto. Não há formas de escrever, sem que a dor apareça, que afetos sejam mobilizados, que memórias sejam acionadas. Escrever na dor é algo muito íntimo, talvez nem devêssemos escrever, durante esse momento, pois nos expõem demais.

O processo do luto em “tempos normais” já é algo doloroso, entretanto, viver o luto quando a morte paira sobre o mundo todo, alastrando-se em uma guerra biológica que não podemos ver, é de longe, o sofrimento mais difícil de elaborar.

Das fases da escrita da Dissertação, a mais difícil foi escrever após perder meu avô, um homem cheio de saúde e juventude que nunca vi doente, para a Covid. O bloqueio criativo se alastrou por meses e ainda sinto que me atormenta; não vivi o luto, porque não consigo processar o acontecimento de sua morte, não o vi partir, não o vi adoecer e, o pior de tudo, não pudemos nos despedir dele da maneira que ele merecia.

Quando o bloqueio criativo da pesquisadora vem, ele atormenta, faz perder o sono, produz culpa por não conseguir escrever algo de qualidade, por não cumprir os prazos, por não render o suficiente. O que antes produzia prazer passa a ser sacrifício. Entretanto, contar com as metodologias inventivas de escrita me possibilitou a leveza de que eu precisava, naquele momento.

Sentar-me à frente do computador e ficar horas lendo e pesquisando não me produziam mais sentimentos bons, deixavam-me tensa, pois percebia que não conseguia focar e que as ideias não vinham. Junto com minha orientadora, decidimos estratégias para que meu luto fosse respeitado, ao mesmo tempo que as tarefas acadêmicas fossem atendidas.

Prorrogamos os prazos de entrega da Dissertação ao máximo que pudemos, e continuei minha pesquisa, enquanto estava com bloqueio criativo, da mais maneira mais potente que poderia: escrever com o coletivo!

Nesse período, eu me dediquei à colheita dos alimentos que meu avô deixara, a pousar na casa de minha vó. Além disso, fui para a colheita de café, fiz os registros fotográficos e audiovisuais, além de assistir a palestras, participar de rodas de conversa e alimentar o diário de campo.

É necessário fazer um adendo: as metodologias inventivas não contribuem para a exploração intelectual, no sentido de que fazem produzir, mesmo se enquanto está sofrendo; elas permitem que a metodologia acompanhe as fases de escrita da pesquisadora, porque há momentos que o cansaço bate. Afinal, o lugar de invisibilidade da ciência, no país, faz com que o conhecimento acerca do trabalho de pesquisadoras não seja reconhecido, porque, como todas as atividades que se concentram na vida privada, é tido como uma tarefa fácil. No começo da pandemia, vários postos de trabalhos fecharam, as escolas fecharam, mas as pesquisadoras tiveram que continuar trabalhando. Escrever com o medo, com a ansiedade aumentando, com a casa cheia, com familiares doentes, só evidencia o quanto a exploração intelectual é recorrente, no Brasil!

As metodologias inventivas me possibilitaram elaborar minha dor, através daquilo que amo fazer: ser pesquisadora! Ora, estou escrevendo sobre o bloqueio criativo e meu luto, nesta Dissertação de Mestrado. Esses dois anos de pandemia devem aparecer em nossos registros e pesquisas, porque todas as investigações feitas nesse período foram atravessadas pela pandemia, de diversas maneiras, pelo luto, pela mudança do projeto, pelo impedimento das pesquisas de campo ou até mesmo pelo cancelamento do projeto, a fim de se dedicar aos estudos do vírus e busca da vacina.

Muitas incertezas ainda rondam nossa sociedade, afinal, a Covid-19 ainda não acabou; entretanto, não só ela, mas também outras pandemias podem vir a acontecer, levando-se em conta a forma como estamos vivendo com a natureza, invadindo seu

espaço, convivendo com os animais, de forma exploratória, e como temos enfrentado as desigualdades sociais.

CAPÍTULO 3 - MULHERES E A TERRA

Figura 20 – Mãos vermelhas de frio



Fonte: Acervo da autora.

15 de julho de 2021

A colheita de verduras no inverno é um desafio enorme; as mãos ficam duras de frio, vermelhas, e, às vezes, doem.

Figura 21 – Hora da merenda.



Fonte: Acervo da autora.

26 de junho de 2021

Vim sozinha para colheita de café, hoje; aproveitei para fazer uma pausa agora, no café da tarde, e apreciar o silêncio.

Minhas costas doem, é bom deitar-se um pouco para descansá-las. Estico o pano vazio, deito-me, e olho para esse céu azul. O chão está tão macio que conforta minhas costas que latejam. A colheita de café, sobretudo nesses pezinhos pequenos, exige muito da coluna – e a minha é toda torta, tenho escoliose, isso dificulta mais ainda. Mas não me importo com a dor, é tão relaxante estar aqui.

Olho os pássaros no céu, sinto o vento, vejo as folhas balançarem, ouço o café caindo na rua do lado: há um casal colhendo, eles conversam, decidindo se devem ou não limpar o pano, já vão encerrar por hoje.

O corpo do café é tão forte e ao mesmo tempo tão leve, os grãos são pesados, mas, mesmo assim, seus galhos não quebram ou entortam, ao contrário, balançam de acordo com a música que o vento toca, uma leveza e uma mestria contagiante. Poderia ficar aqui o dia todo só apreciando. A terra está tão macia, poderia dormir aqui mesmo. Recordo-me de, quando criança, enquanto meus pais colhiam café, eu escolhia o maior pé para brincar embaixo dele, fazia de minha casa, imaginava como era morar debaixo do pé de café. Memórias me levam para um lugar tão afetuoso, tão confortável, sinto falta de quando achava que poderia morar debaixo de um pé de café, que poderia me esconder lá, que nada me encontraria. Sinto falta, e agradeço aos pés da minha infância que me trouxeram a esta pesquisa, a esta escrita, a esta universidade. Se não fossem os cafés que chamei de casa, será que estaria aqui?

As mulheres sempre estiveram presentes no trabalho rural, mas pouco se fala sobre nós, quando o assunto é agricultura, afinal, é trabalho pesado, né? Coisa de homem... Como se isso fosse algo que impedisse as mulheres a “botarem a mão na massa”. Se calcularem o esforço que colocamos em todas as atividades que fazemos, ao longo do dia, o resultado mostrará que pegamos mais peso, já que os homens gostam de medir o peso das tarefas.

O fato é que nossos nomes mal aparecem na história da agricultura; um dos aspectos que contribuem para isso é que a mulher não tinha direito sobre a terra, porque, se era solteira, o pai representava a família, se casada, o marido assinava os documentos, se viúva, o filho mais velho assumia as obrigações da família. Não importava se o desempenho da mulher fosse igual ao do marido: ela não tinha documento que comprovasse que era uma cidadã, imagine-se o reconhecimento.

A maior parte dos artigos publicados ⁸sobre o trabalho da mulher, no mundo rural, parte de trabalhadoras da área, de moradoras de assentamentos, formadas na área da Agronomia ou que tiveram uma história familiar com o mundo rural. Percebe-se que há uma linha crescente, ainda tímida, de publicações sobre esse trabalho feminino vindos de outras áreas, como a Psicologia.

Um dos fatos que contribuem para o crescimento do interesse das Ciências Sociais sobre o trabalho rural feminino é a própria divulgação das trabalhadoras de suas atividades ou dos seus produtos; as redes sociais têm sido uma grande aliada para dar visibilidade ao trabalho que sempre esteve na esfera privada. As redes digitais têm nos possibilitado expandir nosso olhar para a memória do trabalho das mulheres rurais, colaborando para distanciá-las de memórias subalternas, as quais se desdobram das culturas minoritárias, relegadas a posições marginais e de valor menor, em oposição à memória oficial (HALBWACHS, 2006 *apud* PINHEIRO; SCHWENGBER, 2020, p. 257).



⁸ Ver as obras: SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015; COSTA, Maria da Graça Silveira Gomes da. **Gênero, trabalho e saúde mental entre trabalhadoras rurais assentadas na região do Mato Grande Potiguar.** 2014. 169 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Sociedade e Qualidade de Vida) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014; NAVARINI E SÁ, Caroline. **A fome e a semente: sobre o rural em nós.** 2019. TCC (Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019; HERRERA, Karolyna Marin. **Da invisibilidade ao reconhecimento: mulheres rurais, trabalho produtivo, doméstico e de care.** Florianópolis: Política e Sociedade. 2016; SALES, Celecina de Maria Veras. **Mulheres rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos.** *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 2007.

Esse trabalho precisa ser compartilhado, pois, além de ser de uma beleza enorme, frisam Lorena Moraes, Shana Sieber e Juliana Funari, “[...] as mulheres rurais sempre defenderam o acesso aos meios de sustentabilidade da vida, que beneficia a todos, que garante a sobrevivência comunitária desde o campo e à cidade.” (MORAES; SIEBER; FUNARI, 2020, p.10). Nesse sentido, Silvia Federici (2019, p. 278) aponta que “[...] a terra é a base material para o trabalho de subsistência das mulheres, que por sua vez é a principal fonte de ‘segurança alimentar’ para milhões de pessoas no planeta”, o que pode ser confirmado pelos dados da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) que, se agricultoras tivessem o mesmo acesso a recursos produtivos que os homens, elas poderiam aumentar o rendimento de suas produções de 20% a 30%, retirando entre 100 e 150 milhões de pessoas da fome (ONU, 2018).

Silvia Federici (2019), no livro *O ponto zero da revolução*, traz a luta de várias mulheres pela agricultura de subsistência, no mundo, inclusive na América do Norte e Europa, pois, há pouco tempo, questões sobre a terra eram coisa de “Terceiro Mundo”; com efeito, na maioria dos casos, a autora menciona que a garantia de acesso à terra a mulheres agricultoras fortaleceria não só o combate à fome, mas também funcionaria na resistência ao capitalismo, porque, ao haver fácil acesso a alimentos saudáveis e livres de agrotóxico, a grande indústria de supermercados se veria forçada a reduzir os preços, visto que não seria a principal escolha na compra de alimentos.

O principal objetivo da agricultura de subsistência é a produção agrícola voltada para o autoconsumo da agricultora e sua família, ainda que, na maioria das vezes, os excedentes sejam vendidos, por isso está atrelada à agricultura familiar. Muitas mulheres possuem, em casa uma horta, a qual possibilita a elas, além da alimentação saudável, uma alternativa para não adquirir verduras, legumes e temperos com preços inacessíveis. Se toda mulher que tem o desejo de produzir tivesse um pedaço de terra, essa possibilidade de recusar os preços ofertados na indústria de supermercados seria maior – e não apenas delas, mas outras pessoas, que não possuem a oportunidade de produzir, se beneficiariam com preços menores.

Sem dúvida, “[...] para expandir a produção de alimentos, no entanto, as mulheres precisariam ampliar seu acesso à terra, o que é ameaçado pelas campanhas impulsionadas pelas agências internacionais para mercantilizar o uso do solo.” (FEDERICI, p.292). Mulheres rurais se constituem em parceria com a terra, elas não

usam o solo de maneira colonizadora, todavia, estabelecem relações de reciprocidade.

A fim de que as mulheres tenham acesso à terra ou para que se mantenham na terra que já possuem, elas precisam de recursos financeiros e de apoio da rede, para que o trabalho seja valorizado, pois, muitas vezes, a família tem um espaço onde ela poderia produzir, mas a ideia machista de que trabalho rural é para homem impede que se utilize o espaço para sua produção.

Por exemplo, projetos da EMATER frisam o protagonismo feminino no meio rural, possibilitam o aumento do debate sobre o trabalho da mulher rural no próprio ambiente, proporcionam o fortalecimento das produtoras, formando rede e facilitando o acesso a financiamentos, como destaca uma produtora de café pinhalãoense, Eielce Monteiro, em uma publicação feita pelo IDR – Paraná:

Participar deste grupo foi transformador. Agora tenho a certeza de que devo e posso seguir na produção de cafés, mesmo com tantos desafios enfrentados, principalmente, por ser mulher. O projeto trouxe para mim o autoconhecimento. Hoje sei que eu atuo melhor nos bastidores, mas também sei que os bastidores são tão importantes quanto o palco. (PARANÁ, 2022).

A invisibilidade do trabalho feminino rural dificulta o acesso a novas tecnologias e linhas de crédito rural, razão pela qual as mulheres não conseguem produzir o equivalente à sua capacidade produtora. As trabalhadoras rurais já provaram que, além de possuir uma capacidade de produção enorme, elas o fazem de maneira sustentável, zelando pelo meio ambiente, fazendo da prática rural uma atividade feminista.

O lema “sem feminismo não há agroecologia” vem sendo utilizado pelas mulheres camponesas com frequência:

O Feminismo e a Agroecologia fazem parte da construção de um mesmo projeto de transformação da sociedade que garanta a soberania dos povos sobre seus territórios e promova a produção e o consumo de alimentos saudáveis, a partir do uso e manejo sustentável dos agroecossistemas ao mesmo tempo em que reconheça o conhecimento, o trabalho e a contribuição econômica das mulheres para a sustentabilidade da vida e promova autonomia, igualdade, liberdade. (ARTICULAÇÃO NACIONAL DA AGROECOLOGIA, 2018).

A conexão entre feminismo e agroecologia se dá na intersecção das práticas coletivas de uma vida pautada em relações justas e



equilibradas entre as pessoas e o meio ambiente, por isso, é tão importante olhar para a prática agroecológica como feminista, pois se buscam novas formas de vida que sejam pautadas no respeito e na solidariedade para com todos os seres que vivem no planeta e, para isso, é necessário encarar uma luta contra o capitalismo, o patriarcado e o racismo, a fim de encerrar a exploração que acontece ao longo da história, em diversas formas e intensidade, porque somente com a resistência conseguiremos mudar o curso dessas práticas que foram impostas a nós.

A agroecologia não é apenas uma transição de modelo de produção, é também um enfrentamento das contradições de classes que colocam as mulheres como inferiores, é um combate ao racismo e um caminho para reconectar o campo e a cidade, de sorte a construir um mundo possível. Um mundo no qual as futuras gerações rurais desejem permanecer em suas terras, porque haverá perspectivas e possibilidades de crescimento aos jovens, principalmente para as mulheres.

Para que a agroecologia e a agricultura familiar aconteçam, as práticas precisam ir além do papel de denominação desses modos de produção:

Para ser verdadeira a agricultura familiar, é preciso ir além de fazer o cultivo em família, é preciso respeitar a natureza e todos os participantes desse modo de produção; isso significa que de nada adianta denominar-se agricultura familiar, no papel, e não dar a devida visibilidade e participação nos lucros à mulher e aos filhos. (BIANCHINI; GALINDO, 2021, p. 68).

O reconhecimento intrafamiliar acerca do trabalho da mulher e dos filhos é tão crucial quanto o reconhecimento da sociedade, pois, assim, a ancestralidade compartilhada, a cultura e a paixão pela terra terão a possibilidade de serem passadas adiante, porque, por mais que as moças amem a terra e desejem ficar, muitas se veem obrigadas a mudar para o meio urbano, para conseguirem conquistar a liberdade financeira e sair da situação de subordinação.

O trabalho no mundo rural requer uma afetividade e uma atenção ao ambiente, pois o ato de preparar a terra, adubar, plantar, cuidar para crescer, colher os frutos, respeitando o tempo dos animais e das plantas, faz crescer um amor um respeito que precisam de políticas públicas efetivas, para que as pessoas permaneçam na roça.

Sofia é a quarta neta de minha vó Elisabeth, filha de Tio Leandro e tia Valdirene, uma menina de sete anos que ama a lida na roça, na escola; quando perguntam sobre onde ela mora, fala com gosto “Sofia da Campina” (Campina é o bairro rural onde mora); no período em que



todos de sua casa estavam com covid, ela continuou se levantando cedo para ir tratar das galinhas. Gosta de perambular atrás de meu tio, nos afazeres da roça, do trato dos animais, da colheita de café, de andar de trator – tudo é feito de acordo com sua vontade, disponibilidade e tempo, percebendo-se um desejo de cuidar da terra.

Mesmo sendo apaixonada pelas tarefas da terra, se não houver possibilidade para que continue realizando, haverá chances de um dia ela se afastar ou viver no desgaste emocional e psicológico de sempre ter de se defender das tentativas de afastamento das mulheres da terra. Escrever sobre o trabalho feminino não é apenas para visibilizar o trabalho das mulheres que se foram, porém, que protagonizaram grandes feitos na terra, e das que hoje suam debaixo do sol, a fim de fornecer comida de qualidade, mas, sobretudo, para que as Sofias da vida encontrem um meio de crescer no desejo de viver da terra, de poder trabalhar e serem reconhecidas por seus talentos, sem que seus saberes não sejam diminuídos pelo construídos na academia.

As mulheres da terra são formadas em uma relação íntima com a natureza e também em seus pontos de intersecção; assim como a terra faz nascer coisas novas e disponibiliza o alimento, que é nosso sustento, o corpo feminino dá à luz a raça humana e, por meses, provê o leite que nos sustenta. Mulheres e terra possuem coisas em comum e, por isso, cuidam uma da outra. A interferência do capitalismo na sociedade fez com que muitas mulheres perdessem seus rituais com as coisas da natureza; um caso que era comum entre as mulheres, principalmente as rurais, era enterrar suas contas do ciclo menstrual na terra, o que fazia parte do ritual para se tornar mulher.



Figura 22 – Sofia e o café



Fonte: Acervo da autora.

Figura 23 – Sofia e o pé de café da sua altura



Fonte: Acervo da autora.

04 de junho de 2021

Sofia

Hoje, tio Leandro compartilhou essas fotos comigo. Acho lindo o interesse que Sofia tem pela roça: desde que aprendeu a andar, ela se levanta cedo, vai para fora tratar das galinhas, e, agora que já é maiorzinha, se levanta junto com o tio (quando não o acorda) e vai tratar das galinhas, chama as vacas, coloca o alimento, toca para mudar de pasto, e agora está colhendo café. Ela gosta de cuidar do sítio e tem jeito para isso, e o mais bonito, o Tio Leandro a incentiva, fala que ela vai ser fazendeira, ensina... eu não tive essa oportunidade, tive que ir embora estudar, teve muita coisa a mudar na nossa família, para eu começar a ser ouvida sobre a plantação. Mas ainda encontro dificuldades ou ouço frases: "Ah, ela ajuda a carregar umas caixas, demora um tempão para subir." Mesmo diante de tudo o que consegui ampliar, modernizar e organizar, na chácara, não recebo reconhecimento em casa, porém, no meio externo, recebo muitos elogios, a ponto de hoje em dia o tio Leandro perguntar a minha opinião na hora de plantar, armazenar, investir. Não só ele, mas meus outros tios também.

Figura 24 – Vó Beth



Fonte: Acervo da autora.

30 de julho de 2020

Vó Beth

André compartilhou essa foto comigo hoje, ele está colhendo o café do Tio Crô, que fica ao lado da casa de você Beth. Ela, que ama uma colheita de café, foi lá com a desculpa de ajudá-lo a terminar mais rápido.

Vó Beth sempre amou colher café, mas em decorrência de três pneumonias, agora os filhos não permitem que ela passe muito tempo na colheita, pois em Pinhalão-PR, a temporada de colheita do café é feita no inverno, quando, além do frio, tem muito orvalho no período da manhã.

Mas pense em uma mulher persistente: quando vemos, já está lá na plantação colhendo. Por isso, como estratégia, os tios deixaram ela e tio Sirlei como responsáveis de mexer o café no terreirão e como isso é feito de meia e meia hora, vai segurar ela na casa.

Compreendo ela insistir em colher café, porque, mesmo sendo uma atividade que desgasta bastante o corpo, é prazeroso puxar o galho cheio de grãos vermelhinhos, conversar com o povo que colhe no pano ao lado, ver as paisagens bonitas e, também, tem o retorno financeiro.

Ver minha vó no meio dos pés de café é uma forma de celebrar sua vida, porque teve a graça de participar de mais uma temporada de colheita, e isso acalma nossos corações, que presenciaram cada pneumonia: não sabemos quando será sua última e torcemos para que demore muito para acontecer.

3.1 Trabalho das mulheres rurais na pandemia

Figura 25 – Colheita de alface roxa



Fonte: Acervo da autora.

26 de julho de 2020

Hoje, eu e Allan retornamos a Pinhalão; o pai precisa de ajuda na horta, a demanda de serviço aumentou. Com os Seasas fechados, os pequenos produtores estão abastecendo as prateleiras dos mercados.

Sem contar que meu pai não conseguiu o auxílio emergencial, pois o governo entendeu que os agricultores não precisam receber, porque não paramos de trabalhar. Todavia, não são todos os trabalhadores que tiveram esse aumento de demanda, pois alguns entregavam apenas nos contratos do PNAE, na alimentação escolar; muitas dessas produtoras não tinham camionete para transportar as verduras, o caminhão da Cooperativa é que ia buscar, porém, sem as aulas, as entregas pararam e a renda diminuiu. Nesse período, ainda temos as colheitas de café, as quais geram uma grande parte da renda das produtoras: veremos como será no final de ano.

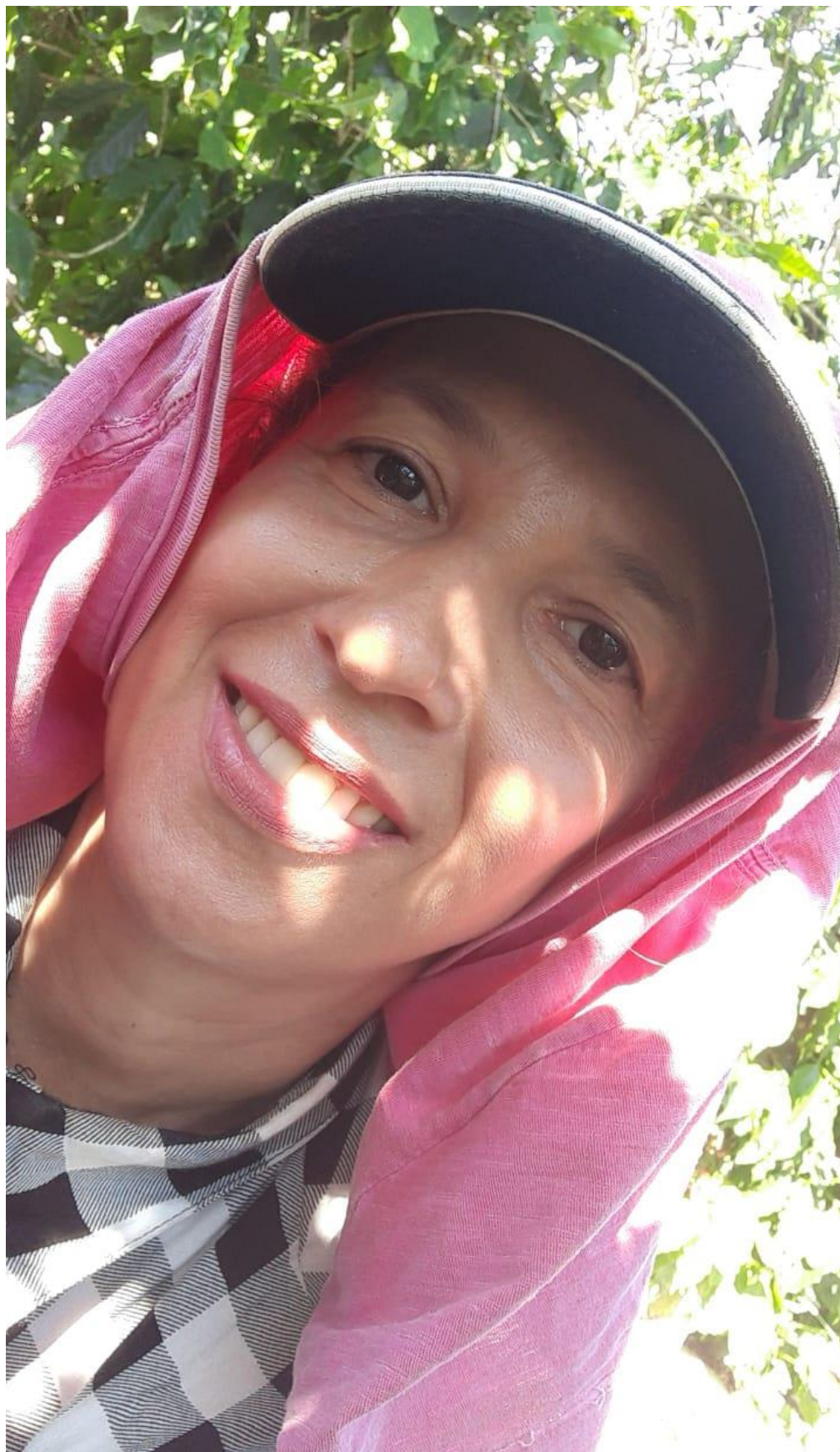
23 de abril de 2021

Sei que o propósito é aparecer aqui todos os dias, entretanto, o trabalho na roça me cansa bastante, fisicamente, tem dias que chego e nem lembro de escrever nada, só quero descansar.

Tenho pensado muito sobre isso, sobre como a academia se torna irreal, para quem precisa trabalhar no campo todos os dias. Eu retornei para o campo, quando já tinha conseguido ingressar no Mestrado, mas será que teria chegado aqui, se não tivesse ido embora?

A rotina é exaustiva, não só pelo esforço físico, mas porque não tenho cooperação em casa. As atividades domésticas ficam tudo para mim e, quando falo que deveria ser de todos, escuto: "Ih, tá estressada e já veio descontar em mim..." Eu "bato de frente" com esse machismo, porém, é exaustivo! Sinto saudade de morar só, minha companhia me bastava e o processo criativo era fluido.

Figura 26 – Mamãe Gionéia



Fonte: Acervo da autora

30 de abril de 2020

Hoje, mamãe compartilhou essa foto comigo; ela está de férias na escola onde trabalha e, então, aproveitou para ir à colheita de café. Essa foto me fez lembrar da minha infância, porque minha mãe é professora e sempre, nas suas férias, ia para o sítio, a fim de contribuir na colheita junto com meu pai.

Quando era mais nova, eu me recordo de ficar na casa da minha vó, quando eles colhiam o café, mas, depois que a temperatura subia um pouco, ia até onde eles estavam para brincar entre os pés de café. Minha mãe pegava minha blusa e transformava ela em uma boneca de pano – e isso parecia mágica para mim.

Isso se repetiu por inúmeros anos: meus irmãos nasceram, passaram a brincar comigo entre os pés de café, depois eu passei a ajudar minha mãe na colheita, até que ela passou em seu segundo concurso e deixou de colher café nas férias, eu continuei colhendo sozinha até entrar na faculdade e mudar de cidade.

Porém, este ano, com a pandemia acontecendo e sem medidas de proteção que visem à coletividade dos mundos rurais, muitas famílias não estão oferecendo colheita para as pessoas de fora da família, a fim de evitar o contágio. Então, eu e mamãe, agora em diferentes plantações de café, estaremos revivendo a prática de estar de férias da escola (no meu caso, Mestrado) e ir colher café.

A chegada da pandemia trouxe dois aspectos desafiadores para as mulheres, no mundo rural. O primeiro é que o consumo de alimentos saudáveis passou a ter mais procura, devido à importância do aumento da imunidade para o combate ao coronavírus, o que fez crescer a demanda do trabalho rural. Segundo, amplificou o trabalho da mulher, nesse meio, uma vez que as mulheres solteiras ou que não têm filhos passaram a trabalhar mais, para atender à demanda, sobrecarregando-se com o serviço doméstico, além de ficarem mais tempo em casa cuidando dos seus. Ademais, aquelas que possuem filhos ou dependentes tiveram que assumir a responsabilidade de acompanhar as tarefas escolares.

As famílias que tinham uma certa reserva financeira precisaram comprar computador, tablet ou celular para que os filhos tivessem acesso



às atividades on-line que as escolas mandavam e, conseqüentemente, colocar internet em suas casas.

Entretanto, a conexão com a internet somou outro fator que dificultou o acesso à educação, na pandemia, porque muitas dessas crianças nunca tiveram contato com computadores e nem seus pais, e, por outro lado, muitas famílias moram em lugares onde o sinal de internet não chega, seja pela localização, seja porque os provedores na cidade ainda possuem tecnologias atrasadas.

Mulheres que não puderam ir à escola ou que não concluíram o ensino se viram na missão de serem, além de todos os cargos que já ocupam em casa, professoras de seus filhos ou dependentes. Como ensinar aquilo que não se sabe? Como ensinar, se não sabe ler? A falta de oportunidade em aprender a ler e escrever constitui um dos aspectos causadores de sofrimento para algumas mulheres, no mundo rural.

Várias crianças ou jovens do mundo rural ficaram sem participar das atividades enviadas pelos seus professores, pois, além de não terem internet em casa, muitos moravam longe demais para buscarem as atividades, fator que mostra quanto o governo federal, estadual e municipal se mostram incapazes de gerir uma educação inclusiva; esta, que já estava sendo sucateada, decaiu mais, durante a pandemia. A necessidade do governo em manter as aparências sobre um ensino tecnológico e inclusivo falhou miseravelmente; professores, hoje, com o retorno das aulas, se veem em turmas cuja metade pode acompanhar as aulas on-line, o que não significa que eles aprenderam, enquanto a outra metade não conseguiu acessar nem a primeira atividade do ano.

No Paraná, houve a proposta de doação de cestas básicas, nas escolas, de modo que os alimentos recebidos para merenda escolar foram destinados às famílias dos alunos. No entanto, utilizando-se Pinhalão/Paraná como caso, essas doações não foram feitas de maneira estratégica, já que as pessoas precisavam vir até a cidade para buscar, com a justificativa de que a cesta servisse de incentivo para os pais buscarem as atividades dos alunos, mas as cestas eram pesadas e muitas pessoas moram longe da cidade, o que se tornava inviável.

O estudo “Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia”, elaborado pela SOF - SempreViva Organização Feminista (2020), em parceria com a organização Gênero e Número, traz dados sobre o trabalho rural e urbano. Sobre a vida financeira das mulheres, o resultado foi em igual proporção (44%) para as mulheres que não



puderam ficar em casa em isolamento, cuja renda não diminuiu, e aquelas que estão em casa isoladas, porém, com a renda prejudicada. Um fator que contribuiu para que o resultado da pesquisa não tivesse maiores dados sobre as mulheres rurais é que ela foi feita *on-line* e muitos lugares não possuem acesso a rede, seja pela dificuldade de renda ou pela indisponibilidade sinal da rede no local.

As mulheres que estavam vinculadas a cooperativas ou movimentos sociais puderam estabelecer rede, assim, ampliaram a geração de renda, devido à demanda aumentada. Entretanto, a maioria das mulheres rurais que participaram da pesquisa, possuíam empregos informais na cidade, os quais foram reduzidos em função, igualmente, da queda de renda das pessoas urbanas, além daquelas que tiveram que se ausentar do trabalho porque dependiam do transporte escolar para ter acesso à cidade e também por conta de os filhos estarem em casa, em período integral, visto que não podem mais brincar com os vizinhos ou primos.

Na pergunta “A pandemia do coronavírus e a situação do isolamento social colocaram a sustentação de sua casa em risco?”, 57% das participantes do mundo rural responderam que sim, pois, mesmo aquelas que continuaram trabalhando e para quem não houve uma redução brusca da renda, o custo da manutenção da casa cresceu; com os filhos em casa o dia todo, o consumo de energia e de alimentação aumentou, sem contar que o valor dos alimentos nas cidades pequenas sofreu um aumento considerável, pois, além de o produto sair mais caro da fábrica, ainda se tem o custo de transporte, que refletiu no valor final nos mercados (SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA, 2020, p. 26).

Mirian Nobre (2020), sobre os resultados da pesquisa da SOF, relata que as mulheres urbanas, quando questionadas sobre as dificuldades observadas na prevenção contra a Covid, ressaltaram não ter acesso regular à água com maior facilidade, em função das falhas de abastecimento nas grandes cidades, bem como das estiagens; já as mulheres rurais contam com cisternas, poços artesianos, minas de água e riachos. A maior dificuldade apontada pelas mulheres rurais foi o acesso à informação, o que pode ser ocasionado, como já mencionado, pela dificuldade de chegar a rede em determinados sítios, tanto a rede tecnológica, quanto a rede de serviços de saúde e assistência. Contudo, enquanto trabalhadora do mundo rural, observamos que informações específicas ao mundo rural não foram passadas, porque, mesmo a pandemia chegando ao Brasil e à nossa região, junto com as colheitas de café e morango, não se ouviu



falar em estratégias otimizadas e diretivas às produtoras, pois a forma de trabalho no mundo rural é coletiva e as estratégias de prevenção são individuais.

Como a demanda de serviço no meio urbano aumentou, as agentes de saúde focaram seus trabalhos na cidade e as famílias rurais ficaram por alguns meses sem visita de nenhuma delas, porque o maior meio de comunicação entre a saúde e o mundo rural é através das agentes de saúde. Restaram as redes sociais e, na maioria das vezes, o *whatsapp*, como maior ferramenta de comunicação e atualização sobre as notícias da cidade.

A pandemia também trouxe o aumento da demanda de cuidado, tanto das crianças quanto de pessoas idosas, sobrecarregando ainda mais o sistema. Ora, de acordo com a pesquisa, “[...] no período de isolamento social, 50% das mulheres passaram a apoiar ou se responsabilizar pelo cuidado de outra pessoa [...] e dessas mulheres, 62% são do mundo rural.” (SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA, 2020, p. 32). Isso gerou uma sobrecarga de trabalho doméstico, pois, com mais pessoas em casa, mais se precisava cozinhar e, conseqüentemente, lavar a louça, limpar a casa etc.

Outro dado alarmante se refere à violência doméstica, no mundo rural; das participantes da pesquisa, 91,2% das mulheres acreditam que cresceram as situações de violência, entretanto, questionadas sobre suas experiências pessoais, apenas 8,4% afirmaram ter sofrido algum tipo de violência, percentual maior entre as mulheres nas faixas de renda mais baixa (12,7%) e também maior entre as mulheres rurais (11,7%). Logo, “[...] compreender a disparidade entre percepções reais das mulheres e seus relatos sobre suas experiências, exige compreender e dar visibilidade a uma dinâmica complexa de formas de violências que se reproduzem nas relações cotidianas e íntimas.” (SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA, 2020, p. 42).



3.2 Duas gerações

Figura 27 – Preparando a terra para plantio



Fonte: Acervo da autora.

29 de julho de 2020

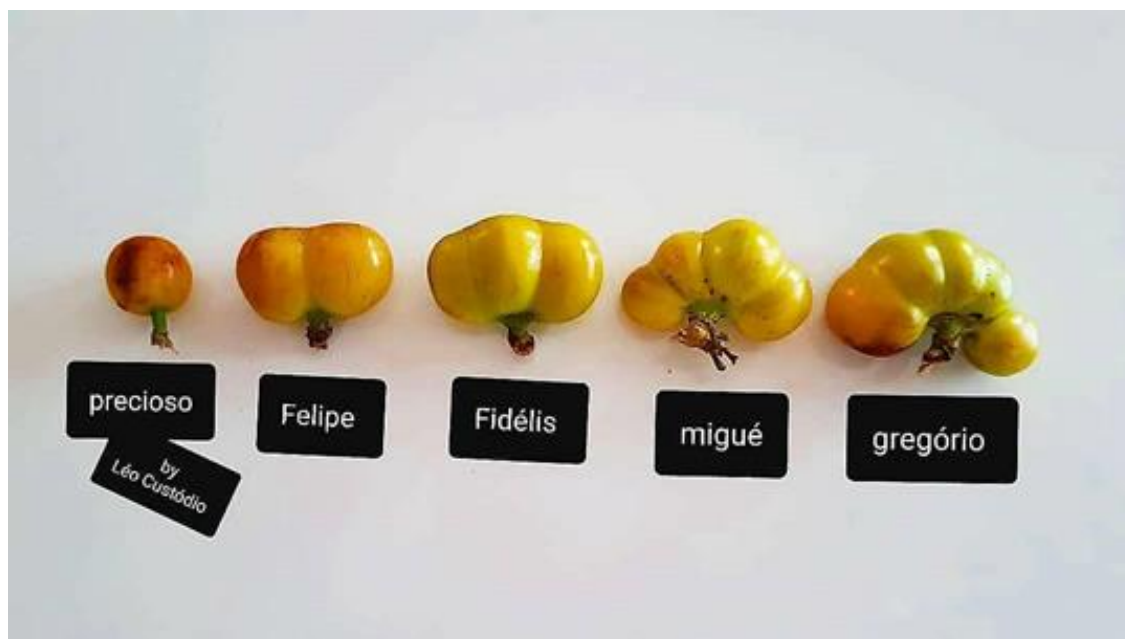
Duas gerações

De um lado, meu pai limpando e mexendo o canteiro do jeito que ele começou a horta; de outro, meu irmão fazendo o mesmo serviço com o batedor, que carinhosamente chamamos de "Búfalo". Duas gerações, dois instrumentos de trabalho.

Um trabalho que está sendo passado para a geração seguinte, mas que conta com as facilidades e a cultura de cada um.

Meu pai comprou o batedor três anos atrás, contudo, não usava, porque não tinha se adaptado – ele diz que na enxada vai mais rápido. Meu irmão retornou comigo de Ourinhos e não quis saber de enxada, mas do Búfalo, sim! Limpa os canteiros com uma rapidez, com facilidade. Allan gosta do sítio, da terra e da tecnologia, se dá bem com ela! Chegou modernizando e ampliando o negócio!

Figura 28 – À procura do Felipe



Fonte: Foto retirada do *Instagram*

30 de junho de 2020

Todo dia, depois do café da manhã, costumo olhar minhas redes sociais, passo um tempo desfrutando das novidades que minha família e amigos postaram, ainda mais agora, que estamos isolados, cada um em sua casa.

Nesta manhã, aconteceu algo diferente: fui capturada por uma imagem de um desses perfis comerciais que sigo, a qual me levou até minha infância. Uma imagem que só é possível entender, se você já se aventurou no meio dos pés de café, na colheita em tempos frios de inverno, atrás do tão requisitado Felipe. Não, não é uma pessoa! É um grão de café onde um fruto sai grudado no outro, como se fossem gêmeos siameses. É difícil encontrá-lo na colheita, às vezes, é necessário “varar” várias ruas, até que somos agraciados com sua aparição. Mas, por que tão especial? Por que essa imagem me levou à infância?

Em minha família, temos tradição de que, quando alguém encontrar esse tal de Felipe, significa que a pessoa terá sorte, então, era um reboliço todo, porque todos queriam guardá-lo. Ganhar um Felipe de alguém era um gesto de afeto muito grande!

Ao ver essa imagem, senti vontade de compartilhá-la nos stories e contar o que significava para minha família; logo depois, recebi mensagem de duas mulheres,

explicando sobre como era para elas essa experiência. A primeira foi de minha prima e comadre Mayara, a qual, durante a infância, participou das mesmas colheitas que eu. Ela disse que procurava o Felipe para guardá-lo e ganhar a sorte. Uma amiga da faculdade, Adriana, mineirinha que tive a graça de conhecer, compartilhou comigo que, em sua família, a história era diferente: a criançada vivia atrás do Felipe, nas colheitas de café, porque, quando o encontravam, eles o pegavam e pediam para um parente mais velho “pagar o seu Felipe” – e a pessoa escolhida era obrigada a continuar a brincadeira: quanto mais grãos grudados, mais caro era o presente.

Que nostalgia uma imagem me proporcionou! Como diria Deleuze, é preciso estar à espreita para perceber as coisas que nos passam. E quantas coisas só passam, não é?

27 de março de 2021

Lendo o artigo "A psicologia na área rural: os assentamentos da Reforma Agrária e as mulheres assentadas", de Gislayne Vasquez, encontrei uma fala segundo a qual um dos motivos da falta de recursos financeiros do Assentamento era o fato de não haver equipamentos sociais e de lazer, no campo. Comecei a refletir sobre isso, lembrando as academias ao ar livre que há aqui, no espaço urbano: três na cidade e uma no distrito; a última a ser inaugurada fica no meu bairro, onde sempre vejo um senhor que mora em um sítio próximo fazendo exercícios.

Lembrei também que, em cada bairro rural, existe um campo de futebol (é tradição a competição entre os bairros), entretanto, não há nenhuma academia ao ar livre, nos bairros rurais, mesmo havendo um interesse, visto que algumas idosas saem lá no sítio a pé para participarem do Grupo da Melhor Idade, no qual têm acesso à academia. Minha vó Beth e sua irmã, tia Zélia, começaram uma vez, mas desistiram por conta da distância.

Os campos são fundamentais para a prática de esportes entre os homens que moram nessa área, todavia, não há atividades voltadas para as mulheres, crianças, idosas e idosos. Seria um bom projeto para a melhoria de qualidade de vida da população, como também seria um fator importante para quebrar o estigma de que a área rural é apenas para trabalho.

Em quase todos os bairros, a capela e seus barracões de festa, o principal ponto de encontro entre os moradores, estão próximas aos campos de futebol; na realidade, seria oportuno colocar nesses espaços as academias ou então criar projetos de atividade física com algum profissional.

O problema é a centralização, nos centros urbanos, de todos os serviços que podem melhorar a qualidade de vida dos moradores rurais, o que cria essa imagem de dependência do rural em relação ao urbano.

No Estatuto dos Servidores Públicos do Paraná (1970), o Artigo 279 coloca como um dos deveres do funcionário a “urbanidade”, dever também presente no Estatuto dos Servidores Públicos de São Paulo (1968), em seu Artigo 241 onde está escrito “[...] tratar com urbanidade as pessoas.” Urbanidade significa “civildade” (URBANIDADE, 2021), ou seja, o dever de tratar a todos com respeito.

Considerar urbanidade como um dever de civildade é situar a ruralidade no sentido oposto, definindo as pessoas rurais como incapazes de manter a ordem social e o respeito pelo próximo. O estigma de pessoas sem cultura, atrasadas ou desinformadas, é compartilhado com frequência e carrega anos de desrespeito sobre o rural. Cidades rurais são definidas como pacatas e sem graça, por não possuírem a rotina adoecida dos grandes centros.

Temos, de um lado, a emigração das pessoas, principalmente, jovens, para as grandes cidades, com o objetivo de estudar ou conseguir empregos melhores; do outro, as pessoas que buscam nas cidades rurais, em suas férias ou na aposentadoria, a tranquilidade para poder descansar da rotina desgastante.

A cultura, os modos de vida coletivos e a ancestralidade que tanto atormentam o capitalismo, nas cidades grandes, estão presentes no espaço rural. Quanto mais a individualidade é internalizada, melhores as condições para que o capitalismo se apodere das pessoas. Obviamente, engana-se quem pensa que a agricultura está longe do capitalismo; ao contrário, o agronegócio tem trazido essa tormenta aos sítios, como denuncia Mirian Nobre (2021, s/p):

Um contexto de grande pressão para que se subordinem à lógica capitalista – ou seja, forneçam alimentos a baixo preço e força de trabalho a baixíssimo custo às grandes empresas agrícolas ou à construção civil ou entreguem suas terras a capitalistas para a monocultura ou como reserva de valor.

O agronegócio precisa criar um contexto de desvalorização da agricultura familiar e do mundo rural, para que consiga “quebrar” os pequenos produtores que permanecem em suas terras e que são o maior ato de resistência ao avanço do agronegócio que adoece o planeta. As músicas sertanejas universitárias, a mídia e o próprio governo criam uma imagem de supervalorização da monocultura, mas nós não comemos somente soja, milho e carne bovina.



É a agricultora familiar que disponibiliza uma alimentação diversificada para os brasileiros e, em sua maioria, as mulheres fornecem uma alimentação orgânica e produzida nos princípios agroecológicos. Não podemos ser ingênuos em tomar todos os pequenos produtores como protetores da natureza e fornecedores de alimentos sem agrotóxico, o que pode ser reflexo da invasão do capitalismo, no trabalho rural, com a ideia de desperdício e produção rápida, contudo, em sua maioria, os produtores embasados na agricultura familiar e na agroecologia disponibilizam um alimento de qualidade na mesa das pessoas.

20 de março de 2021

Hoje a colheita foi feita em outra horta; fiquei admirando a chácara do Fulano (nome fictício) e pensando em como quero a minha. Logo em seguida, veio-me uma coisa em meus pensamentos: dá para ter uma chácara dessas, sendo pequena produtora rural familiar? Eu me recordei também de uma conversa que tive com meus tios, um dia de 2020, e que ressoa em minha mente até agora. Um deles dizia assim: “Gente, não dá para viver tranquilo, ter a chácara dos sonhos, se sua renda depender só disso aqui, podem ver, as chácaras mais bonitas daqui são de pessoas que têm um emprego fixo ou que já são aposentadas, mas bem aposentadas, plantam como renda complementar ou só por hobby; se ele tiver perda, não vai faltar comida na mesa, porque ele já ganhou o salário dele... Agora, olha a gente aí, reza para o clima colaborar, porque senão tem que fazer igual eu, trabalhar lá na pedra (calçamento da cidade), para poder ajudar nas contas, não vejo a hora de ter meu morango de volta e sair de lá”.

Fulano é dono de uma fábrica em uma cidade longe daqui, veio para cá se isolar da pandemia e decidiu investir em horta; plantou um alqueire de horta – é muita coisa, no começo iria fornecer só para nós revendermos, já que nossa horta não está dando conta da demanda, em troca, nós ensinaremos os funcionários dele a trabalhar com verduras, porque ele não entende disso, ok, acordo firmado.

Esta semana descobrimos que ele está oferecendo para nossos clientes com preço menor; isso nos chateou, porque nossa renda mensal depende da horta, ele não precisa disso! Até quando os mais ricos tomarão nossos lugares de trabalho? No meio rural, isso acontece com muita frequência, mas nós ainda temos a graça de ter uma carta na manga: nós temos o saber sobre o plantio, ele e os funcionários não, então

paramos de transmitir o que meu pai aprendeu, nesses quase 11 anos de horta: nosso conhecimento, nossas estratégias serão só da nossa família!

Por isso, a luta pela terra deve ser uma luta de todas, todos e todes, porque, se quisermos comer com qualidade, se quisermos ter uma perspectiva de vida boa e que os nossos filhos tenham uma boa alimentação, é preciso lutar pela terra. O produto que o agronegócio distribui, no Brasil, são os restos que sobram de suas exportações. Leonilde Medeiros (2003) e Sérgio Sauer (2016) “Desde os primórdios de nossa história como nação, nossa constituição como país se deu a partir de uma violenta luta pela terra, na qual os ocupantes originários foram expropriados expulsos de suas terras ou exterminados.” (*apud* FIGUEIREDO *et al.*, 2021, p. 129). Por conseguinte, a desigualdade na distribuição de terras, que acompanha a história brasileira, criou uma série de conflitos agrários que culminam em diversas violências no campo, as quais podem ser explícitas, como nas grilagens de terras, quanto de maneira “silenciosa”, na pressão diária ao camponês, plantando cada vez mais perto de sua casa e de seus riachos, poluindo o ambiente com perturbações sonoras das máquinas e da poeira que levantam, secando as nascentes e poluindo o ar, devido ao uso intensivo de agrotóxicos; ora, para preservar a qualidade de vida dos seus, das plantas e dos animais, a agricultora acaba cedendo.

Percebemos um movimento de urbanização que tenta dominar os mundos rurais ou comprar as terras dos pequenos produtores, os quais resistem pela cultura e pela autonomia. De acordo com Silvia Federici (2017), no sistema feudal, o acordo possibilitava que os servos tivessem uma certa autonomia sobre sua reprodução, o que fornecia recursos no enfrentamento dos senhores, pois não era mais fácil forçá-los a obedecer pela fome, já que produziam seus alimentos. Podemos refletir sobre a fome no mundo, hoje, e como isso coloca poder em determinadas nações e também como se mostra importante, para os grandes donos de terra, insistirem na expulsão dos pequenos produtores, porque, quanto menos terras tiverem, mais fácil será controlá-los pela fome ou o medo dela. Salienta Elaine Azevedo, (2021, p. 2):



A agricultura familiar orgânica permite que o agricultor permaneça com dignidade no campo, nas florestas, nos mares, e não tenha que fugir para as franjas das cidades – o que acaba interferindo também no conceito de saúde social do meio urbano, que por sua vez está diretamente relacionado com inchaço das cidades, o desemprego, a insegurança e o estresse.

A luta pela terra não é somente pela redistribuição, para que todos tenham acesso ou que agronegócio não avance mais, porém, também visa à permanência das pessoas em sua terra, não só para que não se sintam pressionadas pelo agronegócio, mas para que os jovens desejem permanecer em seu território, como ressaltam Karla Ferreira e Zulmira Bomfim:

Acontece que por falta de políticas públicas adequadas para a valorização do campo e melhoria das condições de vida, a solução mais buscada durante muito tempo foi a emigração para os grandes centros urbanos, o que nem sempre trazia aos emigrantes uma boa condição de vida. (FERREIRA; BOMFIM, 2013, p. 90).

A maior parte dos governantes, quando questionados a respeito do que fazem para promover o bem-estar rural, respondem que arrumaram as estradas, construíram pontes, fizeram represas ou araram terras, todavia, isso não é promover bem-estar, são apenas serviços de infraestrutura. Mesmo que muitos no mundo rural tenham carros ou motos hoje em dia, outros tantos andam a pé, a cavalo ou em charretes, pois isso faz parte da cultura local, porém, quando necessitam sair à noite, se não for lua cheia, precisam se localizar na escuridão. Não se defende urbanizar o mundo rural, mas possibilitar as condições básicas de vida que garantem o direito de ir e vir das pessoas, com segurança.

No meio urbano encontramos vários projetos sociais, oficinas de artesanato, atividades físicas, bibliotecas, palestras, entretanto, as pessoas rurais não participam, não porque não querem, mas muitas vezes pela dificuldade de locomoção, conforme ressaltam Lorena Moraes, Shana Sieber e Juliana Funari (2020, p. 14):

A mobilidade se constitui em um fenômeno de crescente relevância demográfica, econômica, psicológica, social e política, logo, este nicho de investigação deve considerar as diferentes formas de habitar e ocupar o espaço, assegurando o entrelaçamento com as categorias de desigualdade social e poder, a fim de destacar as situações de vulnerabilidade e processos de exclusão sofridos pelas pessoas.

As estradas de difícil acesso, a falta de transporte público e de ações desenvolvidas no próprio ambiente rural produzem uma exclusão das pessoas e a desigualdade, além de se caracterizar ainda como uma forma de violência à população rural por não desfrutar de serviços de transporte seguros, de acesso à saúde básica, de maneira rápida e



eficiente, sem contar a dificuldade de participar do processo de ensino/aprendizagem, quando as crianças se veem obrigadas a acordar às cinco horas para ir à escola, pois o município não oferece o transporte no período da tarde.

Trago as dificuldades encontradas no cotidiano rural, não com o intuito de promover sentimento de pena ou reafirmar que a vida urbana é melhor, contudo, para denunciar as mazelas que atravessam o dia a dia das pessoas rurais e também promover pensamentos reflexivos das Ciências Sociais, que não atentam para as violências que foram internalizadas no discurso de que “o mundo rural é precário mesmo” ou na normalização da dificuldade das pessoas de terem de andar quilômetros para ter acesso aos serviços que são centralizados no meio urbano.

Adoto os causos de Pinhalão, mais uma vez. Durante a vacinação de Covid, várias pessoas do mundo rural saíam de suas casas de manhã para se vacinar e, quando chegavam à cidade, já haviam acabado as doses diárias; muitas dessas pessoas iam a pé ou pagavam táxis, sem contar a aglomeração que se promovia, por forçar as pessoas que estavam em suas casas, evitando vir para o meio urbano, se direcionarem para a cidade. Pensando não só no bem-estar das pessoas rurais, na maioria idosos, porém, igualmente pelo aspecto logístico, era bem mais vantajoso que os responsáveis pelas vacinas fossem até a casa dessas pessoas. Alguns desses idosos contraíram Covid quando tiveram que se locomover para a cidade para vacinação, não que o contágio tenha acontecido exatamente ali na fila, mas porque essas pessoas, aproveitando que estavam na cidade, permaneceram por ali para resolver outros assuntos ou porque o distanciamento social tem causado tristeza e solidão nas pessoas idosas que moram nos sítios, conforme enfatizam Moraes, Sieber e Funari (2020, p. 13):

O modo de vida da população rural que é caracterizada por famílias extensas, estreitos laços de afetividade e solidariedade e relações de reciprocidade. Tais valores que orientam o modo de vida no mundo rural intensificam a dificuldade e o estranhamento ao distanciamento social, uma vez que várias esferas da vida se reproduzem no âmbito da vida coletiva e, a respeito das formas de lazer, não se faz diferente.

Os modos de vida rural diferem muito daqueles vividos nas grandes cidades. Em cidades pequenas, consideradas rurais ou não, as quais possuem estilos de vida rural, não se distinguem tanto, pois



estão intrinsecamente ligadas e as pessoas que nunca moraram no campo costumam visitá-lo com frequência, onde os familiares ainda residem.

Diferentemente da ideologia de exploração presente nas cidades, onde o capitalismo se faz mais forte, as relações permeadas pela ruralidade estão na ordem da agroecologia dos afetos entre os seus, com a natureza, animais, águas e ar. O coletivo se faz no afeto, na troca, na ancestralidade, aspectos que são notados com muita clareza durante as colheitas ou quando alguma família está com dificuldade, momento no qual todos se ajudam no que podem, como fala Antônio Candido:

As várias atividades da lavoura e da indústria doméstica constituem oportunidades de mutirão, que solucionava o problema da mão de obra nos grupos de vizinhança (por vezes entre fazendeiros), suprimindo as limitações da atividade individual ou familiar. E o aspecto festivo, de que se reveste, constitui um dos pontos importantes da vida cultural caipira. (CANDIDO, 2010, p. 81).

Quando algo acontece na comunidade rural, as pessoas se mobilizam para ajudar, seja levando alguma coisa que produziram, seja na limpeza ou no cuidado das crianças; ademais, se alguém adoece ou se machuca, os mutirões são formados para concluir a tarefa da comadre ou do compadre, que, no final, retribuem com refeições. A festividade é sempre presente no mundo rural, mesmo fora dos mutirões, porque, quando a dona da plantação paga as pessoas para participarem da colheita, ela fornece um momento de lazer com o grupo, quando agradece a colheita e o trabalho das pessoas.

O mundo rural só é ultrapassado aos olhos de quem vê de longe, pois aqueles que compartilham das experiências rurais ou que possuem uma boa relação com a comida saudável sabem que, no campo, as formas de vida não são determinadas por relações fúteis, mas por afetos interespécies.



CAPÍTULO 4 – CÃES DE PASSAGEM

Figura 29 – Aparecido: primeiro cão de passagem em nossa chácara, neste ano de 2020



Fonte: Acervo da autora.

25 de novembro de 2020

Quando cheguei ao sítio hoje, eu me deparei com esse cachorro. Ele é bem mansinho e brincalhão. Allan me contou que já havia dois dias que ele vinha para a horta, quando ouvia o barulho da camionete. Ele está dormindo na casa do nosso vizinho, mas acreditamos não ser dele, pois nunca vimos esse cachorro lá.

Como não tínhamos ração canina e nem comida, demos a ele um pouco de ração dos porcos; estava faminto, pois comeu tudo. Estamos chamando-o de Aparecido e, se ele não for embora, vamos adotá-lo.

30 de novembro de 2020

Faz cinco dias que estamos levando ração canina para Aparecido, mas hoje ele não apareceu na horta, pelo menos até a hora em que viemos para as entregas. Estamos achando que foi embora, porque passamos olhando na casa do vizinho e não estava lá.

Figura 30 – Risonho: segundo cão de passagem que visitou nossa chácara



Fonte: Acervo da autora.

05 de fevereiro de 2021

Tivemos uma surpresa na chácara. Do nada, um cachorro correu em nossa direção, quando chegamos; mas ele é um pouco medroso, porque, quando me mexi, reagindo à sua corrida até a mim, ele parou e ameaçou voltar. Lembrei-me da ração que deixamos na casinha, desde que Aparecido estava aqui, e dei um pouco para ele. Quando me afastei, veio e comeu tudo. Depois disso, amizade selada, ficou me seguindo na horta, mas ele é um tanto estabonado, pisa nas alfaces, passa por cima dos canteiros; tive que repreendê-lo, para não quebrar minha muda de manjerição. Quem sabe esse cachorro fica por aqui, Aparecido nunca voltou. Uma coisa que estou pensando, com a chegada desse cachorro, é que é bem comum aparecer cachorros nas chácaras, desde filhotes até mais velhos; um fato que contribui para isso é que as pessoas, quando não querem mais seus animais, os soltam no mundo rural – isso é cruel – ainda bem que a grande maioria das pessoas do mundo rural acolhe esses animais.

06 de fevereiro de 2021

O cachorro que, carinhosamente, chamamos de Risonho, já não estava mais na chácara. Allan disse que, até a hora em que foram embora da chácara, no final do dia, ele estava lá deitado. Mas hoje já não está mais, talvez tenha tentado seguir a camionete.

Estou pensando que os últimos cachorros que apareceram na chácara não estabeleceram moradia, não sei se é pelo fato de que não ficamos lá ou se é porque só estavam de passagem.

04 de abril de 2021

Tenho passado os dias selecionando os recortes do diário de campo, para compor a Dissertação, e estava relembrando de Aparecido e Risonho; comecei a pensar sobre a passagem deles na horta e passei a chamá-los de “cachorros de passagem”. Levei esse conceito para a reunião com Dolores e discutimos sobre os cachorros de passagem que estão no meio urbano também.

Tenho acompanhado algumas pessoas, inclusive na nossa casa, que estão colocando potinhos com ração e água para os cães nas ruas, percebendo que aumentaram os cachorros na rua, com a pandemia.

Porém, temos algumas diferenças entre aqueles que moram na rua e os de passagem, que possuem moradia. Dolores comentou que, no lugar onde ela mora agora, é possível observar cachorros e gatos que saem de suas casas apenas para comer e depois voltam.

Fico pensando também naqueles cachorros ou gatos machos que saem de suas casas atrás de fêmeas no cio e, depois de semanas, voltam para suas casas. No fundo, acho que há mais cachorros de passagem do que imaginamos; eles colocam em xeque a ideia de dependência em seus tutores, que nós idealizamos.

Difícilmente, você chegará a um sítio e não encontrará um cachorro latindo ferozmente, quando tenta se aproximar – pode ser apenas um alarde, ou não! É comum as pessoas adotarem cães para que protejam suas terras, não só dos humanos que podem aparecer na calada da noite, mas também contra predadores das criações, como as raposas ou outros bichos, os quais costumam se alimentar dos ovos das galinhas ou até das próprias.

Porém, não se trata apenas de segurança. A relação das mulheres com seus cachorros vai além dessa explicação, porque envolve também a reciprocidade, não dessas que a gente idealiza, mas o tipo de reciprocidade que se alegra, ao notar sua presença, que sabe o som da sua chegada e que a acompanha, independentemente do destino.

Há os cães que dormem junto, os que caçam, os que dormem o dia todo, aqueles que pastoreiam, protegem, cuidam e estão de passagem (sobre estes falaremos adiante), e, dentro das suas infinitudes, podemos notar que o cão também trabalha! Na história do trabalho rural, o cão sempre esteve lá, principalmente aqueles que chamamos de “raça indefinida”.

Na história do pastoreio, quanto mais mestiço o cão fosse, mais habilidades e resistências ele poderia ter. Acontece que o processo de domesticação, advindo do capitalismo e da definição do *status* de riqueza, encontrou um grande potencial de lucro na comercialização dos cães e, obviamente, como tudo o que o capitalismo vende, precisava determinar quais raças seriam comercializadas. Se você pretende adquirir um cãozinho, é possível



encontrar um *check list* das raças na internet para achar o cão perfeito para sua necessidade e espaço. Por mais que amemos nossos cães companheiros, ressalta Anna Tsing, “[...] a dominação, a domesticação e o amor estão firmemente entrelaçados.” (TSING, 2015, p.180).

A participação animal no trabalho em terras brasileiras é bem ampla, mas pouco estudada. Grande parte do material encontrado até o momento está disponível em língua estrangeira, demonstrando como ainda olhamos para os animais que compartilham o espaço conosco, de forma domesticada.

Um caso que acontece com frequência é que temos a tendência de achar que esses cachorros surgidos em nossas terras e portões são vítimas precisando ser resgatadas, contudo, nem sempre! Trago aqui o que chamo de “cachorros de passagem”: diversas vezes, os cachorros aparecem nos sítios, dormem, se alimentam, bebem água, recebem carinho, retribuem como acham que devem e vão embora.

Cachorros de passagem, como o próprio nome diz, não estabelecem moradia nos lugares onde passam, ou pelo menos não naqueles nos quais eles não desejam permanecer; todavia, são cães que se aventuram a andarilhar por aí e decidir parar em alguma casa para alimentar-se ou descansar, usufruindo de uma liberdade de que nós, humanos, não desfrutamos, já que precisamos de muita desconstrução para nos arriscar a viver pelo mundo, sem destino de volta.

Com a chegada da pandemia, houve um aumento dos cães de passagem, não só daqueles que têm a estrada como destino, mas também daqueles que fixaram moradia, entretanto, com as dificuldades financeiras, muitas famílias deixaram de comprar aquela ração que seu cãozinho gosta ou diminuiu a quantidade da sua comida. Com isso, muitos cães têm deixado suas casas na hora de se alimentarem em busca de vizinhos que costumam alimentar cães de ruas ou até mesmo na procura de restos de comida em latas de lixo. Eles se alimentam e voltam para suas casas.

Tsing examina, em sua obra, uma noção que contribui muito para entendermos esse movimento: o conceito de lugares familiares como o “[...] início da apreciação das interações multiespécies” (2019, p.181), porque, ao encontrar comida tantas vezes no mesmo lugar, esse espaço se torna familiar ao cão. Assim, “[...] os lugares familiares de procura de alimento não requerem exclusividade territorial, outros seres, humanos ou não, também o aprendem” (TSING, 2015, p. 182), implicando formas de identificação e



companheirismo entre os animais humanos e não humanos que se contrapõem à hiperdomesticação dos corpos.

Entretanto, lugares familiares não são produzidos apenas se houver interações positivas, mas aparecem quando há as negativas também! Ao mesmo tempo que há pessoas que cuidam desses animais de passagem, na medida em que eles permitem serem cuidados, há também aqueles que maltratam os animais de passagem, fazendo com que eles tenham medo de retornar a tal lugar. Infelizmente, ainda vemos com frequência relatos de pessoas que tiveram seus animais envenenados, durante um passeio com ou sem seu tutor.

Ou até mesmo de pessoas que jogam bebidas quentes, “bombinhas”, ou agredem para expulsar esses cachorros e assim evitarem que eles façam certas traquinagens, como rasgar os sacos de lixos. Ora, um caminho saudável e inventivo para evitar esse tipo de situação é colocar pratos com ração e água para esses animais.

Animais sabem reconhecer onde e quando são bem-vindos; agredi-los ou matá-los só mostra quanto os humanos podem ser cruéis, viver uma relação com animais nem sempre é algo recíproco, eles decidem coisas e fazem traquinagens que desagradam os humanos, deixando-os duvidosos sobre amar ou não os animais, mas não isso não abre a possibilidade aos humanos para tomarem medidas severas.

De fato, como destaca Despret (2021, p. 169), em relação ao trabalho dos animais, “[...] pensar na questão do trabalho nos obriga a não considerar os animais como vítimas, idiotas naturais e culturais que deveriam ser libertados apesar de si mesmos”, no entanto, devemos pensar sobre os cachorros de passagem, que usufruem de sua liberdade canina de estar em diferentes lugares, de experimentar o mundo como querem e não como nós, humanos, gostaríamos; eles não são idiotas, sabem onde encontrar alimento, sabem quando precisam de ajuda e sabem quando devem ficar.

Aparecido é nome do cachorro que aparece na foto, na sequência. Toda manhã surgia para comer um pouco de ração dos porcos, nos agradava com suas brincadeiras e nos acompanhava até a colheita das hortaliças; quando vínhamos para as entregas, ele também ia embora. Foi uma semana assim, depois seguiu sua rota. No começo, imaginávamos que não havíamos cuidado o suficiente para que ele desejasse ficar, mas ele foi o primeiro – ainda não entendíamos que não precisava fincar raiz para ocupar um espaço. Multiterritorialidade é o nome.



Território é algo importante para nós, humanos, tendo a ver com poder, mas não só o poder político, o poder no sentido mais concreto de dominação e o poder no sentido mais simbólico, de apropriação. Definimos aqui apropriação como as marcas do vivido, do valor de uso e dominação vinculada ao valor de troca. Esse território está imerso na relação de dominação e apropriação, entretanto, o modo de vida capitalista faz com que a dominação se sobressaia. Dominar um território significa dominar quem está sobre ele também, não só as pessoas, mas tudo o que habita sobre a Terra (HAESBAERT, 2004, s/p)

A multiterritorialidade propõe discutir o significado que os territórios têm para nós e, mais profundamente, refletir sobre como ressignificamos e reterritorializamos nossas vidas e a complexidade que está envolvida no processo de construir territórios mais múltiplos e cheios de potenciais políticos. Esse movimento de ocupar diversos territórios é uma tarefa difícil para nós, humanos, entretanto, não para os cães de passagem.

Na verdade, o ser humano ocidental criou a ideia de que ele ocupa o centro de tudo e que domina tudo sobre o território em que está, tornando-se difícil admitir se realmente as coisas dependem tanto assim de nós ou se só estamos “metendo o dedo” onde não somos chamados. Nos últimos anos, vimos o resultado das nossas ações sobre a fauna e a flora e, na pandemia de Covid-19, presenciamos alguns momentos nos quais, na nossa ausência, animais se sentiram confortáveis a voltar ocupar espaços que foram tomados por nós, percebemos os rios menos poluídos e as estações acontecendo no devido tempo.

Com a pandemia e a queda dos recursos financeiros das famílias, a ideia de cães de passagem se ampliou para aqueles que estabeleceram moradia em alguma casa, mas que saem para procurar alimentos; de certa maneira, eles também estão de passagem entre uma casa e outra. Esse movimento deixa ainda mais evidente que os animais não são idiotas, eles sabem o que devem fazer e quando.

Dolores Galindo e Daniele Milioli (2016, 142) tratam da inventividade dos animais; ora, a partir do momento em que deixamos as divisas ontológicas predefinidas de lado e permitimos que as relações fluam, ficamos à espreita para entender que “[...] os animais que interrogamos fazem existir acontecimentos não previstos por nós e que precisamos fazer o que chama de boas perguntas.” Quando um cão decide estar de passagem em nosso lar, ele coloca em xeque o que entendemos do



condicionamento através da comida, porque o cão pode voltar todos os dias para se alimentar da comida que deixamos para ele, mas isso não é suficiente para que fique, para que nos obedeça. A única coisa que podemos entender sobre esse evento é que há uma relação de afeto entre oferecer o alimento que temos para saciar quem procura, entretanto, há mais coisas envolvidas nisso, de sorte que precisamos de boas perguntas, se quisermos mesmo refletir sobre isso, já que a relação com os animais e as plantas não devem ser rotuladas, porém, vividas.

É importante ressaltar que os cães de passagem não sobrevivem apenas porque nós, humanos, deixamos comida para eles. Na verdade, muitos cães se alimentam de frutas, já que, no mundo rural, é comum vermos os cães indo até as árvores frutíferas para pegarem os frutos caídos no chão, ou cães vivendo, no mundo urbano, encontrando comida nas latas de lixo. Nesse sentido, deixar comida na beira da calçada ou ofertar comida quando estão de passagem é apenas contribuir para sua viagem.

Coloca-se em xeque a nossa forma de se relacionar com esses cães: é possível construir afetos com cães de passagem? Se sim, como construí-los? Recordo-me de Risonho, um dos cães de passagem, em nossa chácara, como ele era estabanado; no princípio, ao andar nos canteiros da horta, passava por cima deles, quebrava as mudas ou as alfaces que já estavam prontas para a colheita, mas, depois de repreendê-lo várias vezes, passou a caminhar mais sossegadamente entre os canteiros.

Ele aprendeu a caminhar entre os canteiros, ao contrário de Aparecido, outro cão de passagem, o qual decidiu não obedecer a essa repreensão e nos deu algum prejuízo, com sua pegada pesada em cima das mudinhas. Afetos não são apenas os carinhos trocados entre seres humanos e os cães, mas também é afeto respeitar o espaço do outro, não obrigar os cães a ficarem em nossa chácara, amarrando ou trancando na tulha; logo, permitimos, mesmo ainda sem saber que eram cães de passagem, que decidissem se ficariam ou não.

Maiado, nosso cão companheiro, esteve como cão de passagem por algumas semanas de sua vida. Quando o adotamos, ainda filhote, foi morar na chácara, porque precisávamos de segurança, devido a algumas invasões. Ele ficou por algum tempo e, quando atingiu sua vida adulta, decidiu seguir o carro de papai até a cidade, mas não o seguiu até em casa. Sumiu por semanas, até que, um dia, encontrou meu irmão Allan no centro da



cidade, reconheceu-o na hora e começou a segui-lo até nossa casa, na cidade. Papai chegou a levá-lo de volta para a chácara, entretanto, Maiado preferiu ser morador urbano e voltou até nossa casa, dessa vez, conseguindo achar sozinho o nosso lar.

Vemos com frequência, nas ruas, os cachorros ou gatos com fome, com já mencionado, rasgando os sacos de lixo para se alimentarem e fazendo bagunça nas calçadas. Esses comportamentos resultam em atitudes maldosas, por parte de muitos humanos. Sempre que ia caminhar com Scott, precisava tomar cuidado com o que ele cheirava, pois encontrava resquícios de chumbinho ou de outros tipos de veneno, nas calçadas. Isso não era acaso, mas proposital, feito por aqueles que desejam tirar a vida dos animais que ameaçam a ordem da sociedade ou que fazem os humanos encararem a realidade das consequências dos seus atos.

Uma prática que adotamos em casa para contribuir com os cachorros de passagem era colocar em nossa calçada um pote com ração e outro com água, a fim de que pudessem se alimentar, reduzindo o número de sacolas rasgadas.

Não só os cachorros, mas animais de passagem correm o risco de sofrer várias ameaças causadas pelos humanos; porém, isso não justifica que todos devem ser resgatados, contudo, que o respeito por esses animais deveria ser colocado em prática. Com efeito, ninguém é obrigado a querer estabelecer relações multiespécies, é necessário respeitá-los, para que aqueles que gostam de animais possam ter a possibilidade de fazer novas perguntas e não ficarem preocupados em como salvar a vida daqueles que foram envenenados.

4.1 Trabalho dos cães no mundo rural



Figura 31 – Violeta fiscalizando a limpeza das folhagens



Fonte: Acervo da autora.

O intuito do capítulo não é trazer respostas completas a respeito do porquê da invisibilidade do trabalho de alguns animais, mas promover questionamentos sobre a

forma como nos relacionamos com eles e de refletir sobre esse lugar de centro em que colocamos a raça humana e a intelectualidade que utilizamos como parâmetro, para definir quem deve ocupar o topo das raças existentes no nosso planeta.

É necessário pensar na história da relação interespecies, pois o equilíbrio da vida no planeta Terra depende disso, já que é nessa discrepância na relação entre as espécies que o homem branco causou que, hoje, quando nos propomos refletir sobre o trabalho no campo, pouco nos lembramos dos animais, apenas se formos questionados a respeito dessa questão.

Direcionando essa fala especificamente ao Noroeste do Paraná, quando nos referimos a animais que trabalham, imaginamos logo os cavalos e, por desempenharem a função de transportar, carregar, arar, entre outros trabalhos. Entretanto, quando nos colocamos no exercício de pensar quais animais ocupam nosso mundo rural, outros nomes aparecem, como galinhas, gansos, porcos, carneiros, ovelhas, gatos e cachorros.

Enfatiza Vinciane Despret (2021, p.167):

Naturalmente, podemos admitir cães de assistência, cavalos ou bois que puxam cargas, e alguns escolhidos associados a profissionais: cães policiais ou de resgate, ratos varredores de minas, pombos-correio e alguns outros colaboradores. Por outro lado, a proposta não é muito aceitável para animais reprodutores.

Quanto aos porcos, galinhas, vacas, cabras, ovelhas e carneiros, o primeiro pensamento que temos é quanto ao abate, contudo, o trabalho que eles exercem no dia a dia da roça vai além. Quando os humanos levam para a venda os ovos, os leitões ou a lã, é o fruto do trabalho desses animais que está sendo comercializado, é um trabalho em conjunto, que nem sempre é reconhecido.

O corpo desses animais produz alimentos ou produtos de que nós nos apropriamos e para os quais criamos utilidades, porém, não é algo que só acontece porque o humano recolheu, alimentou, medicou, investiu financeiramente no animal. De qualquer maneira, seus filhotes iriam nascer e, por consequência, o leite iria descer, a lã iria crescer, porque faz parte da biologia desses animais. Contudo, a aceitação e o interesse em nos fornecer tais recursos partem dos animais.

Quando uma galinha permite que invadamos seu ninho para pegar seus ovos, a vaca ou a cabra permitem que sejam ordenhadas, as



ovelhas, que seu pelo seja cortado ou as porcas, a aproximação dos humanos com eus leitões, isso é devido ao esforço ativo dos animais.

Figura 32- Galinha no ninho



Fonte: Acervo da autora.

Figura 33 - Porcos no Mangueirão



Fonte: Acervo da autora.

Esse trabalho só se tornará perceptível,

[q]uando resistem, é aí que começamos a ver, ou melhor, a traduzir de uma maneira diferente, as situações em que tudo funciona. Tudo funciona porque eles fizeram de tudo para que tudo funcionasse. Os momentos sem conflitos não têm então nada natural, evidente ou mecânico. (DESPRET, 2018, p. 171).

Vinciane Despret (2021) cita o trabalho de Jorcelyne Porcher, para exemplificar e clarear o debate sobre a cooperação do trabalho animal. Em sua pesquisa, Porcher questiona os criadores de vacas se elas trabalham; sem ter boas respostas, ela muda o sujeito para quem pergunta, e passa a questionar as vacas. Observando-as, viu que elas tomavam iniciativas, respeitavam regras e colaboravam com o criador, percebendo então que “[...] tudo o que parecia ir por si só, agora mostra todo um trabalho de colaboração com o criador, um trabalho invisível.” (DESPRET, 2021, p. 172).

A pesquisa na qual Jocelyne Porcher (2012) trata das vacas, contou com a participação de Tiphaine Schmitt, para realizar a observação participante que foi além disso, pois ela desenvolveu uma relação afetiva com as pessoas e os animais da fazenda. A pesquisa de campo foi feita em uma fazenda de vacas leiteiras em uma região montanhosa na França, na qual havia 60 vacas e zero pastagem (PORCHER; SCHMITT, 2012, p. 44).

Tiphaine não tinha contato prévio com a família, dona da fazenda, antes de iniciar os contatos para que a pesquisa ocorresse naquele mundo rural. Permaneceu com eles por três meses, contribuindo no trabalho coletivo com as vacas e participando do cotidiano da família; assim, as experiências que brotaram da relação com os humanos e os animais do lugar foram anotadas, no diário de campo, para análise posterior, junto com a transcrição de sete horas de entrevista feita com os indivíduos da família. Cada integrante da família possuía uma tarefa para realização do trabalho, mas a prioridade era desempenho e eficiência, ao invés de um bom relacionamento com as vacas, resultando no abate de metade do rebanho em cada ano (PORCHER; SCHMITT, 2012, p. 44).

Para estudar o comportamento dos animais, as autoras elaboraram um protocolo de observação, em que o reconhecimento de cada vaca se dava através de um repertório fotográfico com várias fotos da mesma vaca e de uma ficha técnica. Ao longo da observação, a qual



durou nove semanas, focaram em quatro aspectos: o ritmo das vacas, o comportamento das vacas no rebanho, o comportamento das vacas ao redor do robô de ordenha e o comportamento delas com o agricultor (PORCHER; SCHMITT, 2012, p. 44-45).

Foi possível constatar que as vacas cooperavam para manter a harmonia social entre elas, já que não poderiam fugir do local onde estavam; “[...] no entanto, existem algumas relações antagônicas entre as vacas (agressividade, ameaças, submissão) para garantir que a hierarquia seja respeitada ou para confirmar relações de amizade ou inimizade.” (PORCHER; SCHMITT, 2012, p. 45 – tradução nossa).

Quanto às regras estabelecidas pelo agricultor, no trabalho, as autoras observaram que a maioria das vacas obedeciam; entretanto, algumas agiam pelas brechas para contornar o trabalho, seja porque não queriam fazer, seja para receber algum tipo de contato físico com o agricultor (PORCHER; SCHMITT, 2012, p. 46).

O curioso é que a colaboração das vacas se torna perceptível somente quando elas se recusam a contribuir, quando revelam suas vontades e “atrapalham” o fluxo da rotina; é na “[...] má vontade, pelo contrário, que aparece a vontade e a boa vontade; na reticência, a cooperação torna-se perceptível; no suposto erro ou equívoco fingido, aparece a inteligência da prática, uma inteligência coletiva” (DESPRET, 2021, p.), pois o que parecia ser o curso natural das coisas entra em conflito.

A cooperação no trabalho parte da decisão dos animais, eles não são condicionados a realizar tal tarefa, eles foram ensinados e, a partir daí, é decisão deles se querem ou não cooperar. Vamos pensar no burro: costumamos ouvir que os burros são animais difíceis de montar, pois eles “empacam”; esse é um motivo insuficiente para explicar esse comportamento do animal – se algo acontecer no trajeto e o burro julgar como ruim, ele nunca mais passará por aquele caminho, sendo possível perceber um comportamento de prevenção, por parte do animal.

Vinciane Despret (2021, p.169) ressalta que é nos piores lugares de criação desses animais que a ideia de seu trabalho é formulado; assim, as granjas de produção e criação industrial afastam tanto esses animais do ambiente que deveria ser destinado a eles que “[...] seus comportamentos aparecem claramente como inscritos em uma relação de trabalho.” (PORCHER, s/a, *apud* DESPRET, 2021, p. 169). Animais humanos e não humanos que laboram nesse ambiente estão inseridos em uma lógica de produzir



a qualquer preço e, assim como os humanos que não rendem no trabalho são demitidos, os animais que se recusam a produzir ou que não estão saudáveis para criar são punidos ou abatidos. Afinal, a exploração dos corpos das fêmeas, em forçar uma cria atrás da outra, faz com que a debilitação aconteça muito rápido; ademais, em algumas fazendas de cria de bezerros, as vacas são separadas de seus filhotes logo nas primeiras semanas de vida, para que ela esteja disponível para a próxima fertilização o mais rápido possível.

Curiosamente, nas terras onde os animais são respeitados, tem-se uma dificuldade maior em pensar no trabalho de seus animais, pois a referência que temos de trabalho é focada na quantidade de produção. Um dos fatores que contribui para isso é a concepção de que os animais estão respondendo ao condicionamento de seus donos, que os estimula com alimentação ou outras recompensas. Isso também resulta em uma exploração do trabalho dos animais, mesmo que não haja violência física, como na agricultura industrial. Jocelyne Porcher (2012, p. 41) aborda o trabalho dos suínos, em uma granja de sistema de produção animal, onde esses porcos, afastados e privados de seus mundos, vivem em um mundo totalmente decidido pelos humanos, resultando na única relação possível – a do trabalho.

Trata-se de um processo de trabalho que, implicitamente, é como um gerenciamento de recursos humanos, melhor dizendo, “gerenciamento de recursos animais”, porque os trabalhadores humanos possuem, como função, selecionar as porcas produtivas e as improdutivas, verificar quais possuem a maior chance de alcançar o rendimento esperado, cuidar da qualidade da produção, além de estabelecer metas (PORCHER, 2012, p. 41).

Antônio Bispo dos Santos, em uma fala ao Projeto Vozes contra os Genocídios, no canal Educando para a Diversidade (2021), afirma que a nossa relação com o meio ambiente deveria ser de confluenciamento e não de dominação. “Confluência é a lei que rege a relação de convivência entre os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se junta se mistura, ou seja, nada é igual” (SANTOS, 2015, p. 89), por isso, não devemos nos relacionar visando à igualdade, mas à diversidade, para então conseguir superar esse processo expropriatório.

Nas relações de confluenciamento, compreendemos que tudo e todos são diferentes e, na diferença, construirmos a diversidade que possibilita modos de vida respeitosos entre os animais humanos e não humanos, as plantas, o ar, água e até os objetos, pois, quando as tarefas são



executadas, a colaboração de todos é reconhecida: não é o ser humano dominando tudo e criando ferramentas, todavia, é o meio ambiente colaborando com as coisas que nos disponibiliza, os instrumentos que criamos ajudando a melhorar o trabalho e a nossa mão de obra.

Nessa perspectiva, Antônio Bispo destaca que, ao executarmos um trabalho com os companheiros animais, o lucro obtido deve ser repartido em partes iguais, pois a tarefa foi compartilhada, inclusive, as ferramentas utilizadas entram na divisão. Neste caso, o autor menciona a atividade de arar a terra, em que o pagamento será dividido entre os humanos, os bois e o arado em partes iguais. A parte do arado será reservada para a sua manutenção, a dos humanos, para alimentação, e a dos bois, se não se precisar comprar nada para eles, como remédios, celas ou ração, o papel do humano é pedir por favor ao boi para que ele compartilhe sua parte. Talvez o boi não compreenda o que se está dizendo, contudo, o humano entenderá que está em uma posição inferior à do boi, porque sem ele não se ara a terra.

O trabalho, assim como pode ser fonte de subordinação e exploração, também pode ser fonte de emancipação, e isso se aplica tanto aos humanos quanto aos animais. O avanço tecnológico que propõe libertar os animais do fardo de trabalharem, o que *a priori* parece bom, salientam Jocelyne Porcher e Jean Estebanez, “[...] também obscurece o fato mais grave da exclusão progressiva dos animais dos laços sociais, por meio de sua exclusão do mundo do trabalho.” (PORCHER; ESTEBANEZ, 2019, p.24 – tradução nossa).

Impedir que os animais compartilhem o mundo do trabalho com os humanos resulta no afastamento entre eles. Cito nossa chácara como caso: hoje, meu pai e meu irmão já não preparam a terra com a ajuda de um cavalo, mas com um equipamento motorizado, há tempos não temos mais cavalos em nossa chácara, antes mesmo de meu pai ter a horta, porém, era comum chamar alguém para arar.

Tínhamos uma boa convivência com os cavalos, na antiga chácara, mas depois que faleceram, meu pai não encontrou outros, por dois motivos: o valor considerável para manter um animal desse porte e porque já não tinha mais charrete, carroça e o arado, pois já possuíamos moto para locomoção e outras formas de preparar a terra.

Mesmo sendo uma cidade rural, poucas pessoas ainda trabalham com os cavalos, nas terras; algumas ainda os têm, pois cavalgar é uma atividade que desafia, no sentido de precisar do consentimento do



cavalo para a montaria, e que produz prazer, ao encontrar ritmo entre seu corpo junto ao do cavalo.

O que quero pontuar com esses causos é que havia um número maior de cavalos na cidade e que, ao passo que tecnologias mecanizadas foram chegando a nossa cidade, a participação dos cavalos foi diminuindo e a quantidade deles também. Nessa perspectiva, pontuam Jocelyne Porcher e Jean Estebanez (2019, p. 24 – tradução nossa):

A força de trabalho composta por animais domésticos, como cães, cavalos, porcos e búfalos, e animais não domésticos domesticados, como elefantes, girafas, ursos e golfinhos, está em vias de desaparecer ou ser substituída em um futuro próximo por substitutos ou por robôs: substitutos alimentares da carne (alimentos com garantia de isenção de produtos de origem animal), ou, em um futuro próximo, carne *in vitro* (com garantia de isenção de sofrimento ou morte do animal) e substitutos robóticos para cães de assistência ou de companhia.

Os autores salientam ainda que o intuito não é travar uma guerra contra esses avanços tecnológicos que estão nos afastando dos animais, contudo, que, antes que isso aconteça, possamos compreender quais são nossas relações de trabalho com esses animais, que tipo de afetações e proposições eles nos trazem, através de sua inteligência e habilidade, que investem nas atividades, porque mesmo que o trabalho animal acompanhe a história da humanidade há dezenas de milhares de anos, pouco refletimos sobre isso.

Jocelyne Porcher e Jean Estebanez (2019, p. 25) assinalam que “[...] o importante, portanto, é menos o fato de serem animais do que o fato de serem atores na obra”, ou seja, a discussão não é o fato de que animais trabalham, entretanto, que eles são os protagonistas nas tarefas que fazem; é reconhecer que o mundo funciona sem a interferência humana, porque não somos os únicos que evoluíram. E isso não se enquadra apenas no trabalho rural, contudo, as pesquisas que são feitas envolvendo esses animais também devem levar em consideração. Esta Dissertação teve os resultados, aqui evidenciados, como a existência dos cães de passagem, o trabalho que executam, nos mundos rurais, a relação multiespécie, as decisões e iniciativas que esses seres tomam, com a participação dos animais com que tenho relação companheira, porque, sem eles, as evidências postuladas não seriam alcançadas.

As observações de Jocelyne Porcher e o texto de Vinciane Despret (2021, p. 173) nos colocam a importância do olhar sensível para com os colaboradores da pesquisa:

As vacas de Jocelyne Porcher despertam muito mais curiosidade do que se ela as tivesse tratado como vítimas, elas estão mais vivas, mais presentes, sugerem mais perguntas elas interessam-nos e têm a oportunidade de provocar interesse no seu criador.

Essas vacas nos permitem fazer boas perguntas a elas e a nós mesmos; se olharmos com sensibilidade, o que muda, quando eu percebo que minha galinha permite que eu comercialize seus ovos? Recordo-me de ouvir várias vezes minhas avós dizerem: “Mas não achei meio de pegar aquele frango para matar, estava arisco demais” – se entendemos que a colaboração animal existe, compreenderemos que o frango só será morto quando ele permitir que o peguem. Naturalmente, isso se dá com as espécies que vivem soltas, porque, para aquelas que estão presas em abatedouros, não há outro caminho, se não o da sala de abate.

“Não se trata de tornar-se animal, mas de tornar-se-com de maneiras mundanas e comuns que não me parecem edípicas” (HARAWAY, 2019, p. 54, notas de rodapé). Com efeito, já que viveremos no planeta terra por muito tempo – ou se espera que viveremos –, é mais frutífero e instigante cooperar com o silenciamento do trabalho de todas as espécies ou fazer boas perguntas à elas?

Haraway (2019) preconiza o conceito de tornar-se-com, para sairmos da relação de tornar-se-sob as pessoas e animais, permitindo pensar em um relacionamento com o mundo no qual as coisas se comunicam e ensejam uma troca que possibilite a participação ativa de todos.

Essa participação só será ativa, quando todos os elementos envolvidos receberem o igual reconhecimento de suas atividades; assim, podemos associar isso com as nossas investigações, quando o público da pesquisa de campo não aparece como coautor de nossos trabalhos.

4.2 Cachorros no cotidiano rural e sua relação com as mulheres

Figura 34 – Afetos em uma manhã de inverno



Fonte: Acervo da autora.

O cão Achado

José Saramago

Vou a um negócio de homens, desta vez tens de ficar em casa, disse Cipriano Algor ao cão, que corra para ele, quando o viu aproximar-se da furgoneta. É claro que o Achado não necessitava que o mandassem subir, bastava que lhe deixassem aberta a porta do carro o tempo suficiente para perceber que não o expulsariam depois, mas a causa real da sobressaltada corrida, por muito estranho que possa parecer, foi ter ele suposto, em sua ansiedade de cão, que o iam deixar sozinho. Marta, que saía para o terreiro conversando com o pai e o acompanhava à furgoneta, tinha na mão o sobrescrito com os desenhos e a proposta, e embora o cão Achado não tenha ideias claras sobre o que são e para que servem sobrescritos, propostas e desenhos, conhece da vida, em todo o caso, que as pessoas que se dispõem a entrar em carros costumam levar consigo coisas que, em, geral, mesmo antes de para eles subirem, atiram para o banco de trás. Instruído por estas experiências, percebe-se que a memória do Achado o tenha levado a pensar que Marta iria acompanhar o pai nesta nova saída da furgoneta. Apesar de estar aqui há poucos dias, não tem dúvidas de que a casa dos donos é a sua casa, mas o seu sentido de propriedade, por incipiente, ainda não o autoriza a dizer, olhando em redor, tudo isto é meu. Aliás, um cão, seja qual for o tamanho, a raça e o carácter, jamais se atreveria a pronunciar palavras tão brutalmente possessivas, diria, quando muito, tudo isto é nosso, e ainda assim, revertendo ao caso particular destes oleiros e dos seus bens móveis e imóveis, o cão Achado nem daqui a dez anos será capaz de ver-se a si mesmo como terceiro proprietário. O máximo a que talvez consiga chegar quando for cão velho é ao obscuro e vago sentimento de participar em algo arriscadamente complexo e, por assim dizer, de escorregadias significações, um todo feito de partes em que cada uma é, ao mesmo tempo, a parte que é e o todo de que faz parte. Ideias aventureiras como esta, que o cérebro humano, grosso modo, é mais ou menos capaz de conceber, mas que logo tem uma enorme dificuldade em trocar por miúdos, são o pão nosso de cada dia nas diferentes nações caninas, quer de um ponto vista meramente teórico, quer no que se refere às suas consequências práticas. Não se pense, contudo, que o espírito dos cães é como uma nuvem bonançosa que levemente passa, uma alvorada primaveral de suave luz, um tanque de jardim com cisnes brancos vogando; se o

fosse, não teria o Achado começado, de repente, a ganir lastimeiro, E eu, e eu, dizia ele. Para responder a tal desgarramento de alma aflita, não tinha achado Cipriano Algor, apreensivo como ia pela responsabilidade da missão que o levava ao Centro, melhores palavras que desta vez ficas em casa, o que valeu ao angustiado animal foi ter visto Marta dar dois passos atrás depois de ter entregado o sobrescrito ao pai, assim ficou o Achado ciente de que não o iriam deixar sem companhia, na verdade, mesmo constituindo cada parte, de per si, o todo a que pertence, como cremos que já deixámos demonstrado por $a + b$, duas partes, desde que estejam unidas, fazem muita diferença no total. Marta acenou ao pai um cansado gesto de adeus e voltou para casa. O cão não a seguiu logo, ficou à espera de que a furgoneta, depois de descer a ladeira para a estrada, desaparecesse por trás da primeira casa da povoação. Quando daí a pouco entrou na cozinha, viu que a dona estava sentada na mesma cadeira em que tinha trabalhado durante estes dias. Passava os dedos pelos olhos uma e outra vez, como se precisasse de aliviá-los de uma sombra ou de uma dor. Decerto por estar no tenro verdor da mocidade, Achado não teve ainda tempo de adquirir opiniões formadas, claras e definitivas sobre a necessidade e o significado das lágrimas no ser humano, no entanto, considerando que esses humores líquidos persistem em manifestar-se no estranho caldo de sentimento, razão e crueldade de que o dito ser humano é feito, pensou que talvez não fosse desacerto grave chegar-se à chorosa dona e pousar-lhe docemente a cabeça nos joelhos. Um cão mais idoso, e por essa razão, supondo que a idade está obrigada a suportar culpas duplicadas, mais cínico do que o cinismo que não pode evitar ter, comentaria com sarcasmo o afectuoso gesto, mas isso deveria ser porque o vazio da velhice o teria feito esquecer-se de que, em assuntos do coração e do sentir, sempre o demasiado foi melhor que o diminuído. Comovida, Marta passou-lhe devagar a mão pela cabeça, acariciando-o, e, como ele não se retirava e continuava a olhá-la fixamente, pegou num carvão e começou a riscar no papel os primeiros traços de um esboço. Ao princípio, as lágrimas impediam-na de ver bem, mas, pouco a pouco, ao mesmo tempo que a mão ganhava segurança, os olhos foram aclarando, e a cabeça do cão, como se emergisse do fundo de uma água turva, apareceu-lhe na sua inteira beleza e força, no seu mistério e na sua interrogação. A partir deste dia, Marta vai querer tanto ao cão Achado como sabemos que já lhe quer Cipriano.

Nos desenhos rupestres de nossos ancestrais, muitos animais apareciam, alguns sinalizando a forma como caçavam, outros indicando como eram os animais que haviam descoberto ou até mesmo aqueles que compartilhavam o espaço com eles. Não só nesses desenhos, mas temos várias evidências dessa relação nos registros arqueológicos, alguns retratando mulheres do Egito com gansos de estimação; a propósito de uma dessas descobertas, Kenneth Kitchell (2011, p.16, tradução nossa) ressalta que há um “[...] sepultamento no norte de Israel datado de cerca 12.000 anos atrás de uma pessoa idosa que teve sua mão cuidadosamente colocada sobre o esqueleto de um cachorro”. Alguns desses sepultamentos traziam mensagens, frisando o quão importante era ter o cão companheiro para ajudar a alma a encontrar um bom caminho ou para que pudesse fazer companhia ao seu amigo humano, na eternidade.

Em algumas culturas, segundo Joshua Mark (2019, s/p) “[...] os cães protegiam a casa e imagens amuléticas de caninos eram carregadas para proteção pessoal”; em outras religiões, admitia-se que cães poderiam se comunicar com os deuses ou até mesmo havia santos que protegiam esses animais, como são, no catolicismo, São Francisco de Assis e São Lázaro.

Além disso, acreditava-se que os cães poderiam ajudar na cura de algumas doenças e feridas, conforme assevera Mark (2019, s/p):

As referências de von Soden aos ‘deuses da terapêutica’ as divindades envolvidas com a saúde e a cura e, mais notavelmente, a deusa Gula, que era regularmente retratada na presença de seu cachorro. A saliva do cão foi considerada medicinal porque foi notado que, quando os cães lambiam as feridas, promoviam a cura.

Não se sabe ao certo quando essa aproximação aconteceu entre os humanos e os cachorros, todavia, isso ocorreu bem antes da relação com os outros animais. Registros históricos mostram que havia uma coexistência e não uma hierarquia, de acordo com a capacidade de “raciocinar”, pois se acreditava que cada um tinha sua responsabilidade na construção de uma sociedade segura e, nos próprios rituais que direcionaram a espiritualidade dos povos, o paraíso seria destinado aos humanos e aos animais, com ênfase na passagem



do dilúvio, presente na Bíblia, quando Noé foi responsável por salvar um casal de cada espécie e não só os seres humanos (BÍBLIA, Gênesis).

Conforme assevera Donna Haraway, (2021, p. 27) “[...] humanistas tecnofílicos retratam a domesticação com o ato paradigmático masculino e uniparental de autonascimento, por meio do qual o homem repetidamente se faz à medida que inventa (cria) suas ferramentas”, processo de domesticação que realizou as intenções desses homens, em uma “civilização” que só pode acontecer através da transformação em servos daqueles que eram livres. Desse modo, os cachorros representam todas as outras espécies que foram subjugadas pelas intenções de um progresso, o qual, no final, falhou miseravelmente, pois o que temos é a crescente destruição do mundo.

Mas, ainda assim, “[...] diferentemente de várias projeções perigosas e antiéticas no mundo ocidental, que transformam cães domésticos em crianças peludas, cachorros não existem para os humanos” (HARAWAY, 2021, p. 13), de fato, são uma espécie com relação histórica e proteica com os humanos, porém, não constituem a realização do desejo e nem a projeção de ninguém.

Donna Haraway (2021, p. 45) traz ainda um conceito de “posse – propriedade, que envolve reciprocidade e direitos de acesso. Se eu tenho um cachorro, meu cachorro tem um humano; o significado dessa equação é que está em jogo e, para que a conta feche, eu preciso estar disponível para os comandos do meu cachorro, da mesma forma que ele está para mim, levando em conta que a mesma recusa que eu possa ter, no momento do pedido canino, ele terá também para mim.

Através do pensamento sobre posse-propriedade, podemos entender que, quando meu cãozinho traz até mim uma bola, um graveto ou começa a pular em mim, ele está, nesse momento, me dando um comando para uma brincadeira. Quando a gata Janete, que gosta de água fresca da torneira, vai até mim e fica miando até que eu me levante e a siga, ela está dando o comando para que eu abra a torneira e forneça água. Em alguns momentos, Janete bebe água na bacia onde os cachorros bebem, entretanto, há situações em que escolhe dar o comando, para que alguém da família abra a torneira para ela ou coloque grãos de ração “frescos” em seu pote.

Donna Haraway (2021, p. 28) chama de coevolução essa contribuição mútua; para ela, os humanos podem ter contribuído para moldar o comportamento dos vários tipos de cachorros que aparecem naquele período, porém, ao mesmo tempo, também foram



transformados na aproximação com esses animais. Se você tem cachorros ou alguma espécie companheira, sabe o quanto ter uma presença animal modifica a rotina do lar; compromissos interespecies são selados entre os dois lados, cada um sabe o que fazer, durante as atividades do dia a dia, o momento de alimentar-se é um exemplo prático disso. Na nossa realidade, eu era despertada por Scott, caso perdesse a hora, pois ele sabia que nossa rotina começava naquele horário em específico.

Para entendermos a coevolução, precisamos deixar a superioridade humana de lado, admitindo que os animais não estão subordinados a nós, contudo, em uma relação de troca, onde um possibilita ao outro a construção de novos modos de vida, estando interligados nessa relação de coteriva.

Através dos registros históricos, é possível observar que já vivíamos nesta relação de companhia, não eram todos que tinham uma espécie companheira, porém, havia um equilíbrio na caça e os animais que eram criados, para consumo posterior, tinham seus ciclos de vida respeitados; logo, o tempo para que uma carne de aves ou suína levava para ficar pronta para o abate, era bem maior. No entanto, em algum momento, essa relação de cooperação foi atravessada pela ganância do homem branco, exemplificada por atividades como comercialização da pele de cachorros nos lugares mais frios, a substituição do trabalho canino por instrumentos mais modernos ou até mesmo a comercialização e a criação de novas raças, contribuindo para um distanciamento da relação religiosa e recíproca entre humanos e cães.

Não há registros exatos, mas, aos poucos, foi mudando a relação de cooperação para uma de subordinação, o que pode ser associado com a Revolução Industrial, na qual a subordinação é a chave do processo do trabalho fabril. Todos os seres vivos que estivessem no caminho ou que não tivessem como se defender do avanço da ganância foram definidos como inferiores e desnecessários. Desmatamento, caças desgovernadas, genocídios, poluições avançaram de forma abrupta.

Anna Tsing, em seu texto “Margens Indomáveis: Cogumelos como espécies companheiras”, afirma que “[...] a domesticação é geralmente compreendida como o controle humano sobre outras espécies. Que tais relações podem também transformar humanos é algo frequentemente ignorado.” (2018, p. 184). Viver com outras espécies, mesmo que seja uma relação superficial, muda a rotina de todos: é preciso cuidar, medicar, alimentar, transportar e proteger,



porque é ignorância humana achar que se está no controle dessa relação, pois o cuidado só se torna possível, quando cedemos um pouco de nós.

Quando se trata dos cães, lembramos logo a frase “melhor amigo do homem”; porém, será mesmo que o cachorro vive em função do seu dono? Ou ele apenas ocupa um espaço onde se sente confortável?

A supremacia branca cria uma ideia de que somos superiores a tudo e a todos, que a nossa “inteligência” nos coloca à frente das outras espécies; entretanto, ao observarmos os cães, principalmente os que moram no mundo rural e não estão presos a correntes, podemos perceber com mais clareza a autonomia desse animal, pois sabem exatamente onde moram, caçam alguns alimentos, como frutas ou pequenos animais, se banham no rio, quando estão com calor, e voltam à noite, para cuidar do seu território. São atividades que não foram ensinadas, e quebra a ideia de que, sem o adestramento, o cão será um “animal sem controle”.

O lugar de centralidade que nos colocamos faz ter a premissa de que, sem um “tutor”, aquele animal está abandonado; contudo, será que a falta de abrigo e espaço seguro para esses cães transitarem não é exatamente porque nós, humanos, invadimos os espaços dos animais e ainda tivemos a audácia de criar e definir quais devem ter um lar?

Conforme Donna Haraway (2021, p.14), é preciso haver, no mínimo, duas espécies, para que uma relação companheira exista, ou seja, ela acontece na junção de dois animais, humanos ou não, pois a companhia requer que duas espécies estejam disponíveis para o evento. Por isso, um humano que tem um cãozinho, porém, rejeita suas especificidades como cão, como demarcar território com seu xixi, não constrói relação de companhia, pois está exigindo que o cão deixe seus instintos para ser aceito.

Nessa relação companheira, nenhuma das espécies antecede a outra, porque não há espécies determinadas a serem companheiras, há contatos sendo construídos de maneira equivalente e ao mesmo tempo. Um caso curioso disso é um *post* no *Instagram*, onde se contava a história de uma mulher russa que cuidou de um filhote de urso abandonado em um zoológico que faliu; ambos formaram uma relação de companhia, compartilhando o mesmo espaço, realizando atividades juntos e trocando afetos.

A história dos zoológicos é atravessada por várias negligências, como o direito que, para os humanos, é uma necessidade básica: ter



liberdade para ir e vir. Eles armazenavam animais tristes e separados de sua família... Eu me lembro de visitar o zoológico da capital paranaense e ouvir um leão rugindo com tristeza e um tom de solidão; de um lado do muro que separava o ambiente, estava ele, e, do outro, duas leoas que faziam parte de sua prole.

Margareth Rago (2008) trata, em seu texto “Michel Foucault e o Zoológico do Rei”, da dominação que os humanos exercem sobre os animais, especialmente naqueles que estão presos nos zoológicos. Em um dos parágrafos do artigo, ela cita a obra de Ralph Acampora, para promover uma reflexão sobre o controle dos animais, já que a crítica que o autor faz é “[...] bastante ácida, ao demonstrar que o zoológico, produzindo a docilidade dos animais obrigados a conviver com humanos, resulta da dominação e violência destes sobre aqueles.” (RAGO, 2008, p. 06).

Rago (2008) cita Foucault (1977) e Berger (1977), a fim de evidenciar a racionalização presente na “boa intenção” da criação dos zoológicos, porque há uma intenção de estabelecer uma dominação sobre a fauna e a flora, mascarada pela promessa de reconciliação entre as espécies: “[...] o zoológico, ao qual as pessoas vão para encontrar os animais, observá-los, vê-los, é, na verdade, um monumento à impossibilidade de tais encontros.” (RAGO 2008, p. 03 *apud* BERGER, 1977, p. 19). Como realçado por Haraway (2021), precisa-se de, no mínimo, duas espécies para se estabelecer um encontro multiespécies, mas, diante do aprisionamento de uma, não há possibilidade de se instaurar esse encontro, pois esta está impedida de viver a sua natureza.

A “boa intenção” de acolher animais que foram resgatados, maltratados, pegos em operações de tráfico de animais ou até mesmo capturados com a autorização da pesquisa científica, é coberta pelo véu do controle, ao passo que decidirmos que esses animais só estarão bem e seguros se estiverem “acolhidos” no zoológico (ou em laboratórios) e, como forma de gratidão ao acolhimento dos humanos, os animais contribuem para o avanço da ciência, além de “divertirem” a vida de outros humanos que os visitam.

Figura 35 – Leão no Zoológico Municipal de Curitiba



Fonte: Acervo da autora.

Os cães que estão no mundo rural possuem a liberdade de que esse leão sente falta; obviamente, existem sítios que prendem seus cachorros, ao longo do dia, para que eles fiquem “bravos” e mantenham a disciplina, só os soltando à noite. Assim, qualquer pessoa ou algum animal predador que tente se aproximar corre o risco de ser machucado, por conta do estresse e raiva a que esses cães foram subordinados, ao longo do dia.

Mesmo presos na maior parte do tempo, esses cachorros não vão embora, permanecendo nas terras de seus companheiros. McCaig, citado por Haraway (2021, p.35), afirma que “[...] os cães pastores trabalhadores, enquanto categoria, ficam em algum lugar entre ‘animal de criação’ e ‘colega de trabalho’”, não havendo uma relação tão próxima quanto aquelas em que os humanos compartilham a cama com seu cachorro, porém, “[...] respeito e confiança, não amor, são os requisitos fundamentais para uma boa relação de trabalho entre esses cachorros e humanos.”

Os humanos cuidam das terras, ao longo do dia, fornecem lugar de descanso, comida e água para seus colegas caninos e, à noite, os cachorros assumem o controle das terras, estando em alerta para qualquer aproximação. Jeff Hearne (apud HARAWAY, 2016, p.44) “[...] vê tanto os humanos quanto os cachorros como seres com uma capacidade específica da sua espécie de compreender normas morais e de buscar conquistas sérias”, o que explica o comprometimento dos cães em seus trabalhos, mesmo na ausência do seu humano. Os cães que protegem suas casas sabem que devem latir para possíveis ameaças, a fim de denunciar quem se aproxima; não é preciso que o humano fique junto o tempo todo, dando-lhe o comando de latir no momento certo ou de passar a noite acordado para seu trabalho.

Uma violência que os ditos amantes de animais exercem é fazer com que estes fiquem dependentes de seus cuidados, privando-os de terem uma possibilidade de existência mais inventiva, em seu habitat natural; em alguns casos, realmente o animal fica fragilizado, a ponto de não poder voltar às florestas, todavia, deve ser a opção que restou, após tentar todas as alternativas para que o caminho ao seu lugar de origem seja retomado.

Não podemos colocar os animais em nossas relações edipianas, como assinalam Dolores Galindo e Daniele Millioli: “[...] animais constroem, interpretam, dão significados às experiências das quais fazem parte a partir de uma perspectiva diferente dos humanos, a partir de subjetivações que não podem ser alcançadas por meio de analogias simples.” (GALINDO;



MILIOLI, 2016, p.145). Quando pensamos sobre as práticas de cuidado, por exemplo, é necessário refletir sobre o cuidado interespecies. Afinal, acreditamos que somente os humanos cuidam dos animais, porém, como os animais cuidam de nós?

Talvez essa questão seja mais fácil de ser respondida com aqueles que não só convivem com animais, mas que permitem que a relação seja fluida. Trago Scott como caso. O cãozinho foi adotado em 2020, no dia 20 de março, quando a pandemia já havia começado e eu morava apenas com meu irmão, em um apartamento em Ourinhos/SP. Chegamos ao acordo de que um cãozinho seria uma ótima companhia, entramos em um grupo de adoção de animais, vimos uma publicação, fizemos contato com a tutora, a qual respondeu que havia um machinho que ainda não tinha sido doado. Porém, naquele momento ela não tinha foto; sem nem mesmo ver uma foto de Scott, pegamos o carro e fomos buscá-lo: foi uma surpresa para ele e para nós o nosso encontro.

Allan, meu irmão, nomeou o cãozinho como Scott, pois era o nome do protagonista de uma série sobre lobisomem. Achamos que o nome poderia combinar com ele, já que ele era meigo e bravo, ao mesmo tempo, assim como o ator.

A casa, que antes tinha um funcionamento, passou a ter outra rotina, Scott, em seus primeiros dias, tinha medo de tudo, até da escada que dava acesso ao segundo andar do apartamento; todavia, no decorrer do tempo, começou a desbravar cada pedaço da casa e a conquistar os vizinhos – ele sabia quando eles chegavam e logo corria para a escada, sentava-se e esperava que algum deles o elogiasse e, quando isso não acontecia, voltava para dentro, com ar de decepção.

Assim como a pesquisa que escrevi esteve em movimento entre Pinhalão/PR e Ourinhos/SP, Scott também assim esteve, contudo, a forma como se comportava entre as duas casas era diferente: em Pinhalão/PR, ele sabia que podia latir até para o vento, porém, no apartamento, costumava ser mais silencioso e, quando queria foliar, descia até a garagem, a fim de chamar o cachorrinho que morava no apartamento do térreo para brincar e, mesmo com os portões da garagem abrindo a todo o momento, ele sabia qual era a hora de sair.

Onde quero chegar com os casos sobre Scott? “Precisamos de histórias para discorrer sobre animais, precisamos de histórias para observá-los, acompanhando-os. Este movimento leva a um modo de contar histórias assimilado ao feminino para a construção de ciências feministas.” (DESPRET; STENGERS, 2012 *apud* GALINDO; MILIOLI, 2016, p.152). Nós não ensinamos essas coisas a ele, compartilhamos como

a casa funcionava, mas ele decidiu sobre seu comportamento nos lugares onde habitava. Sabia como cuidar, não só de nós, mas também da vizinhança.

Scott não gosta de ração, mas de legumes e frutas; o seu gosto por determinados tipos de comida fez com que criássemos o hábito de consumir alguns legumes e frutas que não costumávamos ter em casa. Como posso então dizer que fui eu que o educou e condicionou, através de minhas técnicas de reforço *behavioristas*, se ele escolheu seu alimento e ainda influenciou a minha alimentação?

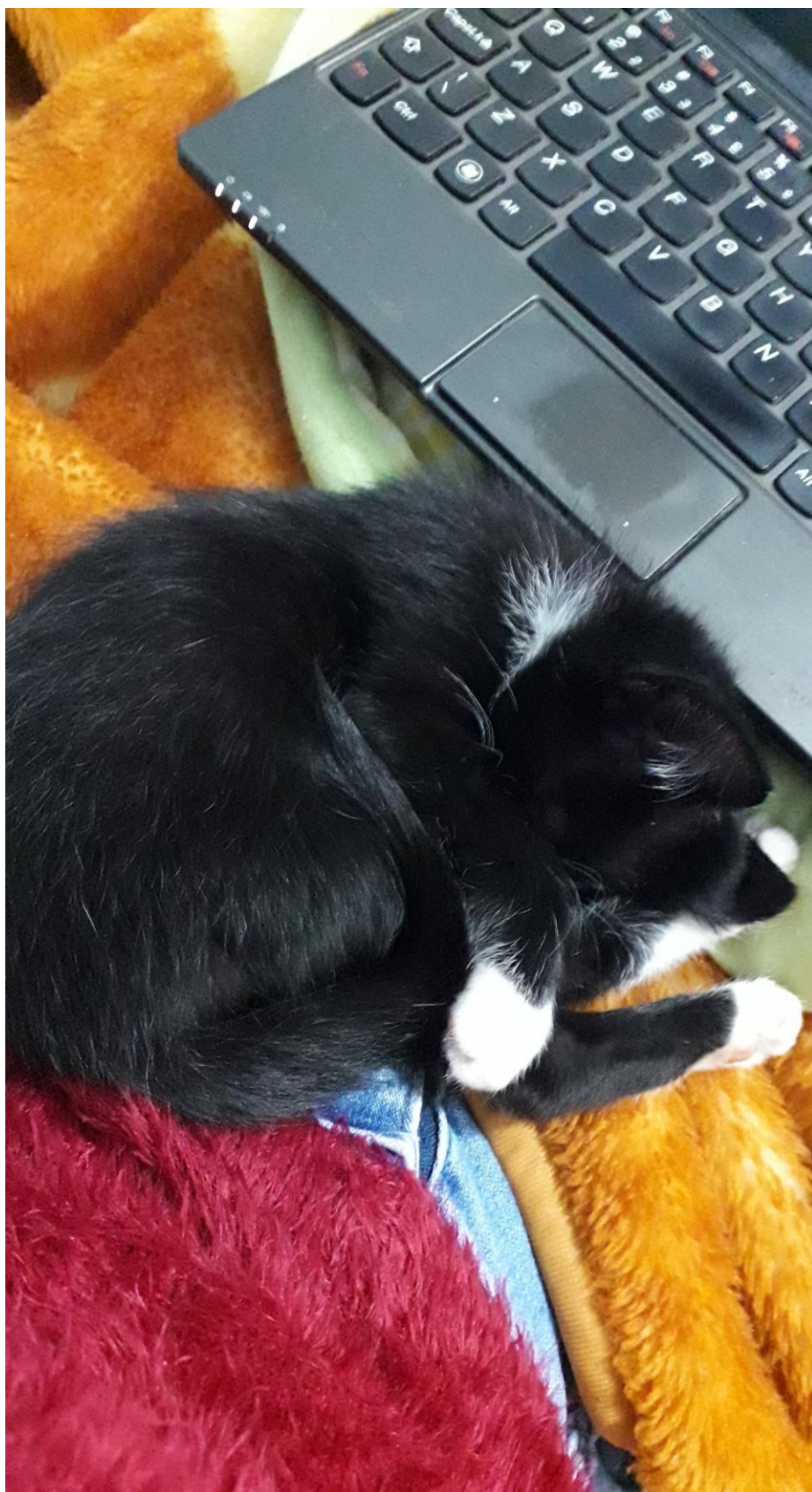
Como falar com meu cachorro, sem colocar palavras na sua boca? Como estabelecer comunicação com quem não fala a linguagem dos humanos? Há momentos nos quais entendo melhor o que meu cachorro quer dizer do que muita gente. Para se comunicar com outra espécie, é preciso estar disponível para tal ato; logo, não é fácil controlar a necessidade humana de interpretar tudo ou de falar com os animais como se eles fossem idiotas.

Scott é um cachorro muito expressivo e reservado, não gosta de muito “grude”, toda vez que alguém o pega no colo, faz expressão de desprezo ou de bravo e dedica-se fortemente a desvencilhar-se do colo que o aprisiona.

Eu e ele estabelecemos uma rotina de afetos, pois eu sei que ele está disponível para carinhos no seu pelo e a ficar mais próximo, no período da manhã; às vezes, a iniciativa dessa troca de afeto parte dele mesmo. Demoramos para desenvolver esse respeito mútuo pelo espaço do outro: na minha cabeça, ele deveria ser carinhoso, porque “cães são mais amorosos que gatos” – equívoco meu. Eu tinha comigo uma relação que eu idealizei, não que construí com Scott; nessa concepção era um cachorrinho dependente de meu afeto e carente por isso... Obviamente, há saudade entre nós dois, de modo que, quando me ausento por um período longo, o comportamento dele em casa com as pessoas que estão com ele muda, ficando mais retraído e teimoso. Compartilhando o espaço, hoje, com gata, cachorros e cachorra, percebo o quanto minha concepção estava errada. Janete Cat é carinhosa e ama um colo, Scott é reservado e todo valentão, Neguinha é agitada e protetora, Maiado é bravo e dengoso.

Trago impressões do diário de campo dos dias em que Janete chegou a nossa casa.

Figura 36 – Janete: a gata dorminhoca



Fonte: Acervo da autora

23 de maio de 2021

Janete

Agora temos mais uma moradora nesta casa, Janete, a gata! É tão curioso perceber as diferenças entre ela e os cachorros, a forma como se relacionam conosco e entre eles!

Scott aceitou bem, mas Neguinha ainda está estranhando, vem cheirar, acha estranho, tenta morder e, se a gatinha corre, parte para a caça.

Aos poucos, estamos ensinando que agora eles têm uma nova amiga e que não são inimigos, até porque quem ensinou a caçar gatos fomos nós, sendo eles condicionados a isso.

Figura 37 – Aquecer



Fonte: Acervo da autora.

27 de maio de 2021

Como dormir de forma correta

Enquanto Neguinha e Scott nos prendem a atenção, com as brincadeiras agitadas e ferozes, Janete nos encanta com a delicadeza e a preguiça. Cada hora é um jeitinho diferente de pedir carinho e de descobrir a casa e seus cantos.

Os cachorros seguem estranhando. Scott fica apavorado, quando Janete chega perto, enquanto Neguinha fica brava: se tocar nela, Janete leva mordida rs.

Figura 38 – Aconchego entre Scott e Janete



Fonte: Acervo da autora.

03 de junho de 2021

Nada que o frio não resolva!

Scott se acostumou com as brincadeiras agitadas de Neguinha, mas tem descoberto brincadeiras calmas com Janete. Os dois correm, às vezes ela agarra o pescoço dele e ele sai correndo pela casa. É engraçado perceber como a amizade entre animais acontece; na nossa casa tem cachorro que dorme com gato e, na chácara, galinha que cria angola. No fundo, acho que tem algo a mais nessas relações que, a princípio, não consigo perceber.

Scott morava sozinho comigo, tinha seus colegas de condomínio que ele insistia em chamar para brincar toda manhã. Quando nos mudamos para a casa de meu pai, ele ficava receoso com as brincadeiras agitadas de Neguinha, porém, com o tempo, foi se acostumando e aprendendo a se defender. Quando Janete chegou, ele encontrou alguém de seu tamanho para brincar, agora, passa mais tempo com Janete do que com Neguinha.

Compreendo o que Dolores Galindo e Daniele Milioli (2018, p. 92) afirmam, quando frisam que “[...] os animais requerem de nós políticas corporais singulares”, ao ser interrogada de maneira diferente por cada um deles. Complementa Haraway (2018) sobre isso:

A sensibilidade às formas de vida animais, nas práticas cotidianas, requer que baixemos o tom nas narrativas de colapso, de quebra, de ruptura, dirigindo-nos para as tonalidades micropolíticas dos acontecimentos: mover-nos nas velocidades ditadas pelas dimensões afetivas e físicas dos animais. (HARAWAY, 2018, p. 91).

Construir afetos com nossos animais requer direcionamento para as micropolíticas dessa relação; não é algo fácil de se exercer, é mais fácil construir relações edipianas e reducionistas, do que colocar os animais como coprotagonistas dos afetos. Entretanto, “[...] essa relação não é especialmente agradável; é cheia de desperdícios, crueldade, indiferença, ignorância e perdas, bem como de alegrias, invenções, trabalho, inteligência e diversão.” (HARAWAY, 2021, p. 13). Por conseguinte, dispor-se ao outro é estar suscetível a não ser correspondido a todo o momento.

Figura 39 – Pipoca e Chiclete: cachorros da Vó Beth



Fonte: Acervo da autora.

13 de junho de 2021

Chiclete e sua forma carinhosa de amar o Pipoca...

Chiclete é tão empolgado com tudo o que faz, que às vezes extrapola, ao demonstrar. Ele é um filhote ainda, mas é grande, isso o faz ser desengonçado. Quando chegamos à casa de Vó Beth, precisamos sempre tomar cuidado, pois Chiclete está crescendo rápido e, como é muito brincalhão, vem correndo para pular em nós, vive derrubando as pessoas por aí, porém, o lado bom é que ele coloca limite nas pessoas curiosas, elas ficam ressabiadas, quando precisam ir à casa de minha avó, pois sabem que o cachorro vai correr atrás delas.

Figura 40 – Violeta: cachorrinha da dona do cafezal que estávamos colhendo



Fonte: Acervo da autora.

12 de junho de 2021

Comecei a colher café junto com meu irmão caçula. É um lugar lindo; entre uma panada e outra, é possível apreciar a paisagem, o horizonte. Das coisas que sentia falta, quando morei em Ourinhos, era da paisagem paranaense – é tudo tão lindo e montanhoso.

Quando paramos para almoçar, recebemos a visita da cachorrinha dos donos do cafezal. Ficou por ali, pediu carinho, almoçou e foi embora. Depois, ia e voltava ao longo da tarde, parecia uma fiscal da colheita, como se fosse seu dever cuidar para seu dono, garantir que tudo desse certo.

Figura 41 – Peludo: cachorro da Vó Cecília



Fonte: Acervo da autora.

Dia 21 de agosto de 2020

Peludo apareceu na casa da Vó Cecília já tem um bom tempo; ele chegou com a aparência de quem tinha um bom lar, estava saudável e com os pelos bem cuidados. A avó alimentou, deu pouso e aguardou pelo dono, pois não fazia ideia de quem era. Ela pensou que ele voltaria embora por ser grande, mas não voltou! Ele foi ficando e agora mora ali. Algo fez com que ele desejasse ficar, não sabemos o que é, mas ele se sentiu em casa.

4.3 Alimento da alma e do corpo

Figura 42 – A alface e a borboleta



Fonte: Acervo da autora.

25 de abril de 2021

Enquanto subia com a caixa de alface, essa borboleta pousou em uma delas e pegou carona até lá em cima. Achei tão bonita, e como coisas tão pequeninas podem capturar nossa atenção e simbolizar coisas boas.

24 de agosto de 2020

Hoje foi dia de matar um porquinho que meu tio colocou em nosso chiqueiro; enquanto os homens estavam preparando o momento do abate – porque não é simples matar um animal, precisa de coragem e respeito, se estiver com dó, o animal não morre e ele sofre –, minha tia acendia o fogão de lenha para fritar a carne e cozinhar a mandioca. Toda vez que se mata um porquinho, tem-se esse ritual lá na chácara; meu pai nem vem em casa almoçar, pois o almoço deles será carne e mandioca.

Figura 43 – Cozinhando no fogão a lenha



Fonte: Acervo da autora.

Antes de cultivarmos as hortaliças, hoje nosso principal gerador de renda, nós plantávamos café. Toda a família é apaixonada pelo cultivo cafeeiro, desde o plantio da muda até passar aquele café, que preenche a casa com seu cheiro majestoso. Entretanto, em 2010, uma geada muito forte assolou a nossa região, de maneira que nos vimos forçados a começar um cultivo que nos desse retorno financeiro rápido. Como o café tinha sido muito prejudicado, meu pai procurou informações na EMATER e foi indicado a ele o cultivo de hortaliças. Com cinco canteiros, meu pai iniciou o plantio de verduras.

No começo, as mãos que estavam acostumadas a pegar pesado no café não souberam como cuidar das delicadas mudas de alface; as plantas não cresciam e, se cresciam, não agradavam aos olhos. Meu pai precisou aprender com as plantas como cuidar delas. Diferentemente do café, as verduras necessitam de delicadeza, de contato com a mão do produtor na terra, de carinho na hora de colocá-las no canteiro, de água várias vezes ao dia: enfim, elas precisam de cuidado redobrado.

Mas meu pai se entendeu com as verduras, elas começaram a crescer viçosas e ele achou nelas uma terapia. Hoje, dos cinco canteiros surgiram mais 200, não existe mais café, a jovialidade que o café demandava foi trocada pela calma que os pés de alface pediam. Ele costuma dizer que não contrata ninguém para trabalhar com ele, porque as plantas sentem energia ruim; se não estiver bem, se não for sincera a relação, elas não saem, numa espécie de protesto, uma recusa de viver em um mundo de mau humor.

Quando íamos plantar as mudinhas, ele nos ensinou a como tomar cuidado, a não colocar força demais e nunca estar de luva, porque a planta gosta do cuidado; meu pai costuma dizer que precisa ir à horta todo dia para zelar, pois, se não elas não crescem, elas gostam da presença humana para exigir a sua formosura crescendo.

Donna Haraway (2021, p. 15) considera espécies companheiras como “[...] uma categoria maior e mais heterogênea que animal de companhia, e não apenas porque devemos incluir nela seres orgânicos, como arroz, abelhas, tulipas e a flora intestinal, todos essenciais para que a vida humana seja como é e vice-versa.”

As espécies companheiras são diferentes entre si e dividem o espaço, não qualquer espaço, mas aquele que abriga o íntimo de cada uma delas e, para ser espécie companheira, é preciso que ambos os lados reconheçam a alteridade que

cada um tem, longe dos discursos patriarcais e capitalistas que insistem no dualismo das divisões entre animais e humanos, organismos e máquinas.

Emanuelle Coccia pontua que reservar apenas aos animais o conceito companhia faz com que estendamos “[...] o narcisismo humano ao reino animal” (COCCIA, 2018, p. 12) e, quando nos propomos refletir sobre as espécies que compõem nossa vida, não podemos deixar de mencionar as plantas e quanto a nossa sobrevivência depende delas.

Quando aludo a sobrevivência, não estou apenas mencionando o fornecimento de oxigênio, que é crucial para a vida dos animais humanos e não humanos, mas diretamente considerando uma família de agricultoras familiares; trago ainda a sobrevivência financeira, que é dependente das plantas e de seus frutos, também a respeito de nossa alimentação e dos animais não humanos que a têm como principal, em sua dieta. Acredito que podemos levar mais a fundo ainda a questão da sobrevivência que é garantida pelas plantas, como evidencia Emanuelle Coccia (2018, p.16): “[...] nosso mundo é um fato vegetal antes de ser um fato animal.”

Pensando sobre o futuro, algumas pesquisadoras salientam que, para a sobrevivência do planeta, teremos de adaptar o cardápio que inclui a carne como alimento principal, porque, como fala Elaine de Azevedo (2021, p.3) “[...] qualquer sistema que pretenda continuar a alimentar as 10 bilhões de pessoas previstas na Terra em 2050 terá que ser baseado em plantas – ou corremos um enorme risco de passar fome ou de nem estar aqui em 2050”.

A produção de carne em larga escala forçou um ambiente tóxico entre animais e humanos, pois o lugar onde esses bichos são criados não lhes fornece um ambiente saudável e, conseqüentemente, para os humanos também não. “Há diferentes epidemias virais já comprovadamente relacionadas ao sistema de produção animal industrial, como a gripe suína, cuja causa foi a migração do vírus de porcos confinados para os seres humanos sob uma relação, digamos, estreita demais.” (AZEVEDO, 2021, p. 3).

O fato é que nossa alimentação deverá priorizar as plantas, nas próximas décadas, ou se espera que isso aconteça. Não será apenas uma mudança de dieta, mas igualmente uma mudança no trabalho. O cuidado com as plantas requer uma delicadeza diferente: elas não pulam em nós, quando chegamos perto, não ronronam ou latem, porém, as plantas falam conosco.

Se as sufocamos com água demais, elas nos mostram através do caule que apodrece, se adubamos demais, refletem em suas folhas, se falta água, elas murcham e secam, se pesa a mão, elas demoram a crescer; somente com o corpo disponível e atento podemos falar com as plantas. É preciso se abaixar e sentir a terra para plantar, é preciso se ajoelhar para colher as verduras, é preciso força para arrancar a mandioca e sabedoria para entender que a terra é o melhor lugar para se armazenar o alimento (CANDIDO, 2010, p. 84).

Entender que a terra é o melhor lugar para guardar os alimentos parece óbvio, contudo, isso não é colocado em prática por muitos. O desperdício de comida em casas e nos mercados é muito grande, as grandes redes compram verduras e legumes aos montes, mas nem sempre vendem e, como começam a ficar murchos, as pessoas já não compram mais. Na nossa prática de comercializadores de verduras, muitas vezes diminuimos por nossa conta a quantidade de verduras a entregar, no mercado, porque nós, que trabalhamos na terra, sabemos o quanto é valioso o tempo que aquela verdura levou para crescer, quanto cuidado foi envolvido nesse tempo; as verduras que começam a murchar nos mercados não são doadas e nem reaproveitadas, isso é uma violência contra a natureza e contra a fome.

Segundo Coccia (2018, p. 30), “[...] apreender o mistério das plantas significa compreender – de todos os pontos de vista e não apenas das perspectivas genética e evolutiva – as folhas”, o que é muito fácil para os verdureiros, já que o mistério da folha e sua comunicação é o que define nosso trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os caminhos que guiaram esta pesquisa foram se transformando de acordo com os movimentos que íamos fazendo no ato de pesquisar, o trajeto inicial mudou várias vezes, mas permitiram construir uma paisagem linda e composta no coletivo.

Buscamos trazer os causos e o diário de campo para mostrar o caminho que permitiu chegar as reflexões que aqui escrevemos, bem como trazer todas e todos que compuseram comigo essas linhas de escrita.

Nosso intuito foi construir uma pesquisa-causo envolvendo a pesquisadora e os animais a fim de falar sobre o trabalho da mulher rural e dos cachorros perpassando a sua própria experiência e de sua família que situam na cidade de Pinhalão-Paraná.

Os causos como método inventivo de escrita mostrou uma boa ferramenta para resistir a escrita colonial de construção de pesquisas, permitiu compor as linhas da dissertação transmitindo os saberes e o costumes dos povos rurais, sua ancestralidade e conhecimento através de uma forma íntima e coletiva ao acionar memórias construídas por pessoas e gerações diferentes.

Notou-se que as metodologias inventivas de escrita possibilitaram que os coautores, família, animais e plantas, pudessem contribuir com esta pesquisa através dos registros audiovisuais e dos causos, transmitindo as vivências rurais e construindo um afeto agroecológico na escrita, ressignificando as formas de fazer pesquisa que estamos tão acostumados na ciência tradicional.

Observou-se que os mundos rurais são compostos pela multiplicidade, desta forma, devemos pensá-lo no plural, pois a expressão “meio rural” excluiria todas as formas de viver esses mundos rurais, vejamos, somos uma família de trabalhadores rurais que moram no meio urbano, assim como há aquelas que moram no rural e trabalham no urbano, e outras possibilidades outras são formadas pois um atravessa o outro, sem estar preso a dicotomia rural x urbano.

As observações no trabalho de campo e posteriormente registradas em diário, nos proporcionou o encontro com o conceito de cães de passagem, que se tornou um ponto alto para pensarmos na autonomia dos cães, sem atravessá-los por nossas ideias edipianas de cuidado. Podemos refletir com eles e sua liberdade o lugar de centralidade que o ser humano se colocou e o quanto isso é colocado em xeque ao passo que esses animais vivem bem sem nossa tutela.

Propor uma agroecologia dos afetos foi primordial para transmitir a capacidade afetiva presente nesta escrita, pois apenas a palavra afeto não conseguiria dar conta das experiências das relações multiespécies e do reconhecimento do trabalho de todos, na roça. Mas do que isso, pensar as relações rurais sob o viés da agroecologia nos abre as portas para propormos novas perguntas, não só aos cães, entretanto com as outras espécies que permeiam nossas vidas.

Ao escrever sobre o trabalho das mulheres rurais e suas relações multiespécie percebemos que abordamos aqui apenas uma das formas de relacionar-se com o mundo de maneira inventiva e íntima com os seres, nos instigando a escrever mais sobre os afetos transmitidos com as plantas, já que a pesquisa aconteceu no meio da horta, mas deixamos esse assunto para a tese de doutorado.

Fica nosso convite aos pesquisadores das áreas sociais, principalmente, a psicologia a construir saberes localizados e diversificados sobre nossos povos e comunidades, precisamos de uma ciência que faça sentido a nossa ancestralidade e traga os nossos costumes para academia, não como forma de “cientifizar” tudo, porém como um espaço de transfluência buscando práticas de compartilhamento, onde reconhecemos trabalhos, com o das mulheres rurais e dos cachorros, como existentes.

Não almejamos aqui construir uma resposta para uma só pergunta, mas permitimos que pudéssemos encerrá-la com novas, e boas, perguntas, com inquietações e curiosidades que nos levam a pensar além daquilo que nos propõem nossas grades curriculares, em conjunto com nossos saberes orgânicos que pertencem os seres que convivem conosco e que chegam até nós em nossa práxis psicológica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Angélica. Marcha das Margaridas: por uma vida livre de todas as formas de violência, sem racismo e sem machismo. **Articulação Nacional de Agroecologia**, 2019. Disponível em: <https://agroecologia.org.br/2019/08/13/marcha-das-margaridas-por-uma-vida-livre-de-todas-as-formas-de-violencia-sem-racismo-e-sem-machismo/> . Acesso em: 20 jan. 2022.

ARTICULAÇÃO NACIONAL DA AGROECOLOGIA. **Sem Feminismo Não Há Agroecologia**. 2018. Disponível em: <https://agroecologia.org.br/2018/09/05/sem-feminismo-nao-ha-agroecologia-2/>. Acesso em: 01 set. 2021.

AZEVEDO, Elaine de. Agricultura orgânica, COVID e saúde. **Piseagrama**, Belo Horizonte, seção Extra!, 19 jan. 2021.

AZOULAY, Ariella. **The civil contract of photography**. New York: Zone Books, 2008.

AZOULAY, Ariella. **Historia potencial y otros ensayos**. México: Conaculta, 2014.

AZOULAY, Ariella. Unlearning Imperial Sovereignities. **Versos**. East River, 24 out. 2018. Disponível em: <https://www.versobooks.com/blogs/4096-unlearning-imperial-sovereignities>. Acesso em: 15 jan. 2022.

AZOULAY, Ariella. Desaprendendo origens da fotografia. **Zum**, São Paulo, v. 17, p. 131-137, 2019.

BIANCHINI, Maria Letícia de Oliveira; GALINDO, Dolores Cristina Gomes. Mulheres e sua história com o café. *In*: LIMA, Conceição Maria Dias de. **Cultura e dinâmicas territoriais**. Arapicara: Eduneal, 2021. p. 64-69.

BÍBLIA, A. T. Gênesis. *In*: **Sagrada Bíblia Católica**: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008. p. 202-203.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Tempos e espaços nos mundos rurais do Brasil. **Ruris**, Campinas, v. 1, n.1, p. 37-64, 2007.

CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.

CARTA DAS MULHERES DA AGROECOLOGIA. 2014. Disponível em: <https://fase.org.br/pt/acervo/documentos/carta-politica-mulheres-e-agroecologia/> Acesso em: 20 jan. 2022.

COCCIA, Emanuelle. **A vida das plantas**: uma metafísica da mistura. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. Experiencias de montaje creativo: de la historia oral a la imagen en movimiento ¿Quién escribe la historia oral? (Portada). **Chasqui** – Revista Latinoamericana de Comunicación. Comunicación política y pueblos indígenas. Quito, n. 120, p. 14-18, dez. 2012.

DELL'AGLIO, Daniela Dalbosco. **Ecologia do cuidado**: práticas cotidianas e arranjos de imprevisibilidades em uma comuna rural. 2021. Tese (Doutorado em Psicologia Social e Institucional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

DESPRET, Vinciane. Histórias e subjetividades em etologia. Tradução de Eudênio Bezerra. In: VIANNA, Beto (org.). **Biologia da Libertação**: ciência, diversidade e responsabilidade. Belo Horizonte: Mazza, 2008.

DESPRET, Vinciane. **O que diriam os animais?** São Paulo: UBU, 2021.

DORNELES, D. R. Palavras Germinantes: Entrevista com Nego Bispo. **Identidade!**, [S. l.], v. 26, n. 1- 2, p. 14-26, 2021. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/Identidade/article/view/1186>. Acesso em: 2 mar. 2023.

ESCOBAR, Arturo. **Sentipensar con la tierra**: nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia. Medellín: Universidad Autónoma Latinoamericana – UNAULA, 2014.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser Afetado**. Tradução de Paula Siqueira. **Cadernos de campo**, n. 13, 155-161, 2005. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v13i13p155-161>. Acesso em: 22 mar. 2022.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019.

FERREIRA, Karla Patrícia M.; BOMFIM, Zulmira Áurea C. Juventude no semiárido nordestino: caminhos e descaminhos da emigração. In: LEITE, Jäder Ferreira; DIMENSTEIN, Magda (org.). **Psicologia e contextos rurais**. Natal, RN: Editora da UFRN, 2013.

FIGUEIREDO, Gislayne Cristina; SEWO, Mírian Toshiko; RIBEIRO, Rosa Lúcia Rocha; BARROS, Amailson Sandro de. Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária: contribuições da Psicologia Social Comunitária. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 10, n. 1, p. 128-140, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpsds.v10i1.3256>. Acesso em: 20 jan. 2022.

GALINDO, Dolores; MILIOLI, Danielle. Pesquisar-Dançar com animais. In: FERREIRA, Marcelo Santana; MORAES, Marcia. **Políticas de Pesquisa em Psicologia Social**. Rio de Janeiro: Nova Aliança, 2016. p. 137-164.

GALINDO, Dolores; MILIOLI, Danielle. Psicologia e etologias: algumas contribuições de Deleuze, Haraway e Despret. **Revista Polis e Psique**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 63-84, 2020.

GALINDO, Dolores; MILIOLI, Danielle; SANDER, Jardel. Da sensibilidade às formas de vida animais. *In*: COSTA, Luís Artur; BARROS, Maria Elizabeth de; MIZOGUCHI, Danichi Hausen. **Colapso clínico-político do comum na contemporaneidade**. Curitiba: CRV, 2018. p. 89-106.

GUHUR, Dominique; SILVA, Nívia Regina da. Agroecologia. *In*: DIAS, Alexandre Pessoa *et al.* (org.). **Dicionário de agroecologia e educação**. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2021.

HAESBEART, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>. Acesso em: 20 out. 2021.

HARAWAY, Donna J. **When species meet**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008 (Posthumanities Series, v. 3).

HARAWAY, Donna J. Tentacular Thinking: Anthropocene, Capitalocene, Chthulucene. **E-flux journal**, set. 2016. Disponível em: <https://www.e-flux.com/journal/75/67125/tentacular-thinking-anthropocene-capitalocene-chthulucene/>. Acesso em: 07 jan. 2022.

HARAWAY, Donna J. Cuando las especies se encuentran: Introducciones. **Tabula Rasa**, v. 31, p. 23-75, 2019. DOI: <https://doi.org/10.25058/20112742.n31.02>. Acesso em: 10 abr. 2021.

HARAWAY, Donna J. **O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARDING, Sandra. Objetividade mais forte para ciências exercidas a partir de baixo. **Em construção**, Rio de Janeiro, v. 5, p. 143-162. maio 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/emconstrucao/article/view/41257/29787>. Acesso em: 01 set. 2021.

KITCHELL, Kenneth. Penelope's Geese. **Revista Expedição**. Penn Museum, 2011. Disponível em: <http://www.penn.museum/sites/expedition/?p=13035> Acesso em: 15 de ago. 2021.

LORAU, René. René Lorau na UERJ – Análise institucional e práticas de pesquisa. **Mnemosine**, v. 3, n. 2, Editorial, 2007.

LURY, Celia; WAKEFORD, Nina. Introduction: a perpetual inventory. *In*: **Inventive Methods: the happening of the social**. Abingdon: Routledge, 2012.

MAGALHÃES, Maiane Oliveira Silva. **Histórias de Dindo: causos, benzas e rezas**. 2019. Trabalho de conclusão de curso – UNILAB, São Francisco do Conde, 2019.

MARGULIS, Lynn; SAGAN, Dorion; GUERRERO, Ricardo; RICO, Luis. Propriocepção: quando o ambiente se torna o corpo. Tradução de Olav Lorentzen. **Cadernos Selvagens**, 2020. Disponível em: http://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2020/11/CADERNO_7_MARGULIS.pdf. Acesso em: 01 maio 2022.

MARK, Joshua J. Cães no Mundo Antigo. **Enciclopédia da História Mundial**. 14 jan. 2019. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/article/184/dogs-in-the-ancient-world/>. Acesso em: 15 ago. 2021.

MARQUES, Gabriela da Silva; SILVA, Denise Regina Q. Invisibilidade das mulheres trabalhadoras rurais: as produções científicas da psicologia no Brasil. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 23, maio 2018. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/8ff0/cac3c2ae8d07afdb25b873303701a8bf4f.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2021.

MARTINS, Angelita; QUADROS, Deisily de. Em cada casa, um caso. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LEITURA E LITERATURA INFANTIL E JUVENIL, II., 2010. Porto Alegre. **Anais eletrônicos** [...]. Porto Alegre: EdipucRS, 2010. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/IICILLIJ/7/Emcadacasa,umcauso-PUCRS.pdf>. Acesso em: 13 set. 2021.

MORAES, Lorena Lima; SIEBER, Shana Sampaio; FUNARI, Juliana Nascimento. Mulheres lideranças rurais, participação política e trabalho de cuidado durante a pandemia de covid-19. **Revista Inter-Legere**, v. 3, n. 28, p. c21574, 2020. Acesso em: 1 set. 2020.

NASCIMENTO, Maria Lívia do; LEMOS, Flávia Cristina Silveira. A pesquisa-intervenção em psicologia: os usos do diário de campo. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 57, p. 239-253, jul./dez. 2020. DOI: : <http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i57.14675>. Acesso em: 10 jan. 2022.

NEVES, Delma Pessanha. Agricultura Familiar. **Dicionário da Educação do Campo**. 2012. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/l191.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2023.

NOBRE, Mirian. Mulheres rurais na pandemia: desigualdades e práticas econômicas para a vida. **Mulheres na pandemia**. 2021. Disponível em: <http://mulheresnapandemia.sof.org.br/mulheres-rurais-em-meio-a-pandemia/>. Acesso em: 30 ago. 2021.

NOGUEIRA NETO, José Maria. **Palestra proferida no Pós-Psicologias-UFC**, Sobral (Ceará), jan. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O7jY8sxF6Aw>. Acesso em: 21 jan. 2022.

ONU. **Cinco atitudes e ações da ONU para acabar com a fome**. 19 out. 2018. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2018/10/1643882>. Acesso em: 01 set. 2021.

PARANÁ. **Estatuto dos Funcionários Públicos e Cíveis do Poder Executivo do Estado do Paraná**, Lei nº 6174 de 16 de novembro de 1970. Disponível em: <https://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=10297&codTipoAto=&tipoVisualizacao=alterado> . Acesso em: 30 ago. 2021.

PARANÁ. Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado do Paraná. **Mulheres garantem renda e se destacam com produção de café especial no Paraná**. 2022. Disponível em: <https://www.aen.pr.gov.br/Noticia/Mulheres-garantem-renda-e-se-destacam-com-producao-de-cafe-especial-no-Parana>. Acesso em: 26 fev. 2023.

PAULILO, Maria Ignez Silveira. Que feminismo é esse que nasce na horta? In: VEIGA, Ana Maria *et al.* (org.). **Mundos de mulheres no Brasil**. Curitiba: CRV, 2019.

PEREIRA, Thais Fernandes. Estudos Multiespécies: uma breve análise da teoria e de suas aplicações. **Revista Ensaios**. v. 13, jul./dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.22409/re.v13i0.40125>. Acesso em: 04 jan. 2022.

PINHEIRO, Naira Letícia G. M.; SCHWENGBER, Maria Simone V. Visibilidades do trabalho de mulheres rurais na rede social digital *facebook*. **Revista Teias**, v. 21, n. 60, p. 255-269. jan./mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.12957/teias.2020.48650>. Acesso em: 30 jul. 2021.

PORCHER, Jocelyne; ESTEBANEZ, Jean. **Animal Labor: A New Perspective on Human-Animal Relations**. Bielefeld: Transcript, 2019.

PORCHER, Jocelyne; SCHMITT, Tiphaine. Dairy Cows: Workers in the Shadows?. **Society & Animals**, v. 20, p. 39-60. jan. 2012.

RAGO, Margareth. Michel Foucault e o zoológico do rei. In: VEIGA NETO, A. **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ROCHA, Jailson José Gomes da. **Nós e os outros animais: sociabilidades e normatividades multiespécies**. João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, quilombos modos e significados**. Brasília: INCTI/UNB, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo. Somos da terra. **Piseagrama**, Belo Horizonte, n. 12, p. 44-51, 2018.

SANTOS, Antônio Bispo. **Palestra proferida no Educando para a Diversidade**, Assis (São Paulo), ago. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tpKNpYYoiPc&t=6706s>. Acesso em: 23 ago. 2021.

SÃO PAULO. **Estatuto dos Funcionários Públicos Cíveis do Estado**, Lei nº 10.261 de 28 de outubro de 1968. Disponível em:

<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1968/lei-10261-28.10.1968.html>. Acesso em: 30 ago. 2021

SARAMAGO, José. **A Caverna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 85-87.

SCOTT, Parry; RODRIGUES, Ana Cláudia; SARAIVA, Jeíza. Onde mal se ouvem os gritos de socorro: notas sobre a violência contra a mulher em contextos rurais. *In*: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda. **Gênero e geração em contextos rurais**. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010. Disponível em: https://www.ufpe.br/documents/1016303/1020379/genero+e+gera_o+em+contextos+rurais.pdf/171b01b8-2ded-48dc-9639-8e7e34c7bbcc. Acesso em: 27 jan. 2022.

SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA. **Relatório Pesquisa Sem Parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia**. 2021. Disponível em: <http://mulheresnapandemia.sof.org.br/dados/>. Acesso em: 30 ago. 2021.

SILIPRANDI, EMMA. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

SILVA, Amanda *et al.* Mulheres do campo e violência: um olhar sobre a transição agroecológica. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, XI., 2020, São Cristóvão, Sergipe. **Anais** [...] Cadernos de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe, 2020. Disponível em: <http://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/5791/3223>. Acesso em: 20 jan. 2022.

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. **As paisagens fantásticas e o barroquismo das imagens**. Estudo da memória coletiva de contadores de causos da região missioneira do Rio Grande do Sul. 2004. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

STENGERS, Isabelle. Notas introdutórias sobre uma ecologia de práticas. Tradução de Sebastian Wiedemann. *In*: **Artecompostagem'21**. São Paulo: Instituto de Artes da Unesp, 2021. Disponível em: https://issuu.com/compostagem21/docs/artecompostagem_issuu. Acesso em: 15 jan. 2022.

TARLACH, Gemma. As origens dos cães. **Revista Discover**. 8 nov. 2016. Disponível em: <https://www.discovermagazine.com/the-sciences/the-origins-of-dogs>. Acesso em: 12 ago. 2021.

TSING, Anna Lowenhaupt. Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. Tradução de Pedro Castelo Branco Silveira. **Ilha**: Revista de Antropologia. v. 17, n. 1, p. 177-201, jan./jul. 2015. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2015v17n1p177>. Acesso em: 10 abr. 2021.

TSING, Anna Lowenhaupt. Paisagens arruinadas (e a delicada arte de coletar cogumelos). Tradução de Filipi Pompeu e Mariana Canazaro Coutinho. **Cadernos do Lepaarq**, v. XV, n. 30, p. 366-382, jul./dez. 2018.

URBANIDADE. *In*: **DICIO**. Dicionário *On-line* de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/urbanidade/> Acesso em: 30 ago. 2021

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. **Torto Arado**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2019.

ANEXOS

Descrição das imagens audiovisuais presentes nos *Qrcodes*

Qrcode 1 – Amanhecer na roça

O vídeo de 11 segundos mostra o céu cheio de nuvens cinzas, que reflete a coloração amarela e laranja do sol do amanhecer. A autora o grava em um espaço externo, na chácara da família; como o foco está na luz do céu, as árvores, parte da casa e os pássaros voando aparecem com sombra. Há som de vários pássaros cantando e de galinhas cacarejando.

Qrcode 2 – Arco-íris

O vídeo de 12 segundos focaliza a horta, a qual está sendo irrigada com esguicho giratório que imita uma chuva e, ao ter contato com a luz do sol, forma um arco-íris. Embaixo, veem-se canteiros de verduras vazios para plantar. À esquerda, um chiqueiro e árvores da reserva florestal. Há o som do ambiente com galinhas cacarejando, vento batendo no microfone, o barulho da irrigação e, num tom mais baixo, o ruído da máquina de roçar grama.

Qrcode 3 – Regando a horta

O vídeo de 13 segundos mostra horta com verduras plantadas, a água da irrigação com esguicho giratório cai e, embaixo, os canteiros de alface, repolho, rúcula e quiabo. Ao fundo da imagem, aparecem as árvores e o céu nublado com cores cinza e branca. Há barulho da irrigação.

Qrcode 4 – Água dos canteiros

O vídeo de 13 segundos desvela um terreno íngreme na roça e a água escorrendo por ele, há folhagens secas e mato verde por onde a água desce. Ouve-se o barulho da água escorrendo pela terra.

Qrcode 5 – Chuva

O vídeo de 11 segundos mostra a chuva que cai na roça; na paisagem, há uma plantação de café, no fundo, árvores e um morro, e o céu nublado com coloração cinza. Há o barulho da chuva.

Qrcode 6 – Colhendo rúcula

O vídeo de 14 segundos flagra o braço de uma mulher vestindo uma blusa rosa. Ela colhe rúculas na cor verde, em um canteiro da horta. Há o barulho da rúcula se desgrudando da terra e da irrigação.

Qrcode 7 – Colhendo mexerica

O vídeo de 31 segundos traz um homem e uma árvore de mexericas. Ele sobe na árvore, colhe os frutos e os coloca em um balde amarelo. Há o barulho dos galhos e folhas balançando.

Qrcode 8 – Fruta e boa companhia

O vídeo de 20 segundos, em uma área externa, fixa-se na mão de uma mulher segurando os gomos de uma mexerica. Ela está sentada e, nos seus pés, há um cachorro deitado no chão cheio de grama verde. Depois de filmar o cachorro, ela vira a câmera e mostra a paisagem. É um terreno íngreme, com árvores à sua frente e, no fundo, uma casa de tijolos; do lado esquerdo da casa, uma estufa para plantar pimentão. Há o barulho do vento e passarinhos cantando.

Qrcode 9 – Scott na horta

No vídeo de 14 segundos, observa-se um cachorro na horta. Ele corre por um canteiro vazio. À sua direita, tem-se um canteiro com plantação de almeirão e repolho e, à sua esquerda, um canteiro de alface crespa verde e roxa. A câmera vira para o lado apostado e filma, no fundo, um homem que está roçando o mato com uma roçadeira de motor. Há o som dos pássaros cantando e o ruído do motor da roçadeira.

Qrcode 10 – Scott

O vídeo de 18 segundos mostra um cachorro em uma chácara. Ele corre por uma estrada de terra em direção à câmera. À sua direita, há uma represa cheia de água e, à esquerda, um barranco. Ao fundo, tem-se um terreno íngreme, com uma estrada e árvores. Há o barulho do vento.

Qrcode 11 – Galinhas

No vídeo de 18 segundos, veem-se galinhas, um galo e pintinhos, em um sítio. Eles andam em cima de um terreiro de cimento feito para secar café. À frente e à

esquerda, há um carro vermelho estacionado; ao fundo, do lado direito, uma caixa de água azul, que está coberta com um pano na cor bege e, atrás, tem-se um barranco e, em cima dele, uma plantação de café. Há o som dos pintinhos piando e o barulho de pessoas conversando.

Qrcode 12 – Porcas

O vídeo de 42 segundos focaliza três porcas no chiqueiro. Elas olham para a câmera, depois andam e esbarram umas nas outras. O espaço onde elas estão é cercado por telas e o chiqueiro é feito de madeira e coberto por telhas. Há o som das porcas roncando.

Qrcode 13 – Alimentação

Nesse vídeo, um homem está alimentando as porcas. Ele se aproxima da cerca de telas e assovia para chamar as porcas. Elas se aproximam, ele aponta para uma delas e fala: “Essa aqui é minha”. Ele joga espigas de milho dentro do chiqueiro e as porcas comem. O chiqueiro tem paredes de madeira e telhado feito de telhas, ao fundo, algumas árvores. Há o som do homem conversando com as porcas, as quais roncam de volta.

Qrcode 14 – Humano e porcos

O vídeo mostra o homem dentro do chiqueiro. Ele assovia, pega um pote e bate para chamar a atenção dos porcos, que correm em sua direção. O homem caminha em direção à câmera, para de andar, pega um leitão, que grunhe, recusando o colo, o homem ri. Há o som do homem que assovia, o leitão que grunhe e o porcos roncando.

Qrcode 15 – Indo para a colheita

O vídeo enfoca um homem que caminha na roça. Ele canta e está virado de costas para a câmera, anda e carrega uma caixa de plástico, na cor laranja. Um cachorro anda atrás do homem. À direita, tem-se uma plantação de mandioca e, à esquerda, está o chiqueiro com as porcas, que andam pelo espaço. Ao fundo está um morro, árvores e o céu azul, com algumas nuvens brancas. Há o som do homem que canta e as porcas que roncam.

Qrcode 16 – Chiclete e as galinhas

O vídeo mostra um cachorro com pelos pretos, que abana o rabo, boceja, se senta por alguns segundos e depois sai da frente das câmeras. Perto dele estavam quatro galinhas, três delas com penas brancas, amarelas e marrons, e uma com penas brancas; elas ciscam a grama e batem suas asas. No final do vídeo, a câmera vira e deixa aparecer flores e folhagens que estavam plantadas ao lado das galinhas. Ao fundo, há um terreiro sem grama e várias árvores. O vídeo não possui som.

Qrcode 17 – Chiclete e as galinhas

Nesse vídeo, duas pessoas estão segurando uma lona azul, que elas arrastam pelo chão, para cobrir uma fileira de café colhido e seco. São interrompidas por um cachorro grande, de pelos pretos, que pula em cima do café, o qual se espalha pelo chão. Ao fundo, tem-se uma pequena casa de madeira e uma paisagem de relevos, com gramas e árvores. Há o som da mulher falando “O cachorro” e o barulho do café se espalhando pelo chão.

Qrcode 18 – Dança Multiespécie

O vídeo curto destaca um homem tocando uma sanfona preta e, ao seu lado esquerdo, está outro homem, que dança com o cachorro de pelos pretos, segurando suas patas dianteiras. Ao fundo, há as paredes laranja da área da casa e uma mulher que dança sozinha. Há o som da sanfona tocando uma música gaúcha.

Qrcode 19 – Scott e os Pastorzinhos

O vídeo mostra três cachorros na área externa de uma casa; um deles está deitado no chão, brincando com uma bolinha de Natal, enquanto os outros dois estão ao seu lado esquerdo, brincando entre si. Um dos Pastorzinhos para a brincadeira, para tentar pegar a bolinha; como não consegue, volta a brincar com o outro pastorzinho, que corre para baixo do carro vermelho que está no fundo da imagem.

Qrcode 20 – Neguinha e Janete

No vídeo, uma gata e uma cachorra estão brincando. A cachorra possui coloração marrom, preta, e as patas são brancas. A gata é preta e branca. Elas estão deitadas em cima de um tapete preto e branco e, ao lado direito, há uma cadeira branca.

Qrcode 21 – Janete

O vídeo acompanha a gata com coloração preta e branca, brincando de bater as patas no zíper do encosto do sofá retrátil. Há o ruído do zíper e o barulho da televisão.

Qrcode 22 – Scott e Janete dormindo

O vídeo mostra um cachorro pequeno, de coloração marrom, amarela e branca e uma gata preta e branca, aninhada entre as suas pernas; eles dormem em cima de um pano azul e cinza. Há o barulho da televisão.

Qrcode 23 – Colheita de café

A câmera filma um cafezal. Os pés de café são pequenos, as pessoas colhem seus grãos, derrubando-os em cima de um pano branco. Ao fundo, há o céu azul e relevos, com árvores e gramas. Tem-se o som das pessoas conversando, dos grãos de café caindo no chão e o ruído do vento batendo no microfone.

Qrcode 24 – Fim de tarde na colheita de café de 2021

O vídeo mostra um pé de café carregado de grãos vermelhos, verdes e amarelos e as folhas verdes. A câmera filma, próximo da lente, os grãos, depois começa a subir, focalizando o pôr do sol. No fundo, há relevos com árvores, gramas e uma casa de onde sai uma fumaça e o céu com cores azul, alaranjada, branca e vermelha. Há o canto de vários pássaros.

Qrcode 25 – Recolhendo café

No vídeo, três pessoas estão puxando o café, que está no terreiro, com rodos de ferro. Eles puxam o café para o meio do terreiro; no fundo da imagem, há árvores e pés de cana-de-açúcar e o céu azul. Há o barulho do atrito do rodo de ferro com o terreiro de cimento.

Qrcode 26 – Vó Elisabeth

O vídeo traz uma mulher em uma área externa, que veste uma blusa vermelha e calça nas cores amarelo e marrom, mexe em moinho de café que está pregado a um pilar de madeira, dizendo: “O moinho era da minha mãe de moer café, agora nós

moemos quirera para os pintinhos. Era da bisavó minha e agora ficou para os filhos.” No fundo da imagem, há ferramentas de uso no sítio, árvores e terreiro.

Qrcode 27 – Anoitecer na horta

No vídeo, vê-se a paisagem de um pôr do sol na chácara. A câmera filma um pé de bananeira e uma árvore, depois, focaliza um relevo e parte do céu amarelo e laranja; a câmera vai virando e destacando as nuvens e o céu escuro com estrelas e a lua. Há o som de grilos, sapos e pássaros.